



Universidade de
Aveiro
2012

Departamento de Línguas e Cultu-
ras

**MARIA DO CÉU
PEREIRA DUARTE**

**LEITURA HISTORICOBIOGRÁFICA
DA POESIA DE JOÃO SUCARELO
CLARAMONTE**



**Universidade de
Aveiro
2012**

Departamento de Línguas e Culturas

**MARIA DO CÉU
PEREIRA DUARTE**

**LEITURA HISTORICOBIOGRÁFICA DA POESIA
DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Doutor Francisco Topa, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Doutora Ana Margarida Ramos, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Para o meu filho, Manuel João.

o júri

Presidente: Prof. Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira, Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogais: Prof. Doutor Francisco José de Jesus Topa, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (co-orientador)

Prof. Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (arguente)

Prof.^a Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Os maiores e sentidos agradecimentos aos meus orientadores.
À minha irmã e à Rosa um muito obrigado por todas as palavras de incentivo.

palavras-chave

João Sucarelo Claramonte, Barroco, poesia satírica, crítica, seiscentos, biografia, Restauração.

resumo

Esta dissertação procura dar um primeiro passo na tentativa de recuperar a obra do poeta seiscentista João Sucarelo Claramonte, reconstituindo a biografia do autor e propondo um levantamento e leitura das referências históricas presentes na sua obra manuscrita. O presente trabalho configura-se assim como uma fase preliminar de um outro bem mais abrangente, que está ainda em curso e que só poderá ser apresentado mais tarde e noutras circunstâncias: a edição crítica da poesia, quase na totalidade inédita, de João Sucarelo.

keywords

João Sucarelo Claramonte, Baroque, satirical poetry, seventeenth century, biography.

abstract

This thesis seeks to take a first step to recover the work of seventeenth-century poet João Sucarelo Claramonte, retracing the author's biography and proposing a reading of the historical references in his texts. This work is as a preliminary phase of another much more comprehensive, which is still ongoing and that can only be presented later and in other circumstances: a critical edition of the poetry almost entirely unpublished of Sucarelo.

Índice

Apresentação	5
I. Leitura historicobiográfica da poesia de João Sucarelo Claramonte	13
1. Nascimento e formação académica	15
2. Sucarelo, um vate assumido	26
2.1. Relações com poetas da época	26
2.2. Um médico poeta ou um poeta médico?	30
3. O Porto seiscentista	30
4. Relacionamento com outras individualidades	34
5. Uma poesia repleta de patronímicos	44
6. O exercício da sátira	46
6.1. Dois sonetos paradigmáticos sobre o Porto	46
6.2. A poesia de maldizer	53
6.3. A caricatura de tipos sociais	56
6.4. Respostas à maledicência do autor	57
7. A poesia como reflexo de vivências	59
7.1. Traços de uma época	59
7.2. Viagens e deslocações	61
7.3. Acontecimentos históricos	62
7.4. A vida da capital	63
7.5. Os amores freiráticos	63
7.6. O autorretrato de um conquistador	71
8. Sucarelo e a guerra da Restauração	73

8.1. Contextualização do momento histórico	73
8.2. Pretensões do médico poeta	76
8.3. Nomeação como cirurgião-mor e títulos obtidos	79
8.4. A poesia como testemunho de vivências de guerra	82
9. Notas finais	85
II. Conclusão	87
III. Cronologia de aspetos da vida de João Sucarelo Claramonte	91
IV. Datação de alguns poemas	95
V. Bibliografia	99
A. Bibliografia ativa	101
B. Estudos sobre João Sucarelo Claramonte	102
C. Edições e estudos sobre outros autores da época	103
D. Estudos e obras sobre o Porto	104
E. Estudos e obras de contextualização histórica	105
F. Obras e documentação sobre personalidades referidas na poesia de Sucarelo	106
G. Estudos de carácter histórico, genealógico, biográfico ou biobibliográfico	108
H. Estudos sobre o Barroco	111
I. Dicionários e outras obras de referência	112
J. Outras fontes	113
L. Fontes <i>on-line</i>	113

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho configura-se como uma fase preliminar de um outro bem mais abrangente, que está ainda em curso e que só poderá ser apresentado mais tarde e noutras circunstâncias: a edição crítica da poesia, quase na totalidade inédita, de João Suçarello Claramonte. O objetivo de ambas as tarefas é o de fazer sair do esquecimento um nome importante da nossa literatura barroca, tornando visível uma faceta desta corrente menos conhecida e muitas vezes desprezada pelos comentadores, devido ao seu teor satírico e um tanto fescenino.

Procuramos assim, muito modestamente, dar continuidade ao trabalho daqueles que, como Aguiar e Silva¹, têm sublinhado o “complicado e luxuriante mundo novo a descobrir”² que o barroco representa, empenhando-se no resgate dos seus autores e textos mais significativos.

Porque o barroco português é muito mais do que o limitado conjunto das poesias recolhidas nas páginas da *Fénix Renascida*³, urge fazer ressurgir a outra faceta escondida e ignorada, da “arte acentuadamente realista e popular, animada de um poderoso ímpeto vital, comprazendo-se na sátira desbocada e galhofeira, (...). [A arte dos] Assuntos

¹ Vd. o prefácio de *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* (1971), no qual o autor fala em “Ressuscitar autores ignorados e obras esquecidas (...)”.

² *Idem*.

³ Antologia importante mas parcial, tanto mais que Matias da Silva Pereira, o seu editor, reconhece ter obedecido também a um critério *moral*: “não tenho intenção de dar lugar nestes tomos às obras que por profanas e impudicas o não merecem” (*apud* Pontes, 1953: p. 149).

banais, quotidianos, familiares, grotescos, indecentes (...)”⁴, porque também essa existiu e de forma muito visível e prolixa.

As palavras que Aguiar e Silva escreveu há 40 anos mantêm-se de facto atuais:

(...) quem pretender analisar as características da poesia barroca portuguesa, vê-se obrigado a proceder previamente – e durante longo período de tempo – a um autêntico labor de arqueologia literária, desenterrando das páginas manuscritas de numerosos cancioneros e miscelâneas as composições poéticas que vêm preencher lacunas, esclarecer tendências e gostos, revelar autores quase totalmente desconhecidos.

A necessidade deste labor demorado e penoso – mas também fascinante – só desaparecerá quando for possível publicar, com apuro científico, a parte mais importante e mais significativa da poesia do século XVII.

(...) O que nos parece necessário é publicar, em edições cuidadas, a obra de cada um dos mais representativos poetas do período barroco: Barbosa Bacelar, D. Tomás de Noronha, Fonseca Soares, Jerónimo Baía (...); e publicar igualmente, em volumes independentes ou colectivos, a obra dos poetas barrocos que poderemos considerar menores, mas tão interessantes pelo seu valor como testemunhos de certas correntes de gosto, de determinado tipo de visão do mundo, de uma dada sociedade e de uma dada cultura. Estão neste caso autores como Cristóvão Alão de Morais, Jacinto Freire de Andrade, Torresão Coelho, João Sucarelo, Serrão de Castro, Pinheiro Arnaut, etc.

Com tais edições, não lucrariam apenas os estudos de história literária, mas também os estudos sobre a história da língua portuguesa e sobre a nossa sociedade no século XVII.⁵

Quase respondendo ao repto lançado pelo investigador, propusemo-nos dar um primeiro passo na tentativa de recuperar a obra de Sucarelo (como outros o já fizeram com autores como Gregório de Matos, Jerónimo Baía, D. Tomás de Noronha, Jorge da Câmara, Tomé Tavares Carneiro, Barbosa Bacelar, Francisco de Vasconcelos e vários outros), reconstituindo a biografia do autor e propondo um levantamento e leitura das referências históricas presentes na sua obra manuscrita⁶.

Contra o que possa parecer, não se tratou de uma tarefa fácil, devido, por um lado, à desatenção de que o autor tem sido objeto e, por outro, à diversidade de movimentos

⁴ Aguiar e Silva (1971: p. 41).

⁵ *Idem.* (pp. 104-108).

⁶ Os poemas citados neste trabalho serão apresentados à parte, em anexo próprio.

que parece ter caracterizado a sua vida. Além disso, a natureza circunstancial de muitos dos poemas faz com que neles compareçam figuras e episódios tornados menores pela passagem do tempo e cuja identificação requer hoje um persistente trabalho de investigação.

Para levarmos a acabo esta primeira parte do nosso projeto, socorremo-nos antes de mais dos estudos – escassos e breves – dos poucos autores que se debruçaram sobre a biografia do poeta, dando a conhecer alguma documentação idónea, porque oficial e datada (cartas régias e portarias, atinentes à nomeação do autor para Cavaleiro da Ordem de Cristo ou para médico do exército nas campanhas do Alentejo, à época da Restauração). Valemo-nos também da dimensão testemunhal da própria poesia de Sucarelo, encarando-a como fonte para uma espécie de *arqueologia biográfica*⁷.

Estamos conscientes de que não devemos, em teoria e por norma, confundir o autor com a sua obra, o poeta com o sujeito poético. No entanto, as características particulares da época literária em causa e a natureza dos próprios textos – sobretudo os burlescos e satíricos – conduziram-nos num caminho divergente e permitiram-nos uma abordagem tendencialmente biográfica da sua poesia. Não pudemos pois negligenciar a enorme riqueza de informações históricas contidas nos seus poemas, algumas das quais muito fidedignas e de fácil comprovação (as personalidades, as situações, uma ou outra data, a toponímia...), nem a profusão de expressões deícticas que nos remetem para os mais diversos contextos situacionais: interlocutores e referentes de lugar e tempo, num processo que torna complicado destrinçar obra e realidade, dados os seus limites tão ténues⁸.

⁷ A expressão é de Barros (2008: p. 53).

⁸ A este respeito Pereira (2007: pp. 25-27), no seu trabalho sobre Jorge da Câmara, contemporâneo de Sucarelo, debatendo-se com questões da mesma natureza, afirma, entre outros aspectos relevantes nesta matéria:

Iniiciar um trabalho crítico (de crítica literária, mas também de crítica textual) com um conjunto de dados biográficos sobre o autor da obra em estudo poderá parecer natural, mas também um contra-senso, natural porque se trata quase de um lugar-comum nos trabalhos deste género; contra-senso porque esbarra numa série de princípios e doutrinas imanentistas propugnadas desde Valéry (que chegou ao extremo de ambicionar uma história literária despojada até mesmo dos nomes dos autores). [...]

A obra de um autor que tenha atravessado mais de três séculos em profundo silêncio [como é o caso da poesia de Sucarelo] necessariamente se posiciona perante o investigador como um objecto de interpretação, em permanente diálogo com a referencialidade extraliterária. Primeiro porque, no caso de uma obra dispersa por manuscritos, o nome do autor é, antes de mais, um dado textual, e a biografia por ele

Em Sucarelo, pareceu-nos, efetivamente, que a realidade serviu de mote à criação, uma vez que qualquer situação ou acontecimento, mesmo banais, foram pretexto para a produção de versos. A realidade e a vida, nas suas múltiplas vertentes, constituíram em grande escala as fontes de inspiração do poeta, que tanto versejou a propósito dos acontecimentos históricos da sua época, das circunstâncias boas ou más em que se encontrava, como escarneceu desta ou daquela personagem⁹ ou glosou a respeito dos amores freiráticos ou das jornadas que fez, num registo assaz concreto¹⁰.

Neste contexto, as palavras de Aguiar e Silva (1971: p. 2) adequam-se com exatidão ao caso concreto do poeta que nos ocupou e aos seus textos, que não podem ser encara-

materializada é, muitas vezes, o único instrumento de que dispomos para corroborar ou inviabilizar as atribuições autorais avançadas nesses testemunhos. Depois, porque, em última análise, esclarecer o(s) sentido(s) de um texto pertencente a outra sincronia equivale a procurar nos dados biográficos, tal como nos dados históricos, nos dados culturais ou nos dados linguísticos de um texto indícios em que hão-de assentar as nossas leituras. E finalmente porque em literatura são muitas vezes indistintas as fronteiras entre a vida e a criação, sendo de alguma forma falaciosas as teorias que simplisticamente nos apresentam um *autor concreto* e um *autor implícito* em compartimentos estanques.

Barros (2008: pp. 53-54) apresenta argumentos análogos, no seu trabalho sobre a poesia de Tomás de Noronha:

Se é certo que em momento algum da história literária é recomendável ceder ao biografismo e interpretar informações retiradas do próprio texto como dados reais concernentes ao seu autor, também é verdade que períodos como o barroco o autorizam e explicam mais do que outros, uma vez que os próprios poetas, além de constituírem muitas vezes a sua obra a partir de factos do domínio público, e de outros sucessos reais que pretendem pelo menos trazer ao conhecimento de um círculo de curiosos e de apreciadores, incluíam não raras vezes nos textos o seu nome, ou, com intuitos quase sempre burlescos, informação completa com raízes na realidade como o nome, a localidade na qual se achavam, a identificação do destinatário ou dos visados e outros dados mais ou menos comprováveis que aproximam o autor do sujeito poético, estreitando o mais possível a faixa não coincidente na sobreposição das esferas do real e do imaginário.

⁹ *Vd.* as décimas “Aqui neste posto escuro” e “Silva, aqui para entre nós”.

¹⁰ Sobre este assunto, Aguiar e Silva (1971: pp. 3-5) apresenta argumentos irrefutáveis:

Em todo o processo de criação literária – e na obra que daí resulta – há a considerar uma dipolaridade fundamental: por um lado, as estruturas genéricas de teor linguístico e literário que o autor encontra dominantes na sua época, com as quais estabelece variáveis relações de aceitação ou conflito, mas que de qualquer modo o condicionam como escritor; ainda neste mesmo pólo, há a assinalar todos aqueles elementos de vária ordem – religiosa, ética, filosófica, social, económica, etc. – que configuram a visão do mundo característica de uma dada época e de uma dada sociedade (ou grupo social) e que representam um factor de primeira importância não só para a compreensão dos temas característicos de um período literário, [...]; por outro lado, no outro pólo, em profunda ligação com os factores anteriormente mencionados, condicionada mas não determinada por eles, encontra-se a capacidade inventiva e criadora do escritor, a sua força imaginativa e reveladora do mundo e da vida, enfim a sua originalidade. [...] qualquer texto literário pressupõe, além de um sistema semiótico primário representado por um sistema linguístico, um sistema literário – conjunto solidário de ideias sobre a natureza do discurso literário, sobre a função desse discurso, sobre as relações entre a literatura e o real, etc. – e uma determinada visão do mundo.

[...] Esse vocabulário e essa sintaxe artísticos e essa imagem do mundo e do homem, que lhes anda indissolivelmente ligada, é que constituem os elementos definidores de um estilo de época.

dos “como entidades insuladas, microcosmos monàdicamente autónomos, estremes frutos de uma epifania misteriosa ou de uma expressão estritamente individual”, tendo até em conta que o próprio Sucarelo se identificou pelo seu nome em uma ou outra composição, constituindo-se, não raras vezes, ele próprio o referente de poemas em que as alusões ao *eu-aqui-agora* se conseguem documentar com alguma facilidade.

Será pondo a tónica no “estilo jocoserio em que levou a palma a todos os mais celebres professores desta divina arte”, que Barbosa Machado, em tom laudatório, se refere a Sucarelo na sua *Bibliotheca Lusitana*¹¹, afirmando ainda que “Das suas poesias se podiaõ formar diversos volumes”, realçando assim a importância do autor, não só pela qualidade como pela quantidade dos seus escritos.

Naturalmente que se revelaram determinantes também as legendas e notas acrescentadas pelos seus calígrafos, um dos quais Cristóvão Alão de Morais¹², extraordinariamente importante por ter sido contemporâneo e amigo de Sucarelo, o que o torna bastante credível. Esses elementos auxiliaram-nos na identificação de personagens e na contextualização de circunstâncias e acontecimentos, contribuindo, dessa forma, para uma compreensão e estudo mais cabais, não só da obra do poeta, como dos seus referentes culturais, sociais, epocais e históricos.

Para além das legendas de Alão de Morais no Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, tivemos também em conta as do Ms. 30767 da coleção *Additional* da

¹¹ *Vd. Machado (1747: II, p. 708).*

¹² Nasceu em São João da Madeira em 1632 e morreu em 1693. Entre outros cargos foi Desembargador da Relação do Porto e Corregedor da mesma cidade. Foi também genealogista e escritor de alguma fama. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. III, p. 573, diz-se curiosamente: “[João Sucarelo Claramonte] Poeta e médico que floresceu no Pôrto, na segunda metade do século XVII, sustentando nas lides poéticas rivalidade feroz com o desembargador Cristóvão Alão de Morais.” Camilo Castelo Branco (1874: Vol. 1, p. 32) considera também que Sucarelo e Morais foram “rivaes e inimigos” Não conseguimos entender o fundamento de tais asserções, tendo mormente em conta o título do Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, de que é autor Alão de Morais, que colige os poemas de Sucarelo. Posteriormente pronunciar-nos-emos ainda sobre este assunto. Camilo Castelo Branco (1874: Vol. I, pp. 34-35) acrescenta sobre o genealogista: “Ora os Alões são mais antigos em Portugal que os seus monarchas. D. Mendo Alão era senhor de Bragança, antes da vinda do conde D. Henrique a Hespanha. Alguns genealogistas lhes dão como antepassados os reis «álanos». Na igreja de S. Bartolomeu de Lisboa existiu o morgado de Santo Eutropio instituido por João Alão, bispo do Algarve. Esta familia está representada no Porto por descendentes que não desdouram tão nobre appellido.”

British Library, cujo título é “Poezias / do Doutor / João de Assucarelo / Claramonte. / Adquiridas de varios manuscritos, / e pella ordem em q. vão neste volume, / juntas, e escritas / por / Antonio Correya Vianna. / Lisboa = 1782 =”. Consideramos ainda as informações fornecidas por miscelâneas manuscritas em que surgem, a espaços, poemas do nosso autor. Convém no entanto ressaltar de entrada que as informações dos antologadores têm de ser frequentemente encaradas com reservas, tanto mais que são frequentes as divergências entre os testemunhos¹³, não sendo assim de descartar a possibilidade de erros e de interpretações superficiais ou abusivas¹⁴.

¹³ Exemplifiquemos: a décima “Veio à revista nossa” colocou-nos alguns problemas na identificação de uma personalidade – Francisco de Sá de Meneses – designada pelos antologadores com o mesmo nome, mas podendo referir-se a pessoas diferentes. Parece-nos mais credível a legenda de Alão de Morais – “Era Francisco de Sá de Meneses, o de Coimbra” –, que tem o cuidado de o distinguir de outro com o mesmo nome, que era do Porto, e para quem nos direciona a legenda “Mandando-lhe de Lisboa Francisco de Sá um romance (...)” do Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de autor desconhecido. Este seria, então, o proeminente autor do poema épico *Malaca Conquistada*, que, quanto a nós, dificilmente sujeitaria um soneto seu à revisão de Sucarelo.

Passos (1942: p. 179 e 181) esclarece: “[João Rodrigues de Sá, o Môço] Casou 2ª vez com Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva, do Pôrto, de quem teve, entre mais, Francisco de Sá, autor da *Malaca conquistada* (usou indevidamente o apelido Meneses, pertencente à geração do 1º matrimónio do bisavô).(...)

[Francisco de Sá Meneses] Nasceu em 1600, no Pôrto, e morreu em 1664. Autor do poema heróico *Malaca conquistada*. A Filipe III consagrou o autor a 1ª edição (de Matias Rodrigues, 1634); a 2ª (de Paulo Craesbeck, 1658), a D. Afonso VI. (...) Casou c. Antónia Andrade (...). Tiveram dois filhos : João Rodrigues de Sá, jesuíta (...) e Joana de Sá (...). Depois de enviuvar, o poeta, em 1642, professou no convento de S. Domingos de Benfica, onde foi Frei Francisco de Jesus. Indevidamente usou o apelido Meneses, que pertencia a outro ramo.”.

Monteiro in *Sás, Subsídios para uma genealogia* (s.d., pp. 119-120) explica: “Do 2º casamento de João Rodrigues de Sá, “O Moço”, com D. Maria da Silva, nasceu Francisco de Sá, autor da *Malaca Conquistada*, que casou com D. Antónia de Andrade, filha de Baltazar Leitão, Tesoureiro da Casa da Índia e Comendador de Cristo; teve geração que perdeu a varonia de Sás.”

No *Dicionário de Personalidades* (2004: XVII, p. 98), pode ler-se sobre Francisco de Sá de Meneses: “Escritor (Porto, 1600?-1664). Viúvo em 1642, fez-se dominicano com o nome de Frei Francisco de Jesus. Compôs (...) *Malaca Conquistada* (...).” Vd. também informação detalhada em Machado (1747: II, pp. 229-231).

¹⁴ A título de exemplo refira-se que na legenda do romance “Foi Sílvia para Alentejo”, Alão de Morais alude ao Doutor Santos de Sousa e na legenda da réplica a este mesmo romance, “Parte o medo para Aveiro”, que consta do Ms. 338 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, há uma alteração do nome para Doutor Santos de Moura. Se atendermos à legenda do genealogista, cuja autoridade se impõe, o Doutor Santos de Sousa poderá ser aquele referido no *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Volume XVII, de 1954, pp. 273-274, como Doutor Santos de Sousa Galhardo, uma vez que era vulgar, na época, não se aludir ao último apelido.

No sentido de alicerçarmos as nossas convicções, passamos a apresentar mais dois exemplos, que consideramos irrefutáveis: o último verso da décima “Senhor António de Abreu” – “de colhão preto isso não” – foi alterado por apresentar linguagem obscena. Assim, num testemunho dos *Portuguese Manus-*

Uma prova da validade de uma leitura historicobiográfica da poética de Sucarelo reside nas réplicas aos seus poemas – a que aludiremos à medida que tal se revele pertinente –, as quais possibilitaram a confirmação de circunstâncias referidas pelo autor.

A enraizada tradição manuscrita da poética de feição mais popular da época barroca cumpre, quase sempre, o objetivo de aludir com menosprezo a factos e acontecimentos, dar conta de situações caricatas, ridicularizar e achincalhar figuras públicas ou simples anónimos. Esclareça-se que a cópia manuscrita dos poemas tinha quase sempre como intuito a sua fruição no momento e não o objetivo de os legar à posteridade¹⁵, não havendo da parte do autor a preocupação de imprimir os seus versos ou de os perpetuar em seu nome¹⁶.

Consequentemente foi-nos difícil estabelecer uma ordem cronológica para todos os aspetos biográficos que fomos reunindo, uma vez que são raras as referências a dias, meses e anos, tanto nos poemas como nas legendas. No entanto, desenvolvemos esforços no sentido de logarmos estabelecer tantas datas quanto possível, com o objetivo de tornarmos o nosso trabalho mais fundamentado.

cripts da Library of Congress (talvez de início do século XVIII) “de colhão” passou a “de cachaço” e em dois testemunhos impressos, a saber, de Afrânio Peixoto e Mendes dos Remédios, a palavra obscena em causa é substituída pela seguinte grafia: “de c...”. No romance “Fui amar por meus pecados”, mais uma vez uma palavra, “Putá”, pelas razões óbvias para a época, foi alterada para “perra”, no manuscrito 30767 da coleção *Additional* da British Library, que data do século XVIII, como já referimos. Mas os exemplos não se ficam por aqui. Aguiar e Silva (1971: pp. 98-99 e 101-102) menciona a eliminação por parte do editor da *Fénix Renascida*, de estrofes de poemas de vários autores, “por considerá-las licenciosas e ever-soras dos bons costumes. [...] Matias Pereira da Silva não se limitou a expungir da sua colectânea as obras poéticas por ele reputadas como indecorosas e imorais: mutilou e deturpou, em muitos casos, o que os poetas de facto escreveram, de modo que a lição dos textos poéticos que apresenta, sobretudo quando esses textos são de tom realista, de índole satírica e burlesca – e tais textos constituem um aspecto fundamental da poesia do século XVII –, tem de ser acolhida, em princípio, com fundada reserva.”.

¹⁵ *Idem.* (p. 47) esclarece: “[...] proliferavam os cancioneiros de mão [...] processo de fazer circular a poesia numa sociedade onde ainda não se enraizara o hábito, ou onde escasseavam os meios materiais, de editar obras poéticas –, poucos poetas cuidavam de reunir e acepillar as suas obras no sentido de as darem à estampa, de modo a salvar assim as suas criações da precaridade dos manuscritos e da contingência das edições póstumas.”

¹⁶ A este propósito Viterbo (1950: p. 16) refere – erradamente, quanto a nós –, sobre os versos de Sucarelo: “É possível, porém que os [poemas] desta natureza fossem tão soltos, que não lhes fosse permitida outra circulação, além da manuscrita.” Como já vimos, a circulação manuscrita era a regra, não a exceção.

I. Leitura historicobiográfica

da poesia de João Sucarelo Claramonte

1. Nascimento e formação académica

Comecemos por atentar nos dados biográficos que conseguimos reunir sobre João Sucarelo¹, filho de Maria Rebelo e de António Sucarelo Claramonte².

Relativamente ao local de nascimento, e dada a ausência de um assento de batismo, duas hipóteses se colocam documentadas por registos fidedignos: ou a cidade do Porto³,

¹ O poeta é quase sempre referido pelo seu primeiro nome de família. Monteiro (1947: I, pp. 124-125) e Sousa Viterbo (1950: p. 6) aludiram a uma possível origem italiana deste nome, o que não nos parece descabido. Efetivamente, conseguimos detetar (Mariana: 1678, p. 593) um lugar com esse nome em Itália, referindo-se a um antigo porto de mar, próximo da então República de Génova, numa data muito próxima ao poeta. Uma outra referência surge mais tardiamente: “On 19 September 1795 D'Argenteau launched an assault on the heights of Sucarello near Borghetto, which failed, and on 23 November he was pushed back by Massena and cut off from the army of Savoy under Colli.” *Vd.* Kudrna e Smith (2008). Verificámos ainda que o apelido Sucarelo ocorre actualmente em Itália e também em Espanha, mas não lográmos encontrá-lo em Portugal.

² Segundo informações veiculadas por Monteiro (1947: I, pp. 124-125), António Sucarelo Claramonte foi cirurgião do Hospital de D. Lopo, que funcionava no n.º 171 da Rua das Flores, no Porto. Trabalhou neste hospital a partir de 5 de novembro de 1628 até 1647, altura em que partiu para Lisboa, “chamado pelo Senado da Câmara”, após longas contendas com os responsáveis pelo hospital. Terá sido um excelente médico, pois “impunha[-se] à consideração dos grandes da Corte justamente pela singularidade de fazer curas maravilhosas [...]”.

Antes de se instalar definitivamente em Lisboa, já Sucarelo ali ia de vez em quando curar doentes [...]. [...] o Senado da Câmara de Lisboa nomeou-o seu cirurgião na sessão de 4 de Junho de 1647.” *Vd.* também Monteiro (1926: pp. 32-42).

Viterbo (1950: pp. 6-7) confirma que era António Sucarelo Claramonte “clínico de fama e muitas vezes” chamado a Lisboa, “a convite de pessoas ricas e nobres” para curar com remédios da sua invenção. Morreu a 9 de setembro de 1649, “conforme se deduz de um mandado de pagamento, de 18 do mesmo mês e ano, em favor da sua viúva [...], extraído do Livro deles da Câmara Municipal de 1645 a 1654, fl. 187 [...]”: “Aos 18 de setembro de 1649 annos se passou mandado pêra Balthesar Telles Sinel, Thesoureiro da Cidade, pagar a Maria Rebello, viúva do licenciado Antonio Sucarello Claramonte, que foi çurgião da cidade 2,856 reis, de que se lhe mandou fazer o pagamento por tanto os venceu o dito defunto, do seu ordenado com o dito cargo nos dois meses e nove dias que serviu o 3º quartel deste anno presente a respeito de 15\$000 por anno – Jacinto Monteiro o scerui.”

No mandado anterior, o velho Sucarelo é tido como licenciado, contudo, as indicações de Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728), não vão nesse sentido. Atentemos nas suas palavras: “Do conjunto dos cirurgiões aqui referidos, o único comprovadamente graduado pela Universidade era António de Açores. Quanto aos restantes, seriam certamente profissionais aprovados pelo cirurgião-mor do Reino perante o qual deviam fazer exame de competência.”

³ Sampaio Bruno (1907: pp. 259, 262 e 264) atribui-lhe inequivocamente a naturalidade portuense. O mesmo acontece com João Paulo Freire (*Mario*), (d.l. 1925: pp. 16, 35-36), que afirma: “E são ainda do Porto: [...] o medico Sucarello Claramonte, chalaceador e chocarreiro, por vezes licenciado e impubli-

onde morou inequivocamente durante parte da sua vida, apontada pelos registos de matrícula e de exame da Universidade de Salamanca; ou Mesão Frio⁴, localidade indicada num documento ‘indireto’, a carta da autorização régia para a prática da medicina.

Frei Lucas, colaborador de *O Tripeiro*⁵, convencido da naturalidade portuense de Sucarelo, manifesta o seu repúdio por essa hipótese de nascimento, num artigo intitulado “João Sucarello”⁶, a propósito do que supõe ser o espírito pouco patriótico revelado pelo autor no soneto “Cheguei às três da quarta-feira”, ao qual aludiremos oportunamente. Escreve, categoricamente, o articulista: “antes portuense não fôra”. Monteiro (1926: p. 5), crendo que Frei Lucas estava equivocado quanto às origens tripeiras de Sucarelo, afirma: “Felizmente não era. Rejubilem os portuenses; caia a vergonha sobre *Mejam-frio...*”⁷.

vel. [...] Também conhecido por João de Succarello Claramonte. Poeta jocosos nado e creado no Porto e que apesar de bohemio incorrigivel foi cavalleiro de Christo. Das suas composições joco-serias apenas algumas composições manuscriptas chegaram até nós. Foi medico de fama e os seus versos eram copiados e passados de mão em mão como apreciado acepipe. Há d’elle impresso apenas um necrológio [impõe-se uma correção: são dois os poemas impressos, a saber a décima “Esta avaramente dura” e o soneto “Lágrimas brandamente derramadas”] que Maximiano de Lemos classifica de medíocre e que nunca conseguimos ver. Também lhe não conseguimos averiguar o anno do nascimento, nem tampouco o do falecimento, mas sabemol-o contemporâneo do Dr. Christovam Alão de Moraes de quem é a resposta á Satyra [“Bem caro te custou Gaspar de Anhaia,”] que na pagina seguinte se publica. Devia ter portanto existido na segunda metade do seculo XVII.” Pedro Augusto Dias, em *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* e n’*O Comércio do Porto* de 19.VIII.1926, atribui também a naturalidade portuense ao nosso autor, o mesmo se passando com Freitas (1952: p. 3) e, mais recentemente, com Fardilha (1982: p. 7) e Topa (1999: Volume II, Anexo, p. 175).

⁴ Trata-se de Mesão Frio, Vila Real, na altura Bispado do Porto, e não de Mesão Frio, atualmente no concelho de Guimarães.

⁵ “«O Tripeiro», propriedade da Associação Comercial do Porto, é uma revista de culto e tradição, colecionável, com preocupações de natureza literária e que guarda a memória colectiva da nossa comunidade.” In página *on-line* da Associação Comercial do Porto.

⁶ *Vd. O Tripeiro* de 15.VII.1926.

⁷ Já um pouco antes, em outubro de 1925, Delfim Guimarães (1926: p. 222) escrevera: “Um dos poetas citados por Paulo Freire, João Sucarelo Claramonte, principalmente afamado por um soneto depreciativo visando o Porto, embora nomeado em vários trabalhos bibliográficos como natural da cidade invicta, não foi, felizmente, filho do Porto. Nasceu em Mesão Frio esse vate satírico. Assim o evidenciou em face de documento insuspeito, o ilustre escritor, meu conterrâneo e saudoso amigo, dr. Sousa Viterbo. No *Arquivo historico português*, encontra Paulo Freire, querendo verificar a minha informação, a prova do que deixo exposto.”

António José Saraiva e Óscar Lopes atribuem-lhe uma ascendência judaica e admitem a perseguição pela Inquisição⁸, o que não nos foi possível documentar. É possível tratar-se de uma confusão com António Serrão de Crasto, autor de *Os Ratos da Inquisição*, contemporâneo de Sucarelo, que, por ser cristão-novo, esteve encarcerado durante dez anos.

Sobre esta matéria, permitimo-nos proceder a uma reflexão mais aprofundada, no sentido de tentar perceber as afirmações daqueles autores de tão reconhecida autoridade e, simultaneamente, refutá-las.

Estamos em crer que o cerne da questão se situa em torno de Mesão Frio, local provável do nascimento de Sucarelo, assunto a que voltaremos mais adiante neste trabalho. Sabe-se da existência de uma comunidade florescente de cristãos-novos nessa localidade, que motivou estudos de Elvira Mea, que, entre outros aspectos, deu conta de uma visita inquisitorial nessas paragens:

Com uma jurisdição que abrangia o bispado do Porto e o arcebispado de Braga, o tribunal [da Inquisição] procedeu a uma visitação a Mesão Frio em 1542, que se justifica apenas por se tratar duma localidade situada já nas franjas do bispado e dum núcleo influente de cristãos-novos, (...).

(...) São sentenciadas 78 pessoas (...) 29% de Mesão Frio (...).⁹

No âmbito das nossas pesquisas, encontrámos um soneto anónimo com o *incipit* “Diga, assim me perdoe a Reverência”¹⁰, que constitui uma réplica ao soneto de Sucarelo

⁸ “Além dos desqualificados por razões pecuniárias como Gregório de Matos e Tomás de Noronha, os perseguidos e vexados pela Inquisição a pretexto de sangue cristão-novo eram naturalmente propensos à sátira. É o que acontece com João Sucarelo Claramonte [...]” *Vd.* Saraiva e Lopes (1978: p. 539).

⁹ In “Os Portuenses Perante o Santo Ofício – Século XVI”, (2002: p. 417). Sobre esta matéria *vd.* também “A Rotura das Comunidades Cristãs-Novas do Litoral, Século XVII” (2002: p. 267, nota 6) e “A Inquisição do Porto”, (1979: p. 217), em que afirma:

(...) há três processos de apelação, um relativo a cristãos-novos ausentes e outro referente a uma visitação do bispo do Porto a Mesão Frio em 1542.

Parece-nos que seria esta a célebre ida a Mesão Frio apontada por Herculano, embora não refira data, até porque para uma terra com uma população de 130 ou 140 habitantes, como ele afirma também, não é de crer que se tenha repetido visitas em tão curto espaço de tempo (...).

(...) É curioso que encontramos mesmo processos referente a alguns dos denunciados em Mesão Frio.

¹⁰ Consta de dois manuscritos, um da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o 526, ff. 249v-250r, e outro da Paróquia de Alvarães, o I, ff. 93r-93v.

“Padre Girão, se a Vossa Reverência”, no qual se sugere uma ascendência judaica do autor, através do verso “Filho do Israelita patriarca”. Porém, tratando-se de uma sátira, a acusação deve ser encarada com muitas reservas.

Mau grado as considerações anteriores, tudo leva a crer que Sucarelo não tivesse origem judaica. Senão vejamos: na sua poesia há vários e inequívocos sinais de preconceitos antisemitas; por outro lado, percebe-se que o poeta se relaciona com pessoas muito influentes, que dificilmente se entrosariam com um cristão-novo, numa altura de profundo ambiente antijudaico¹¹; para além disso, o pai era médico no Hospital D. Lopo, como já demonstrámos, um pouco posteriormente a uma fase de grande perseguição do Santo Ofício a médicos de ascendência judaica¹²; por último, Sucarelo foi opositor a uma cadeira de Cirurgia na Universidade de Coimbra em 1649, numa época em que as ambições dos cristãos-novos eram completamente cerceadas, tal como se comprova:

Por Provisão de 29 de Abril de 1641 mandou ElRei que se observassem os Estatutos na vacatura das cadeiras, provendo-se por votos dos Estudantes, e que nenhum Christão novo fosse admitido a fazer oposição¹³.

Em Ribeiro da Silva (1985: I, p. 366) encontramos esclarecimentos adicionais sobre esta matéria:

E porque eram infiéis ao cristianismo, deviam ser proibidos de ingressar na Universidade e exercer profissões liberais como advogados, boticários, médicos.¹⁴

¹¹ A expressão é de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 367).

¹² Sobre este assunto, Ribeiro da Silva (1985: I, p. 366) demonstra: “E estranhamente louva-se e aprova-se que cinco médicos portuenses hajam sido presos em 1618; na verdade, além de reconhecidamente competentes, deviam constituir metade ou mais dos físicos da cidade. Um deles, Lopo Dias da Cunha, havia sido chamado em 1614 à Corte de Castela para aí exercer seu ofício.” O mesmo autor (1985: II, p. 725) insiste: “Após a morte do Doutor Lopo Dias, por volta de 1620, vítima da Inquisição, o provimento no caso de físico da saúde do Porto exigia, como condição prévia, a qualidade de cristão-velho. Em 1618, 5 médicos cristãos-novos haviam sido presos no Porto, como vimos, e a hostilidade contra os da nação ficou bem patente nas Cortes de Lisboa de 1619.”

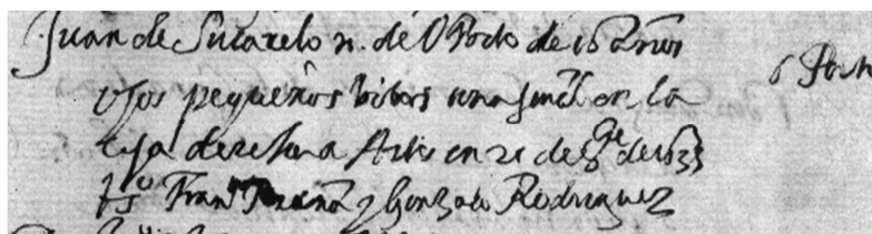
¹³ In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, pp. 131.

¹⁴ *Vd. também* I, pp. 368 e 369 de Ribeiro da Silva (1985).

Prosseguindo na tentativa de reconstituição biográfica de Sucarelo, considerámos 1620 como ano do seu nascimento, de acordo com informações obtidas a partir de registos da Universidade de Salamanca, que o poeta frequentou, e de cuja existência nos informou, muito gentilmente, Ángel Marcos de Dios, Professor Catedrático de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade de Salamanca.

Sabemo-lo inscrito a 22 de outubro de 1635, no primeiro ano de Artes (Arquivo da Universidade de Salamanca, doravante referido pela sigla AUSA, livro 342, f. 156) e a 12 de novembro de 1635, também no primeiro ano de Artes (AUSA, livro 343, f. 150 v). Só terá frequentado o primeiro ano nesta Faculdade, dos três necessários para o bacharelato, obrigatório para ingressar no curso de Medicina.

Dos *Registros de exámenes de estudiantes para ingresar en Facultad Mayor* de Salamanca consta também o nome do poeta como examinando de Gramática, uma vez que, de acordo com esclarecimentos de Ángel Marcos de Dios, o estudante, antes de iniciar os estudos em qualquer Faculdade, tinha de demonstrar a sua suficiência em latim, língua obrigatória nas aulas¹⁵. Adianta também que deve ter estudado esta disciplina em Portugal, porque não aparece na matrícula de Gramática e em Salamanca fez apenas o exame¹⁶. Através deste registo, cuja imagem facultamos mais abaixo, ficámos também inteirados de que a sua primeira inscrição naquela Universidade ocorreu a 21 de setembro de 1635 e que tencionava seguir o curso de Artes. Foram suas testemunhas Francisco Pereña, um espanhol, e Gonzalo Rodriguez, que tanto podia ser espanhol como português, porque *Rodrigues* se escrevia *Rodriguez*.



¹⁵ Sobre esta matéria, Almeida e Brandão (1937: p. 35) esclarecem: “A matrícula em Artes dependia da aprovação no exame de latinidade, e para a matrícula nas Faculdades maiores requeria-se o grau de bacharel ou licenciado em Artes.”

¹⁶ Sobre os mestres de gramáticas e os seus parcos ordenados cf. Ribeiro da Silva (1985: I, p. 295).

Este registo faculta-nos informações valiosíssimas: sobre a idade do poeta – tinha quinze anos na altura do seu exame – e sobre a naturalidade e aspeto físico: “Juan de Sucarelo natural de Oporto de 15 años ojos pequeños bibos una señal en la ceja derecha a Artes en 21 de septiembre de 1635. Testigos Francisco Pereña y Gonzalo Rodriguez.” Ou seja: “João de Sucarelo natural do Porto de 15 anos olhos pequenos vivos um sinal na sobrancelha direita...”

Questionámos Ángel Marcos sobre a razão de ser das testemunhas e da descrição física, tendo ficado a saber que se tratava de uma forma de confirmar a identificação do examinando e de evitar fraudes, não raras na vida universitária...

Entre a presença em Salamanca em 1635 e a frequência do curso de Medicina em Coimbra, iniciada em 1641, regista-se um hiato de seis anos na vida académica de Sucarelo, relativamente ao qual não conseguimos obter quaisquer informações.

No entanto, sabemos que em 16 de junho de 1638, governava então Filipe III (de acordo com a data descoberta em Salamanca, o poeta teria dezoito anos), Sucarelo é autorizado por carta régia a exercer medicina.

Na missiva do pedido de autorização previamente enviada ao rei D. Filipe III, o médico poeta afirma “ser latino”, ou seja, ser proficiente em latim – tal como vimos, o exame fora realizado cerca de três anos antes, em Salamanca. Não mencionou possuir qualquer grau académico, referindo que aprendera o seu ofício com um cirurgião (provavelmente o pai), e que o praticou em vários hospitais, o que exigiu que tivesse sido avaliado por médicos da confiança do monarca, que o deram como apto para a prática da medicina.

Transcrevemos, de seguida, a carta régia¹⁷, dada a relevância das informações que nos faculta:

Dom Phellipe etc. faço saber que João Sucarello Claramonte filho de Antonio Sucarello Claramonte natural de Mejam frio Bispado do Porto que elle me enviou a dizer que queria uzar da sciencia de serurgia por quanto a tinha aprendido com surigião aprouado e ser latino e tinha ouuido artes e uer e

¹⁷ A partir de Viterbo (1950: pp. 7-8).

praticar em varios hospitaes e uendo eu seu dizer mandej ao Doutor Simão Roubão da Costa meu fizico mor e ora por meu especial mandado serue de serugião mor que elle o examinasse na forma de seu regimento o qual o examinou com Balthasar Teixeira e Pero do Couto Cerqueira serugioens de minha Casa, e por me constar seu dizer e que era apto e sufficiente para usar da dita sciencia de surugia em todos meus Regnos e senhorios de Portugal sem duvida nem embargo algum que a ello lhe seja posto e por tanto mando a todos os meus Corregedores ouuidores juizes e justiças officiaes e pessoas dos ditos meus Reynos e senhorios a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della com direito pertencer que por o dito João Succarello Claramonte assim uzar e praticar a dita arte de surgia o não prendão nem avexem nem conçintão serlhe feito desaguizado nem sem razão alguma antes liurementemente de deixem usar do que dito he e outrosy mando a quoaquer outra pessoa que usar da dita arte de surgia sem minha licença ou do meu surgiõ mor encorrão em pena de trinta dobras de Banda conforme seu Regimento e denunciandonos o dito João Succarello que algũas pessoas uzão a dita arte de surgia sem licenças as emprazareis que em certo termo pareção perante o meu surgião mor e passado o dito termo sem mostrarem que parecerão as prendais e lhas enuiareis prezas pera delles fazer todo o comprimento de justiça na forma do seu Regimento e o dito João Succarello Claramonte jurará na minha chancelaria aos Santos evangelhos que bem e verdadeiramente uze do que dito he como cumpre ao seruiço de deus e meu e do pouo. Elrey nosso Senhor o mandou pelo Doutor Simão Roubão da Costa, fizico e sirurgião mor em seus Reynos e senhorios de Portugal. Dada nesta corte e cidade de Lixboa aos dezasseis de junho de mil seis centos trinta e oito annos Vicente de Siqueira por Manoel Mendes d'Araujo a fiz escreuer e sobescreui. (Arquivo da Torre do Tombo, liv. 28º de *Doações de D. Filipe III*, fl.190v.)

Naturalmente que a subsequente passagem de Sucarelo pela Universidade de Coimbra, no sentido de desenvolver estudos, muito certamente na área da Medicina¹⁸, será dos aspetos mais determinantes da biografia de Sucarelo. Impunha-se, pois, a acreditação desse exercício pela via universitária, uma vez que, e citando Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728):

¹⁸ Praticando algumas liberdades de imaginação, Carvalho (1926: p. 105) traça-lhe o retrato do típico estudante de Coimbra do imaginário popular, um jovem fanfarrão e galhofeiro, adivinhando uma voz do nosso autor ora suave ora “áspera e cuspidada, de insulto”, dependendo do teor das suas declamações, e afirma: “[...] porque o Succarello, que mais tarde foi um médico de nomeada, era então o maior garoto que frequentava os Estudos, gostando do vinho e do jôgo, sempre acompanhado da guitarra conhecida, ao longe, das mulheres e dos rouxinóis.” Monteiro (1926: p. 3) reitera a opinião do anterior e dá um contributo essencial para o apuramento de factos relacionados com a biografia de Sucarelo.

(...) havia a noção de que o verdadeiro cirurgião devia estudar e saber latim e não se contentar com fazer sangrias como faziam os barbeiros.

Tratar-se-ia do quebrar com a tradição e da busca de um maior reconhecimento profissional, e consequentemente social, na medida em que:

A profissão era aprendida experimentalmente em grande parte dos casos, como talvez o sugira o facto de, em 1641, com grande escândalo da Mesa da Misericórdia, o cirurgião António Sucarelo fazer-se substituir pelos seus praticantes na assistência aos doentes do Hospital.¹⁹

Neste sentido, a fazermos fé em Monteiro (1926: pp. 6 e 41-42), Sucarelo matriculou-se pela última vez a 20 de novembro de 1646²⁰ e termina a sua licenciatura a 22 de junho de 1647. Anteriormente a este ano letivo, frequentou outros cinco anos, tendo, portanto, iniciado os seus estudos universitários no ano letivo de 1641-42.

Tínhamo-lo visto, há pouco, em Coimbra. Digamos, a propósito, o que pude apurar, graças ao amável auxílio que me prestou o distinto e presado colega Dr. Maximino Correia (1).

Perguntando-lhe eu, se nos assentos da Universidade figura com o nome de João Sucarelo Claramonte, com que por vezes é também designado, o que faz supor procedência italiana, aquele colega disse-me, em carta, o seguinte:

«Não figura, nem nos livros de matrícula, nem no livro de actos e graus com qualquer outro nome além destes dois, mas também não existe outro João Sucarelo naqueles livros e por isso deve tratar-se do que lhe interessa. A última matrícula é no ano lectivo de 1646-47 com a data de 20 de Novembro e reza assim: “João Sucarelo, filho de Antonio Sucarelo, do Porto – 20 de Novembro de 1646”. Esta matrícula figura no “livro X”, 1646-47. Frequentou, além deste ano, ano da formatura e do grau, mais cinco anos lectivos anteriores a este. Num outro “Livro de actos e graus” encontra-se no nº 33, as folhas 87 verso, a notícia da formatura: “Fez-se acto de formatura aos 22 de Junho de 1647, sendo aprovado *nemine discrepante*, tendo recebido grau no mesmo acto.»²¹

¹⁹ Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728).

²⁰ A sua matrícula consta do livro X, em que aparece apenas como João Sucarelo, tal como foi vulgarmente conhecido. (*O Instituto*, 1931: Vol. 81, pp. 430-431).

²¹ *Vd* Monteiro (1926: p. 6).

Nesta cidade parece ter-se dado muito bem, como deixa transparecer nos versos extraídos da carta “que fez o autor a Dom Rodrigo de Meneses”, onde compara a sua situação com a do seu destinatário:

[...]
Mas aqui com sossego
tudo achamos nos campos do Mondego;
vós à vista do Tejo
sacrificais nas aras do desejo
a doce liberdade do alvedrio.
eu que nas margens deste manso Rio
sei vítima fazer da liberdade
logro o gosto à medida da vontade,
canto, ouço cantar, como e descanso,
e tudo quanto emprendo, tudo alcanço.
[...]

São efetivamente em número considerável os poemas que atestam a sua passagem por Coimbra, embora não consigamos precisar se todos se relacionam com a sua situação de estudante. As informações são-nos disponibilizadas quer nos paratextos dos seus antologiadores, quer por informações explícitas do poeta²².

Alguns autores apontam uma grave mancha no seu currículo académico. Defendem que Sucarelo terá fugido da guerra travada em defesa da pátria contra os castelhanos, não acompanhando “a academia de Coimbra, comandada pelo próprio Reitor, que avançou para o Alentejo onde muitos actos de bravura cometeu²³”. Para a justificação desta ideia, fundamentam-se num soneto atribuído a Sucarelo, que, pela sua importância, passamos a transcrever:

²² A este propósito *vd.* as décimas: “Corre por esta cidade” e “Partidos desesperados”; os romances “A vós, Pantaleão da Silva”, “Reverendo Estagirita” e “Cá para os Paços de El-Rei”; as silvas “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”, “Coçaste-me a borbulha” e “São graves os estudantes e bem-nascidos”; e os sonetos “Aqui debaixo desta pedra fria”, “Guardadoras do gado deste outeiro” e “Soror Dona Barbata, em que vos pês”.

²³ *Vd.* Monteiro (1926: pp. 4-5), que acrescenta: “o endiabrado Sucarelo, achando que era forte dar o corpo ao manifesto, voltou costas e recolheu a casa justamente no dia de S. Martinho, a acreditar num soneto que então escreveu”.

Soneto

A Domingos de Figueiredo

Cheguei aqui às três da quarta-feira,
dia do glorioso São Martinho;
fundámos com fundagem a festa em vinho
e tudo ali se foi numa poeira.

“– Bota cá dessa bota outra goteira”,
disse eu com cara alegre e bom focinho;
“– Dá cá presunto de Entre-Douro-e-Minho,
brindemos aos amigos da fronteira.”

O licor como bom morreu de velho
a quem disse entornando um copo cheio
“Requiescat in pace o liteireiro.”

Esta é em breve a letra do Evangelho;
o mais que houver direi para o Correio.
Um abraço ao Diogo, outro ao Valeiro.

De facto, é historicamente comprovável que a academia de Coimbra participou nas guerras da Restauração, sob o comando do Reitor Manuel da Saldanha, tal como se pode verificar:

Por Carta de 3, 5 e 6 de Dezembro de 1644 ordenou ElRei ao Reitor que fizesse armar os Estudantes e formasse algumas Companhias, com as quaes passasse ao Alentéjo, porque tinha aviso que o inimigo vinha sitiar Elvas, e tratando elle de executar ésta ordem lhe-chegou outra carta de 9 do dito mez para que suspendesse a marcha, porque se-tinha levantado o sítio, e por Carta de 11 e 19 de Janeiro agradeceu ElRei ao Reitor, e aos Lentes o ânimo, com que estavam para o servirem; e em 22 e 25 de Outubro do dito anno, tornou a escrever ao Reitor que marchasse com os Estudantes ao Alentéjo, e com effeito marcharão em número de 630, o que ElRei depois lhe-agradeceu, e tambem aos Lentes, que o acompanharão [...].²⁴

Apoiando-nos meramente na leitura do soneto, não nos é possível fazer afirmações conclusivas, uma vez que não temos acesso ao ano dos acontecimentos nele enunciados. No entanto, se a academia partiu para o Alentejo em 22 e 25 de outubro de 1645 e Suca-

²⁴ In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, 1819, pp. 132-133.

relo não a integrou, a data referente ao dia de São Martinho – 11 de novembro – para chegada ao Porto é, supomos, bastante plausível. Para além deste dado, o verso “brindemos aos amigos da fronteira” pode sugerir que o poeta, “que fugira da metralha” (Monteiro, 1926: p. 7) sem que revele grandes problemas de consciência nem arrependimentos, de “cara alegre e bom focinho”, num momento de farra²⁵, se tenha lembrado dos seus companheiros de estudos a lutar pela pátria e lhes tenha feito um brinde, mencionando particularmente dois deles, o Diogo e o Valeiro, a quem manda um abraço. A aceitarmos este conjunto de circunstâncias, o soneto terá sido elaborado por volta de 11 de novembro de 1645. O seu eventual espírito pouco patriótico terá a ver com a sua suposta ascendência estrangeira? Ignoramos, embora a hipótese não se nos afigure destituída de sentido.

²⁵ Sucarelo não foi poupado a duras críticas por Frei Lucas, a quem já aludimos, em “João Sucarello”, (*O Tripeiro*, 15.X.1926). Não podendo ser mais crítico e arrasador, traça um retrato do poeta nos piores termos possíveis, assumindo como um dado adquirido a sua deserção:

[...] incível character, tão vergonhoso agora para os honrados tripeiros, sempre lesto e prestes na defesa da Liberdade.[...]

A academia de Coimbra, então como sempre, não ficou inerte nem apática e, comandada pelo seu próprio reitor Manuel de Saldanha, de longada se foi até ao Alemtejo, cometendo actos de bravura que deram brado e enchem de orgulho Portugal renascido e livre.

Alguns dos legionários, porém, acharam o sacrifício demasiado e, fugindo aos ajustes, abandonaram armas e bagagens recolhendo a penates para, em capitosas libações e chorumentas comezainas, curtirem as fadigas da jornada e apagarem o incendio de patriotismo que, intensamente, os chamuscava.

D’êstes, Sucarello um foi, que por mór desdita sua legou á posteridade o vínico soneto que ao diante se lerá. [...]

Santo Deus, que miserável coisa! Usar da diviníssima arte para cantar a própria poltroneria! O último verso da segunda quadra, esse, então, é uma pustula de baixeza e de crápula.

As façanhas do Reitor Manuel de Saldanha, de quem nos ocuparemos mais adiante, e da Academia de Coimbra encontram-se aturadamente referidas em Almeida e Brandão (1937: pp. 37-46).

Serrão (1980: pp. 32-33 e 90) esclarece:

Para a defesa da fronteira contribuiu então o corpo de estudantes da Universidade de Coimbra, ali recrutado por ordem do monarca, e que juntou seis companhias, num total de 630 homens, sob a chefia do reitor Manuel de Saldanha. O Rei mandara-lhes defender a praça de Elvas, ordenando depois ao reitor que se lhe juntasse em Montemor-o-Novo, onde ele próprio acorrera para dirigir as operações. O perigo foi, entretanto, afastado, e no fim do ano o corpo estudantil pôde regressar a Coimbra, sem perda de frequência do ano escolar (...). (...) destacou-se a acção diligente e patriótica do reitor Saldanha, que por diversas vezes o monarca elogiou.

Em 1649, Sucarelo, se não se tratar de um seu homónimo, foipositor a uma cadeira de Cirurgia na Universidade de Coimbra. No entanto, há informações que atribuem a posse desta cadeira a outropositor, por concessão de 1650²⁶.

2. Sucarelo, um vate assumido

2.1. Relações com poetas da época

O médico e o poeta não se dissociam²⁷. Sucarelo, designado por um seu calígrafo, de nome desconhecido, como “famoso poeta”²⁸, assumiu cabalmente a sua condição de vate reconhecido, na décima “Veio à revista nossa”, em resposta a um pedido de Francisco de

²⁶ Monteiro (1926: pp. 6-7): “De facto, em 1649 aparece João Sucarelo na Universidade de Coimbra como *opositor* a uma cadeira de Cirurgia, para a qual foi nomeado outro concorrente em 1650.

Estas informações devo-as também ao presado colega Dr. Maximino Correia, que em 28 de Julho do ano corrente me disse em carta:

«É com maior desgosto que lhe anuncio que nada mais encontro àcerca do João Sucarelo. O homem não deve ter sido lente, pelo menos de Medicina, pois no período que decorre entre 1648 a 1652 o seu nome não consta do livro de multas ou faltas, onde se encontram os nomes *de todos os lentes* para fazerem os devidos descontos e pagamentos. [...] Percorri, também, a partir de 1647, o livro de posses e vacaturas, e foi onde encontrei o nome de João Sucarelo, como opositor a uma cadeira de Cirurgia em Maio de 1649. Mas a posse desta cadeira, dada em 1650, foi atribuída a outropositor, que não o João Sucarelo.»

²⁷ Variados autores e fontes destacam essa dupla faceta do nosso poeta. Assim, Costa (1789: pp. 336-337) afirma: “JOÃO SUCARELLO CLARAMONTE, Cavaleiro da Ordem de Christo, Medico famoso, e o maior Poeta comico do seu tempo. Floreceu no seculo passado. *Poesia Comica*.”.

Na Encyclopédia Portuguesa Ilustrada, Porto, Vol. III, p. 73, diz-se a propósito de Sucarelo: “Diz Barbosa [Machado] que nascera na cidade do Porto e fôra Cavaleiro de Christo, excelente medico e poeta distinto, especialmente no género joco-serio, tudo quanto escreveu ficou manuscrito, à excepção de um medíocre necrológio em verso.”

Pereira (1914: p. 260) escreve sobre Sucarelo, num jogo de palavras muito esclarecedor: “João Sucarelo Claramonte era medico e poeta satirico. Receitava “sangrias” e impiedosamente “sangrava” os seus patricios em sonetos desbocados...Trabalhava o soneto com a mesma mão firme com que manejava o bisturi [...]”.

O Sucarelo médico é ainda referido num folhetim de *O Comércio de Porto*, de 19 de agosto de 1926, nos termos que se seguem: “Em Portugal contamos numerosos os doutores amantes das camenas e conhecido é o carinho com que, não poucos por ellas téem sido acolhidos. O Porto conta nos seus médicos, nativos e adoptivos, poetas que conhecemos desde João Sucarelo Claramonte, filho d’esta cidade, médico do século XVII, poeta distincto, cujos escriptos, segundo disse o erudito, e já esquecido, Sampaio (Bruno), foram publicados em 1669 por Christovam Alão de Moraes, seu amigo; mas d’elles e de seu autor não dá notícia o «Diccionario Bibliographico Portuguez.”.

Impõe-se, quanto a este folhetim, duas correções pertinentes: em primeiro lugar, as poesias de Sucarelo não foram publicadas, como aí se afirma, mas sim coligidas em manuscritos; em segundo lugar, a data atribuída aos “escriptos” referidos anteriormente não está correta. De facto, houve um lapso do autor do folhetim, Pedro Augusto Dias, uma vez que o manuscrito de Cristóvão Alão de Morais é do ano de 1667.

²⁸ *Vd.* o soneto “Que fio de ouro ou cabelo ondado”.

Sá de Meneses²⁹ para que fizesse a revisão de um seu poema, embora o seu despertar para a poesia tivesse sido assumido com muita modéstia, a dar crédito à legenda de Alão de Moraes (aposta à décima “Fílis um desmaio teve”): “Quando o Autor fez esta décima pediu aos circunstantes que nenhum dissesse que era sua porque foram os primeiros versos sérios que fizera”.

Sabemo-lo requisitado para fazer versos ‘por encomenda’, como atestam os romances “Manda o Senhor Dom Miguel³⁰”, “Madrepérola algum dia”, “Faz anos Dona Maria”, “Reverendo Frade Lóio” e talvez as décimas com o *incipit* “Absorto na quarta esfera”³¹. Vemo-lo também assumir-se como poeta do seu tempo ao citar o verso “não vimos Rio nem bebemos água” do seu contemporâneo Diogo Camacho, o Bordalengo³², na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”. Na sua poesia, faz várias referências a vates de nomeada, designadamente do *siglo de oro* espanhol, no verso “em Camões, Lope, Gón-

²⁹ Na p. 10 deste trabalho tecemos já considerações sobre Francisco de Sá de Meneses.

³⁰ Poderá ser D. Miguel de Portugal, diplomata e teólogo que nasceu em Lisboa em data desconhecida e morreu, também na capital, a 3 de janeiro de 1644. Doutorado em Teologia, desempenhou o cargo de deputado do Santo Offício e foi inquisidor e cónego em Coimbra. Ficou conhecido pela sua carreira de diplomata, nomeado por D. João IV como embaixador de Roma, para onde partiu em 1641, no sentido do reconhecimento da independência de Portugal pela Santa Sé. *Vd.* Monteiro (1723: pp. 407 e 494); Silva (1727: p. 123); Machado (1752: III, p. 472); Santarém (1843: Tomo IV, p. 31); Serrão (1980: p. 70); Farinha (1990: p. 331); Costa e Cunha (2010: pp. 87, 131, 147, 156, e 180) e *Dicionário de Personalidades* (2004: Volume XVIII, p. 122).

Contudo, pelas indicações extraídas dos versos de Sucarelo, “Manda o Senhor Dom Miguel, / Segundo de Portugal,”, estamos em crer que se trate, mais certamente, do VII Conde de Vimioso, pois é o segundo desta família com o nome Miguel, o mesmo do seu tio, bispo de Lamego, a quem nos referimos anteriormente. Cf. Sousa (1755: pp. 213-214).

³¹ Sucarelo disputa a autoria deste poema com D. Tomás de Noronha.

³² Machado (1741: I, p. 682) esclarece: “Diogo de Sousa natural da Vila de Pereira distante duas legoas da Cidade de Coimbra para parte do Poente, descendente de família nobre, e ornado de hum sublime genio para a Poesia de cuja divina Arte deixou varias obras sendo a que vio a luz publica com o nome suposto de Diogo Camacho”.

Castro (1763: Tomo Segundo, Partes III e IV, pp. 308-309) acrescenta: “Diogo de Sousa, Author da celebre *Jornada do Parnazo*, que anda no tom. 5 da Fenix renascida em nome suposto de Diogo Camacho, Poeta Bordalengo, foy natural do termo de Coimbra, e bem mostrou o genio festival com que a natureza o dotou, inclinando-o à Poezia alegre, pois naquele género he a tal obra muy galante, e de juízo.”

gora ou Petrarca”³³ e nos versos “Assim o Fénix de Espanha, / o nosso Lope de Vega”³⁴, revelando também conhecimento da literatura de Gil Vicente³⁵.

Não raras vezes, entrou em picardias poéticas com outros autores da época, a propósito do versejar exuberante e pleno de conceitos que Sucarelo condena³⁶. Um dos fustigados foi João Rebelo Pegas³⁷, cidadão portuense aspirante a poeta, talvez dedicado à exportação de vinhos ou ao comércio de bacalhau³⁸, morador na Rua de Belomonte³⁹ (ou Belmonte), onde erigiu capela⁴⁰; um outro foi António Barbosa Bacelar⁴¹, tendo co-

³³ Do soneto “Padre Girão, se a Vossa Reverência”.

³⁴ *Vd.* o romance “Soror Úrsula, que sois”.

³⁵ *Idem.*

³⁶ Sobre esta matéria, Aguiar e Silva (1971: p. 110) refere: “As sementes de tais condenações [da lírica barroca], porém encontram-se já esparsas ao longo do século XVII e dos primeiros anos do século XVIII, quer em composições poéticas de carácter satírico, quer em obras de teor crítico pertencentes a autores que, situados num contexto estético-literário de tipo barroco e embora aderindo a valores barrocos, denunciaram alguns aspectos negativos da poesia do seu tempo.”

Também Rocha (1989: p. 143) se pronuncia sobre este assunto, afirmando “O fenómeno de rejeição duma moda literária nunca se apresenta sob a forma de um corte radical, passível de datação rigorosa. Antes da saturação, antes mesmo do alvorecer de nova doutrina, podem ser detectadas prematuras posições críticas no seio da própria escola (...)”

³⁷ A este propósito, *vd.* o soneto “Esta vil poluição do entendimento”.

³⁸ *Vd.* Ribeiro da Silva (1985: I, p. 168 e 239, nota 14 e II, p. 833), que alude a um João Rebelo Pega, comerciante de bacalhau e um dos maiores exportadores de vinho da cidade do Porto entre 1620 e 1640, portanto homem de cabedais suficientes para poder erigir capela, como adiante referiremos. A coincidência dos nomes é evidente, pelo que consideramos que se trate da mesma pessoa.

³⁹ “Toda a grande pedreira que se estendia da cerca os frades de S. Francisco e de S. Domingos, monte acima, até à porta do Olival, pertencia à cidade, e por ela corria, nos meados do século XV, uma calçada de S. Domingos, mais ou menos no lugar onde hoje se rasga a Rua de Belomonte.

Em 1470, a Câmara procurou urbanizar o local, aforando alguns chãos, mas pouco depois cedeu os terrenos aos dominicanos que tomaram sobre si esse cargo...e proveito.

A Rua de Belomonte aparece assim em princípios do século XVI, graças à iniciativa dos frades. As primeiras trinta varas de chão foram por eles aforadas, em 1503, ao armeiro Álvaro Gonçalves, o personagem tão conhecido de «A Última Dona de S. Nicolau», para construir cinco moradas de casas – «assim como pegava da escada que sobe para a viela da Esnoga, pela Rua de Belomonte acima, da parte da Vitória», reza a respectiva escritura.

No fim da rua, antes de chegar ao Largo de S. João Baptista, hoje de S. João Novo, havia um cruzeiro que deu o nome ao local: Padrão de Belomonte.” (Freitas, 1999: pp. 62-63; 2006: pp. 88-90).

⁴⁰ “Ainda na mesma rua, acima do Padrão, numas outras casas, instituiu capela João Rebelo Pegas, cavalheiro seiscentista que fazia versos em extremo ridículos e tinha grandes prosápias de literato. Intitulou um dos seus livros, que cremos não chegou a ver a luz do dia, *Política Amorosa em Frase Culta*: saiu-lhe o Dr. João Sucarello Claramonte, satirizando a obrinha no soneto que começa *Esta vil poluição do entendimento* [...]. A casa deste João Rebelo Pegas pertencia, no século passado, à família Matos Corveira.” (Freitas, 2006: pp. 91-92).

mo motivo um soneto deste começado por “Este nasce, este morre, acolá soa”⁴², do qual escarnece⁴³.

Mas não se fica por aqui o génio mordaz de Sucarelo. Também no soneto “Aónio, que de Délia namorado”, que tem como legenda “A um estudante que andava com D. Mariana de Luna⁴⁴, que fazia versos”, as referências a propósito da poetisa são da maior descompostura: critica a sua tirania amorosa, a sua vida dissoluta, o aspeto artificial e os floreios dos seus versos, a que Machado (1752: III, p. 431) alude apologeticamente,

⁴¹ António Barbosa Bacelar viveu entre 1610 e 1663. Nasceu em Lisboa, estudou Direito em Coimbra, tendo-se dedicado à magistratura. Entre outros cargos, foi desembargador no Porto e magistrado na Casa da Suplicação em Lisboa. Foi um poeta conhecido do seu tempo.

⁴² Passamos a transcrever o soneto que deu origem ao remoque de Sucarelo, tal como se encontra publicado na *Fénix Renascida*, II, p. 84:

À variedade do mundo

Este nasce, outro morre, acolá soa
Hum ribeiro, que corre aqui suave,
Hũ rouxinol se queixa brando, e grave,
Hum Leão c'o rugido o monte atroa:

Aqui corre hum fêra, acolá voa
Co graõsinho na boca ao ninho hũa ave;
Hũ derruba o edificio, outro ergue a trave,
Hũ caça, outro pesca, outro enferoa:

Hũ nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo Ministro aquele adora,
Outro segue do Paço a sombra amada,

Este muda de amor, aquele atura;
Do bẽ, de que hũ se alegre, o outro chora,
Oh Mundo, ó sombra, ó zombaria, ó nada!

⁴³ Pontes (1953: p. 148) dilucida sobre esta matéria:

A poesia culta reluzia, brilhava e rebrilhava, recamada de lantejoulas; eram de prata os rios; eram pérolas as lágrimas; e havia ouro e diamantes em quase todos os versos. Os conceitos, realmente, tudo davam, isto é, tudo exprimiam. Burlescos, bufões, os romances e até os sonetos de Sucarelo explicar-se-ão talvez por uma espécie de reacção contra o hieratismo e a des-humanização da poesia culta.

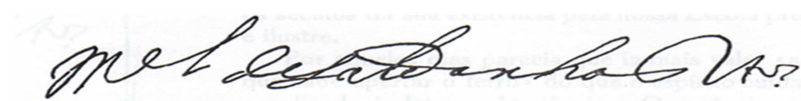
⁴⁴ De acordo com a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XV, p. 614, Mariana de Luna nasceu em Coimbra, filha do lente da Universidade Pedro Barbosa de Luna. Foi a segunda mulher do ministro espanhol Diogo Soares e viveu em Madrid durante parte do período filipino. Foi poetisa e em 1641 escreveu um livro de versos em castelhano e português intitulado *Ramalhete de flores à felicidade deste Reino de Portugal, em sua milagrosa restauração por sua majestade D. Juan IV do nome e XVIII em número dos verdadeiros reis portugueses*, editado em 1642. De acordo com Machado (1752: III, p. 775), Violante do Céu, na p. 14 da sua obra *Rimas*, dedicou-lhe um elogio métrico intitulado “Musas, que no jardim do Rey do dia”. *Vd.* também Silva (1862: pp. 144, 146 e 207).

afirmando “o seu engenho alcançou grandes aplausos pela subtileza dos conceitos, cadência das vozes, e novidade das idéas”.

Saliente-se também a disputa travada entre Sucarelo, com o soneto “Padre Girão, se a Vossa Reverência”, e o dito “padre Girão”, que respondeu com “Diga, assim me perdoe a Reverência”. O teor de ambos os poemas prende-se com o menosprezo da arte poética de cada um, traduzido em remosques de parte a parte.

2.2. Um médico poeta ou um poeta médico?

Os motivos das composições poéticas de Sucarelo são diversos e, frequentemente, reveladores de aspetos relacionados com o seu modo de vida, denunciando-o como um homem da medicina. Assim, no romance “Manda o Senhor Dom Miguel”, escrevendo sobre o “flagelo da luxúria”, afirma “Que de moças melindrosas / Vemos vir ao Hospital, / cuja saúde e beleza / parecia de pedra e cal.”; nas décimas “Partidos desesperados”, Sucarelo expôs problemas de classe que ocorriam em Coimbra, uma vez que, de acordo com a legenda do calígrafo, a avença atribuída aos *médicos de partido* não era paga pelo Reitor Manuel de Saldanha⁴⁵, cuja assinatura reproduzimos abaixo⁴⁶.



Mencionou conflitos entre colegas de profissão na redondilha “Foi Peixoto a Guimarães”; de igual forma, aludiu nos seus poemas à prática do seu ofício, designadamente

⁴⁵ “Manuel de Saldanha, licenciado em Canones, e Inquisidor de Evora, natural de Lisboa, filho de João de Saldanha, Comendador de Alcains, e Salvaterra na Ordem de Christo, e de Leonor de Menezes, sendo um dos tres nomeados pela Universidade foi provido no lugar de Reitor por ElRei D. Filipe IV, de que se-lhe-passou Provisão em 8 de setembro de 1638, e tomou posse, e juramento em 2 de Fevereiro de 1639.” Foi Reitor da Universidade até 1659. In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, pp. 130-133; *Vd.* também Monteiro (1723: pp. 407, 416 e 452); Leitão (1724: p. 170); Almeida e Brandão (1937: p. 39) e Torgal (1981: Vol. 1, p. 117).

⁴⁶ A partir de Almeida e Brandão (1937: p. 42).

no romance “A vós, Pantaleão da Silva⁴⁷”, no qual não poupou o, supomos, amigo e colega de profissão (dele diz que era “médico capitular”), de sensatos conselhos médicos, baseados na “arte medicinal” de Galeno e outros. A prática da sua profissão encontra-se também referenciada nas redondilhas que se apresentam em seguida, às quais Cristóvão Alão de Moraes acrescentou esclarecedoras legendas. Refira-se, a título de curiosidade, que, na primeira quadra, Sucarelo delegou a sua visita de médico num colega, o “Matos de Matosinhos”, a quem ele fez seu “Procurador”:

Redondilha

Um Prior de Moreira mandou pedir ao Autor que lhe fosse ver uns inchacinhos que tinha, e ele lhe respondeu co’a copla seguinte

Faço meu Procurador
ao Matos de Matosinhos,
para ver os inchacinhos
que tem o padre Prior.

Epigrama

Dando uns suores o Autor ao Vedor-Geral António de Sequeira Pestana⁴⁸, lhe mandou umas patacas, que o autor não quis aceitar e lhe respondeu

Deus, que ao Mundo por nós veio,
este preceito nos deu:
que viva cada um c’o seu
e não c’o suor alheio.

Assim que fora, Senhor,
estranho estilo e grosseiro
comer eu este dinheiro,

⁴⁷ Machado (1752: III, pp. 504-505) diz: “Pantalião da Sylva natural da Cidade do Porto escreveo com estylo sincero *Relação Summaria do sentimento com que os moradores da Cidade do Porto celebrarão a nova do sacrilego desacato que se fez a Deus Sacramentado na Igreja da Freguesia de Odivelas*. Lisboa por Antonio Crasbeek de mello 1671. 4º”

⁴⁸ Personalidade de destaque nas guerras da Restauração foi “Antonio de Sequeira Pestana, natural da vila de Arronches, filho de Francisco Pestana.

Fidalgo Cavalleiro, por Alvará de 9 Setembro de 1649; confirmado por outro de 10 de Julho de 1652. Livro 4 da Matricula, folhas 89 e 123 verso.

Tem a integra.” In *Diccionario Aristocratico* (...). Tomo Primeiro, 1840: p. 248. Vd. também Ericeira (1759: pp. 140, 236, 311, 376, 377 e 382) e Sotto-Mayor (1868: p. 108).

custando o vosso suor.

3. O Porto seiscentista

Sendo um filho adotivo ou natural do Porto, cidade à qual alude frequentemente na sua poesia, Sucarelo aí passou, seguramente, grande parte da sua vida.

Como testemunho da sua fixação no Porto, são várias as referências a locais desta cidade e arredores, quer em informações veiculadas nas legendas pelo seu mais fidedigno antologizador, Cristóvão Alão de Moraes, quer em alusões explícitas de Sucarelo. Neste sentido, apurámos que locais como São João da Foz, Miragaia, Moreira da Maia, Maia, Matosinhos e Leça eram familiares ao autor. Encontramos, igualmente, referências a locais um pouco mais distantes, como Arrifana, Baltar, Benviver⁴⁹, Braga, Caldas⁵⁰, Grijó, e ao seu mosteiro secular⁵¹, Guimarães e Penafiel.

Detenhamo-nos, no entanto, em pontos específicos da cidade do Porto. Não nos será difícil imaginar o nosso poeta a calcorrear a Rua Chã⁵², a Rua da Reboleira⁵³, das mais

⁴⁹ No sítio do Arquivo Distrital do Porto ([Consult. 02 de set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:<http://pesquisa.adporto.pt/cravfrontoffice/?ID=517898>>,) pode ler-se: “Os tabeliães do 11º officio exerceram a sua actividade no concelho de Benviver, antigo concelho da província do Douro, que foi unido ao de Soalhães por decreto de 31 de Março de 1852. Pela extinção deste concelho em 31 de Dezembro de 1853, Benviver passou a fazer parte do de Marco de Canaveses. Benviver é, hoje, nome de vários lugares, como de um pertencente à freguesia de São Tomé de Covelas, concelho de Baião.”

⁵⁰ Estamos em crer que se refere às Caldas da Rainha, que já em setecentos eram simplesmente conhecidas como “Caldas” (cf. Ribeiro da Silva, 1985: II, p. 1097 e Silva, 2006: pp. 135-138), o mesmo acontecendo atualmente, uma vez que, dada a sua importância, não necessitavam de ser particularizadas.

Gaspar Leitão da Fonseca, Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, nascido em Tomar a 13 de janeiro de 1680, vivendo ainda em 1759 (cf. Silva, 1859: pp. 130-131), foi autor de um manuscrito que existe na Biblioteca Nacional de Lisboa no qual dá notícia da viagem de D. João V a Tomar, em abril de 1714. Refere, então: “(...) El Rey D. João o Quinto (...) depois de ter sahido da sua corte e descansado na Castanheira com a suave Muzica das religiosas do seu convento e dahi honrar com piedosa assistência o saudável sitio das Caldas, caridosa edificação da rainha D. Leonor, (...)”. Reproduzido a partir de *Claro, Escuro*. Revista de Estudos Barrocos. Lisboa. 2 & 3 (1989), p. 62.

⁵¹ Mosteiro agostiniano, na freguesia homónima, concelho de Vila Nova de Gaia.

⁵² “O beneditino Pereira de Novais, o curioso cronista da cidade no século de seiscentos, explica-nos «tem nome de Rua Chã, isto é, plana, grande e espaçosa... rua plana, que dizemos Chã, por ser plano o seu pavimento». [...] Não evidentemente para os nossos conceitos de urbanismo.” (Freitas, 1999: pp. 101-102).

⁵³ É uma rua na Ribeira, no Porto. “O topónimo deve ser bastante antigo, pelo menos datando dos séculos XIII-XIV, quando se começou a urbanizar para poente do Rio da Vila.” (Freitas, 1999: p. 295).

antigas da cidade, já presente no Porto medievo e ainda existente, a Rua Nova⁵⁴ e a Viela do Ferraz⁵⁵, todas em plena zona histórica da Invicta, sendo das artérias onde se concentrava o grosso da população da cidade⁵⁶. Ao percorrermos os poemas de Sucarelo e respetivas legendas, confrontámo-nos com inúmeras referências diretas ou indiretas a conventos portuenses: Convento de Santa Clara, Convento de Monchique, Convento de S. Bento⁵⁷, locais óbvios de recolhimento, mas mais vocacionados, na época, para festas e encontros amorosos nas grades, muito pouco platónicos e pudicos. A este respeito, deter-nos-emos posteriormente de forma mais detalhada.

⁵⁴ A rua já é mencionada num documento de 1301. A sua designação mudou para Rua Escura, que mantém atualmente, em virtude da abertura da Rua Nova, por ordem de D. João I, depois chamada Rua Formosa, posteriormente Rua Nova dos Ingleses e hoje Rua do Infante D. Henrique. *Vd.* Cunha e Pinto (1742, pp. 149,155 e 318); Gama (1864: p. 205); Cruz (1944: pp. 27-28); Freitas (1999: p. 136) e sítios da Câmara Municipal do Porto: [Consult. 28 ago. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=E&fokey=cmp.toponimia/841>>; WWW: <<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=N&fokey=cmp.toponimia/1401>>.

⁵⁵ A Viela do Ferraz ainda existe atualmente, embora com o nome alterado para Travessa do Ferraz, de acordo com informação obtida no sítio da Câmara Municipal do Porto: [Consult. 28 ago. 2012]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=F&fokey=cmp.toponimia/889>>. Passamos a transcrever:

O «censual da Mitra do Porto», mandado fazer em 1540 pelo bispo D. Fr. Baltasar Limpo, refere a artéria que depois tomou o nome de viela, agora Travessa do Ferraz, dizem que do chantre da Sé, Afonso Ferraz. O proprietário das casas que esquinavam então da Rua das Flores para esta serventia era Gaspar Ferraz, da mesma família do chantre, e que bem poderia ter dado o nome à rua... (*Toponímia Portuense* de Andrea da Cunha e Freitas).

A data da alteração do nome é de 8 de outubro de 1953. Esta vetusta artéria da cidade do Porto é mencionada abundantemente na mais diversa bibliografia, dedicada essencialmente ao estudo das comunidades judaicas da cidade do Porto, nomeadamente no que respeita à sua localização. *Vd.* também Pereira (1914: p. 100); *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* (1969: XXXII, p. 837), numa citação de A. de Magalhães Basto; Tavares (1982: I, p. 65); Ribeiro da Silva (1985: I, p. 103); Mea (2002: p. 415) e Moncóvio (2006-07: p. 338).

⁵⁶ *Vd.* Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 117-118).

⁵⁷ O Convento de Santa Clara, referido indiretamente no verso “as Madres do Codeçal” do romance “Que fazeis na vossa Terra”, situava-se junto à muralha fernandina e às Escadas do Codeçal, ainda hoje existentes, que ligam a zona da Batalha à Ribeira do Porto. Sobre esta matéria *vd.* Alves (s.d., pp. 274-295).

O Convento da Madre de Deus de Monchique, de freiras franciscanas, estava situado em Miragaia. Foi fundado por Pedro da Cunha Coutinho e sua mulher, D. Beatriz de Vilhena. Alusões a este convento podem ser encontradas na carta “Meu Gregório Martins, Deão do Porto” e no romance “Que fazeis na vossa Terra”.

O Mosteiro de São Bento da Avé Maria foi mandado fundar por D. Manuel, em 1518. Foi demolido no final do século XIX e ficava no espaço hoje ocupado pela estação ferroviária de S. Bento. Podemos encontrar referências a este convento no soneto “Aqui se esconde o corpo bem logrado” e no romance “Senhor soldado da armada”.

Locais de encontro eram também as fontes, havendo na poética de Sucarelo menções à Fonte dos Framengos⁵⁸, na carta “Meu Gregório Martins, Deão do Porto” e à Fonte das Virtudes⁵⁹, no romance “Fui amar por meus pecados”.

4. Relacionamento com outras individualidades

O autor referiu-se frequentemente a individualidades da sua época⁶⁰, como é o caso de, entre outros, Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita, na redondilha “Fervem os Pontificais”. Este, que nasceu em 1585 e morreu a 20 de dezembro de 1672, foi uma personalidade insigne da cidade do Porto, “Mestre dos príncipes filhos d’el rei D. João IV”⁶¹.

Também se referiu à “Condessa de Vilanova⁶²”, dedicando-lhe um soneto por altura da sua morte, dando a entender aspetos do seu comportamento dissoluto e afirmando “com desejos e fome nos deixou, / e ela se meteu farta na cova.”.

⁵⁸ De acordo com Ribeiro da Silva (1985: I, p. 93), já existia em 1628 e ficava “do outro lado do Rio”, em Vila Nova de Gaia. O nome deriva da comunidade flamenga radicada na cidade, “aqui ocupando posições notáveis no comércio, nomeadamente de cereais, apetrechos para a construção naval, armas e munições, etc. (...)”. Situava-se “próximo dos muros ou da outra banda do rio, em Vila Nova: (...). A afluência de embarcações flamengas é tão abundante que em 1618 os intérpretes ou «lingoas» dos flamengos (e alemães) eram o dobro dos de outras nações. É elucidativo que a um dos chafarizes implantados em Vila Nova se tenha chamado «fonte dos framengos».” (Ribeiro da Silva, 1985: I e II, pp. 132, 350-351 e 1058).

⁵⁹ Construída em 1619 e designada também como Fonte do Rio Frio, a Fonte das Virtudes terá sido concebida por Pantaleão de Seabra e Sousa, fidalgo da Casa Real e Regedor da Cidade. A este propósito *vd.* Costa (1947: IX, p. 490).

⁶⁰ A este respeito, leia-se o interessante trabalho de Freitas (1952: pp. 3-12), em que procura identificar muitos dos nomes referidos nos poemas de Sucarelo e do qual nos socorremos. Do mesmo autor, utilizámos também *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação*, vol. XVI dos *Documentos e Memórias para a História do Porto*.

⁶¹ Cf. Silva (1842: VI, p. 289). Sobre esta personalidade *vd.* também Costa (1789: pp. 84 e 345), que o identifica como confessor da Rainha D. Luísa de Gusmão, embaixador de D. João IV à Santa Sé e bispo do Porto, Guarda e Portalegre; Serrão (1980: p. 70); Torgal (1981: I, pp. 153-154, 268 e 350) e Ribeiro da Silva (1985: I, p. 269).

⁶² Tendo em conta o nome e as informações veiculadas pelo poeta, poderá tratar-se de D. Mariana de Lencastre, terceira mulher do 3.º conde de Vila Nova de Portimão, envolvida simultaneamente com D. João IV e o célebre D. Francisco Manuel de Melo. Mesquita (1993: p. 175) relata o episódio que envolve este triângulo amoroso:

Dom Francisco Manuel de Melo, ilustre prosador, poeta, dramaturgo, historiador, político, diplomata, militar e polígrafo português, nasceu em Lisboa a 23 de novembro de 1608, e morreu na mesma cidade em 13 de outubro de 1667.

Crendo que a autoria do romance “Que ides forro e a partir”⁶³ é de Sucarelo, foram preciosas as informações do copista ao identificar os intervenientes de uma situação caricata em que se viram envolvidos dois membros das famílias mais poderosas e prestigiadas do Porto de seiscentos: os Sás e os Sousas, de quem Sucarelo afirma “Vós os dous de basto tendes”, que disputavam D. Joana de Sarmento, freira de Lorvão. Por lapso, terão sido trocadas as cartas dirigidas a cada um deles. Um dos intervenientes foi D. Manuel de Sá⁶⁴, a quem o poeta se refere como “o irmão do *Camareiro*” e “o irmão do Conde”, por ser irmão de João Rodrigues de Sá e Meneses, camareiro-mor de D. João IV, alcaide-mor da cidade do Porto e 3.º Conde de Penaguião⁶⁵, e D. Luís de Sousa⁶⁶, irmão de Henrique de Sousa Tavares, Governador da Relação do Porto, 3.º conde de Miranda

Depois de haver prestado grandes serviços à nação e ter sido confidente e amigo do duque de Bragança, mais tarde D. João IV, foi por este cruel e ignobilmente perseguido à conta de umas espadeiradas que lhe aplicou o poeta, num duelo que travaram, no pátio do palácio da Condessa de Vila-Nova, amante de ambos. Na Torre Velha doze anos esteve preso D. Francisco Manuel, sem embargo de nada se provar contra ele, num processo de crime de morte, que lhe era totalmente estranho, e no qual se viu envolvido. Segundo se infere de certos fatos, durante o duelo em que o intelectual se empenhara com o monarca, só este reconheceu aquele na penumbra do pátio que serviu de teatro à peleja. D. Francisco teve conhecimento de quem era o seu antagonista somente depois de ter padecido dois ou três anos de cárcere.

⁶³ O autor disputa a autoria deste poema com Tomé Peixoto de Sá, poeta seu contemporâneo.

⁶⁴ Sousa (1747: XII, Parte I, p. 26), na genealogia dos Sás e Meneses, dilucida: “(...) foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que entrou a 19 de Dezembro de 1649, passou a Collegial eleito a 7 de Fevereiro de 1656, Doutor em Canones. Morreo naquela Universidade moço.”.

⁶⁵ (*1619 †1658). Da “casa dos Alcaide-Mores da Cidade [do Porto], [dos] poderosos Sás de Meneses, Condes de Penaguião” (cf. Basto, 1941: p. 90), foi casado com Luíza Maria de Faro, filha do 6º Conde de Atouguia. Foi um dos quarenta aclamadores e homem de confiança de D. João IV e, por isso, seu camareiro-mor. Acompanhou o Rei nos últimos dias e a ele coube-lhe o privilégio de lhe fechar os olhos, na hora da morte, e preparar o corpo para ser sepultado. Foi enviado numa missão diplomática a Inglaterra, combateu na guerra da Restauração, durante o cerco a Badajoz e na retirada para Elvas. Morreu nesta cidade, a 22 de novembro, vítima “de peste contraída na guerra, após a expugnação do forte de S. Gabriel (terras de Badajoz)” tendo o seu corpo sido trasladado posteriormente para o Porto, para o Convento de S. Francisco, “com pompa e honras militares” (cf. Passos, 1942: p. 182).

Na *Enciclopédia Histórica de Portugal* (1938: 193-195) aponta-se o dia 4 de novembro como data de nascimento, mas 31 de dezembro para o seu falecimento. Confirma-se, no entanto, o motivo da morte do Conde D. João:

Atacado pela peste que então dizimava o exército português, o conde de Penaguião retirou-se para o convento de S. Francisco, fora das muralhas da cidade e ali faleceu contando apenas 39 anos de idade.

Mendes de Haro [general castelhano] portou-se como verdadeiro fidalgo, enviando no dia seguinte o cadáver para a cidade, com toda a pompa e honras devidas, sendo ali sepultado, mas mais tarde trasladado para o convento de S. Francisco, no Pôrto, onde tinha o seu jazigo.

Sobre o Conde D. João Rodrigues de Sá e Meneses *vd.* Costa e Cunha (2010: *passim*) e também *Dicionário de Personalidades*. (2004: XVIII, pp. 79-80).

⁶⁶ Sousa (1747: XII, Parte I, p. 534), na genealogia dos Sousas, esclarece: “(...) Cardeal da Santa Igreja de Roma, Arcebispo e Capelão mor (...)”.

do Corvo e 1º Marquês de Arronches⁶⁷, a quem aludiremos seguidamente de forma mais pormenorizada.

As poderosas famílias portuenses Sá e Sousa⁶⁸, que possuíam para além dos títulos de, respetivamente, Conde de Penaguião e Conde de Miranda do Corvo, muitos outros, estabeleceram entre si laços familiares. A título de exemplo, refira-se que os contendores de quem nos ocupámos anteriormente eram primos, uma vez que a mãe de Henrique de Sousa Tavares e Luís de Sousa, Leonor de Mendonça, casada com Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda⁶⁹, era tia de João Rodrigues de Sá e Meneses e Manuel de Sá, irmã do pai destes, Francisco de Sá e Meneses, 2.º conde de Penaguião⁷⁰. Ribeiro da Silva (1985: I, p. 309) confirma a situação, afirmando:

Por volta de 1629 estas duas casas achavam-se unidas por laços familiares pois os Condes de Penaguião e de Miranda do Corvo aparecem referidos como cunhados.

Foi em louvor de Henrique de Sousa Tavares, a quem já nos referimos, que Sucarelo fez o soneto “Neste insigne aparato que à vaidade” – um dos raros em tom panegírico do

⁶⁷ *Vd.* Costa (1947: IX, pp. 529).

⁶⁸ Sobre a nobreza do Porto, esclarece a obra *História do Porto*, sob a direção de Luís de A. de Oliveira Ramos, pp. 317-319:

A primeira questão a pôr é a seguinte: se a nobreza do Reino não poderia ter casa no Porto nem residir dentro da cidade por tempo superior a três dias e se tal privilégio foi mantido até ao reinado de D. Manuel I, de que nobreza portuense da época moderna se poderá falar?

É preciso esclarecer que aquele privilégio aparentemente segregacionista não era aplicado a todos os nobres de forma indiscriminada nem existia apenas no Porto. [...]

O que se pretendia era evitar que os grandes senhores, laicos ou eclesiásticos, se viessem instalar dentro de muros, impondo a sua lei que era naturalmente a da força e a da exceção. No fundo, trata-se de um privilégio destinado a defender a população urbana das prepotências e impunidades dos grandes privilegiados, [...].

Mas no Porto moderno viveram famílias nobres ainda que não muito numerosas nem provavelmente de cepa fidalga antiquíssima. [...]

A nobreza titulada resumia-se a poucas famílias. Destacaremos os Sás, que foram condes de Penaguião por concessão de Filipe II, tornando-se mais tarde marqueses de Fontes e de Abrantes. Tinham casa na Rua Chã e durante séculos detiveram a posse do cargo de alcaide-mor e capitão-mor da cidade. A segunda família era a dos Sousas, que Filipe II fez condes de Miranda do Corvo. Durante algumas gerações foram governadores da Relação e Casa do Porto. O 3º conde foi feito 1º marquês de Arronches por D. João IV. Possuíam o seu paço no alto da cidade e lá funcionou provisoriamente o tribunal antes de se mudar para a sua sede própria na Cordoaria.

⁶⁹ Sobre os Sousas *vd.* também Gayo (1941: p. 132).

⁷⁰ Sobre os Sás e Meneses *vd.* Gayo (1940: XXVI, pp. 118-119).

nosso poeta –, a propósito de um jantar dado pelo conde de Miranda “aos pobres do Hospital”, nas palavras do copista.

Também menciona na sua poesia Francisco de Carvalho⁷¹; o Prior do Mosteiro de Moreira⁷² e, entre muitas outras figuras, o Dr. Manuel de Seabra e Sousa, Arcediago da Régua e Provisor do Bispado do Porto. Por altura do desaparecimento deste último – 28 de julho de 1664 (Freitas, 1952: p. 11) –, que “morreu de melancolia”, de acordo com o antologizador Alão de Moraes, fez a redondilha que se segue:

Redondilha

Gastou todo o bom humor,
deixou o ruim para o fim;
porque se não fora assim,
não morrera o Provisor.

O poeta correspondeu-se com algumas dessas personalidades, nomeadamente Gregório Martins Ferreira⁷³. A título de exemplo, transcrevemos alguns versos da silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”, cuja réplica apresentamos em anexo, em que, encontrando-se ausente do Porto, em Elvas, como esclarece o compilador na legenda que apresenta, escreve ao seu destinatário em busca de consolo e notícias:

Carta a Gregório Martins Ferreira, Deão que foi do Porto, estando o Autor em Elvas

Meu Gregório Martins, Deão do Porto,
meu único conforto
da ausência e do desterro em que me vejo
feito Abegão nos campos do Alentejo;
se é que vos mereço,

⁷¹ Talvez seja o mesmo Francisco de Carvalho, Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, que nasceu em Lisboa em data desconhecida e morreu na mesma cidade em 1659. Foi fidalgo-cavaleiro de casa real, conselheiro e procurador da Real Fazenda, Chanceler da Casa da Suplicação, Desembargador do Paço e petição e Chanceler-mor do Reino e Senhorios, no tempo de D. João IV. *Vd. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, VI, p. 74. Diz um seu biógrafo que “morreu pobre porque administrou a justiça com verdade e inteireza” (Freitas, 1952: p. 5).

⁷² Moreira é uma freguesia do concelho da Maia, distrito do Porto.

⁷³ Gregório Martins Ferreira foi Deão da Sé do Porto e exerceu o cargo até março de 1654, altura em “que foi por sentença privado do benefício” (Freitas, 1952: p. 3).

pelas muitas saudades que padeço,
 alguma piedade
 sede remédio à minha saudade;
 tomai na mão a pena,
 invocai a suavíssima Camena,
 pintando sempre fresco,
 e com estilo lírico ou burlesco;
 suspendendo do Douro as doces águas,
 contai-me vossa vida e vossas mágoas,
 [...]

Das personalidades mais mencionadas na obra poética atribuída a Sucarelo, Duarte Ribeiro de Macedo, desembargador da Relação e Casa da Suplicação do Porto e ainda Desembargador dos Agravos da mesma cidade, diplomata e também poeta de alguma fama⁷⁴, é, sem dúvida, aquela que se destaca pela quantidade e qualidade das menções, pelo que podemos pressupor a existência de grande proximidade entre ambos.

É o próprio Duarte Ribeiro de Macedo quem dá conta dessa grande amizade numa silva com a legenda “Ao Doutor João de Sucarelo”⁷⁵, na qual tece os maiores elogios ao amigo, hiperbolizando a sua fama e desejando-lhe saúde; explica a dor e as lágrimas da partida, o que motivou a ausência da tradicional despedida, inspirando-se nos versos de Camões no episódio “Despedidas em Belém”; informa sobre o sítio em que vai ficar instalado; comenta a atribulada situação em que se encontra a capital, com o Tejo blindado de “fragatas”; refere uma visita ao Bacelar, certamente o poeta Barbosa Bacelar, a quem enaltece, apelidando-o de “Cisne do Tejo, Fenix da Poezia”; e alude a uma futura viagem de Sucarelo “Para entre Douro e, Minho”. Passamos a transcrever o poema, pela sua importância e pelos esclarecimentos que proporciona.

Ao Doutor João de Sucarelo

Sylva

A Vós, senhor João Sucarelo,

⁷⁴ A este nível, o essencial do seu trabalho está reunido nos dois tomos de *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo* (...), Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

⁷⁵ *Vd. ob. cit.*, tomo II, livro II, pp. 306-307.

Que deste ao mais remoto paralelo
Sabeis chegar co'a fama,
Vos dezeja saúde quem vos ama:
Quem auzente de vós tem conhecido
Quanto sabe sentirse o bem perdido.
Dessa terra me vim sem despedirme,
Mas não obrava o gosto de partirme,
Amigo, esse descuido,
Que foi intento tudo,
Que posto he de amor uzança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa;
E como era forçosa esta partida,
Temi deixar nas maons da despedida
Da vida todo o alento,
Que he mui custozo hum vosso apartamento.
O dia em que parti com tantas agoas
O Ceo acompanhava minhas magoas:
Que entre o muito chorar, e o chorar muito,
Passava este Ribeiro nunca enxuto;
Em pessoa com tudo, e sem pessoa
Cheguei á grão Lisboa,
Em Enxobregas fico,
E a saudade de cá vos sacrifico;
Olhai o que deveis a esta vontade,
Que passa com saudades saudade.
Se quereis vos dê novas desta Corte,
Não há nova de porte,
Digo, que o porte valha desta carta;
Mas porque em fim não parta
Sem esta obrigação, que he já forçosa;
Aqui se ordena Armada poderosa,
Porque oprimido de fragatas vejo
O cristal puro do sagrado Tejo,
E pelas ruas também anda armada
A fermosura, ou grave, ou engraçada.
O Bacelar vou ver deste retiro,
Seus versos ouço, sua voz admiro,
Prezidente de toda a Academia,
Cisne do Tejo, Fenix da Poezia.
Em quanto não fizeres o caminho
Para entre Douro, e Minho,
Posto que estais sem mim, vivei comigo,
E o Ceo vos guarde amigo:
Deste lugar, adonde
No mar o tejo seu cristal esconde.

A proximidade entre ambos é também testemunhada na décima da autoria de Ribeiro de Macedo “Daqui, Senhor Regedor”⁷⁶, em que se percebe estar o autor em companhia de Sucarelo, numa visita a D. Rodrigo de Meneses⁷⁷.

Ao atentarmos no conteúdo de cinco poemas atribuídos a Sucarelo e que se relacionam com o diplomata, facilmente detetamos uma grande cumplicidade entre ambos. Assim, e apoiando-nos na legenda do copista, o teor da décima que transcrevemos seguidamente prende-se com pormenores da vida íntima do Dr. Duarte Ribeiro de Macedo:

A Duarte Ribeiro, mandando-lhe perguntar como passara a noite em
Coimbra com uma moça a que chamavam Cunhada

Veio Elisa muito guapa
ao retrete onde eu me dispo;
dormiu em cama de Bispo,
com cobertores de Papa;
está feita uma gualdrapa
de dormida e desvelada,
nos colchões agasalhada,
entre cortinas de seda;
enfim Elisa é moeda,
porque é batida e cunhada.

O romance “Juiz que na sala livre” contextualiza a presença do amigo do nosso poeta em Elvas. Neste poema, Sucarelo refere a sua estadia num “ditoso alvergue”, perto do “Escorregadio” (rua de Elvas, que ainda existe) e dá conta pormenorizadamente da sua rotina diária num dia de verão, com alguns detalhes que, a nosso ver, só se revelam nu-

⁷⁶ *Vd. ob. cit.*, tomo II, livro II, p. 323.

⁷⁷ Filho do 2.º conde de Cantanhede, D. Pedro de Meneses (Costa e Cunha: 2010, p. 115), terá vivido entre 1610 e 1675. Figura importante da Restauração, foi Regedor da Justiça e Casa da Suplicação (em 2 de Maio de 1654 já o era) e Deputado da Junta dos Três Estados, Governador da Relação do Porto de 1650 a 1654, entre outros cargos. Casou com D. Guiomar de Meneses, por volta de 1640. Foi muito próximo do infante, futuro Rei D. Pedro II, e um homem de letras do seu tempo, correspondendo-se assiduamente com o P.º António Vieira. *Vd. Ericeira* (1698: II, pp. 484, 745, 821, 843); *Alegrete* (1727: p. 292); *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu* (1735: I, pp. 128-308) e (1735: II, *passim*); Sousa (1738: V, p. 289); Monteiro (1746: pp. 189-228); Silva (1856: pp. 7, 43) *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (1865: VI, p. 241); Costa (1947: IX, p. 528) e Costa e Cunha (2010: pp. 7, 43 e 115).

ma relação de grande familiaridade. A silva “Coçaste-me a borbulha” é uma carta de resposta a outra que mandou a Sucarelo o Dr. Duarte Ribeiro de Macedo, estando em Coimbra. Nessa mesma resposta, o nosso autor, entre outros aspetos, recorda com saudade os tempos passados nessa cidade. Mas, a correspondência entre ambos não se fica por aqui. Estando o autor em Lisboa, descreve e critica a vida licenciosa da capital ao seu amigo, que se encontrava em Coimbra, na silva com o elucidativo *incipit* “Meu Duarte Ribeiro” e um segundo verso que adianta traços físicos do seu interlocutor – “meu Bacharel barbinhas de sedeiro”, não menos importante para atestar da amizade entre ambos, terminando afavelmente o poeta com as palavras “vosso João Sucarelo Claramonte”, não sem antes aludir desbragadamente à vida sexual do amigo em Coimbra, nos versos “fornicando de graça / as duas Margaridas da Couraça;⁷⁸”.

O poema de tom escatológico, e respetiva legenda, que seguidamente reproduzimos, não podiam ser mais esclarecedores da relação muito próxima entre Sucarelo e Duarte Ribeiro de Macedo, dando conta dos dois companheiros numa situação muito particular, que dispensa explicações:

Estando uma noite fazendo câmara⁷⁹ o Autor em companhia do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Desembargador do Porto, deu o dito Duarte Ribeiro um traque grande, dizendo um verso:

Desabafa, coração;

E logo o Autor, que era pouco afecto a Miguel de Tavares, criado do Conde de Miranda⁸⁰, que era Tesoureiro das despesas, respondeu continuando a redondilha:

e quando desabafares
lança um grande cagalhão
para Miguel de Tavares.

⁷⁸ A Rua da Couraça de Lisboa situa-se em Coimbra e desemboca na Universidade. Também a ela se referiu Saramago (1997: p. 137): “(...) a Couraça de Lisboa, íngreme calçada por onde têm rolado muitas ilusões perdidas de bacharelato e licenciatura.”

⁷⁹ Defecando.

⁸⁰ Talvez seja Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda do Corvo ou, mais certamente, o seu filho, Henrique de Sousa Tavares, 1.º Marquês de Arronches e 3.º Conde de Miranda do Corvo, a quem já aludimos. *Vd.* Costa (1947: IX, pp. 528-529).

São também bastante consistentes as referências a uma relação de amizade com D. Rodrigo de Meneses, a quem já fizemos menção. As décimas “Daqui, Senhor Regedor” e “Aqui, Senhor Regedor”, respetivamente da autoria do diplomata a quem nos referimos anteriormente e do poeta de quem nos ocupamos, e consequentes réplicas do Regedor da Justiça, apresentadas na obra atribuída a Duarte Ribeiro de Macedo⁸¹, à qual já aludimos, são disso prova irrefutável.

A profunda amizade entre Sucarelo e D. Rodrigo de Meneses encontra-se também documentada na silva “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”, “que fez o autor a Rui Fernandes de Almada⁸², estando em Coimbra, para mandar a D. Rodrigo de Meneses”, de acordo com a legenda de Alão de Morais. Contextualizemos: Sucarelo, estando em Lisboa com o amigo, faz uma viagem até Coimbra, levando saudades da capital. Estas dissipam-se ao comparar os estilos de vida de ambas as cidades: a vida desenfadada da corte, com apelos “de toda a sorte”, em contraste com o sossego da cidade dos estudantes, onde, no entanto, não deixa de gozar placidamente todos os prazeres a que tem direito.

⁸¹ As décimas de que se fala foram elaboradas numa altura em que os dois amigos procuravam encontrar-se com o Regedor, mas não o lograram, uma vez que ele, a fazer fé nas informações da legenda, andava “no cortejo da Senhora [D. Guiomar de Meneses] com quem havia de casar”. As décimas dos primeiros, originaram como resposta de D. Rodrigo dois poemas em décimas também, a saber: “De uma em outra esperança” e “Amor que por glória tem”. *Vd. Anexo, réplicas B e C.*

⁸² Foi um fidalgo português do século XVII, presidente do senado da Câmara de Lisboa, onde mandou abrir em 1665 uma rua que ficou conhecida até aos nossos dias como a Rua Nova do Almada. Foi partidário do Rei D. Afonso VI, pelo que foi vítima de uma cilada, ao que consta pelo próprio irmão do Rei, D. Pedro II. Foi provedor da Casa da Índia, cargo em que lhe sucedeu Cristóvão de Almada, seu filho. Cf. Faria (1669: p. 94); *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, II, p. 18 e *Nova enciclopédia Larousse*, I, p. 293.

O Padre António Vieira refere-se à memória de Rui Fernandes de Almada na sua carta CXCIV, datada de 25 de junho de 1683, dirigida ao filho deste, Cristóvão de Almada. Numa nota explicativa, pode ler-se “Provedor da Casa da Índia em sucessão de seu pai, Rui Fernandes de Almada, e Gentil-homem da Câmara de D. Pedro, também como êle.” *Vd. D’Azevedo (1928: III, p. 484).*

Sobre Rui Fernandes de Almada conta-se o seguinte:

ELREI D. JOÃO 4º, E UM PROVIDOR.

Hindo beijar a mão a ElRei D. João 4º, Rui Fernandes de Almada, Provedor da casa da Índia, levava humas luvas mui bordadas; e falando-lhe com humas calçada, lhe perguntou que novas tinha do Principe seu Senhor, o qual estava em Villa-Viçosa. Respondeu-lhe ElRei, que boas; e que por sinal lhe mandára pedir humas luvas, porque fazia muito frio, mas que lhe respondêra, que nem elle nem o seu avô as trouxeram; e que se tinha frio, esfregasse humas mãos pela outra. Envergonhado o Provedor escondeo a mão, que tinha a luva calçada, e se retirou o mais depressa que pôde. (*Bibliotheca familiar e recreativa offerecida á mocidade portuguesa*, p. 12.)

Afirma abertamente “canto, ouço cantar, como e descanso”, passa “na grade, a tarde inteira”, sente-se um “Rei pequeno”. Lastima a vida afadigada de D. Rodrigo, “na *visitação*⁸³ sempre metido”, “amante incorregível e obstinado”, já com fama de “amancebado”, por quem teme que possa acabar com o “cabedal gastado”. Esta carta termina com a referência cronológica “segunda-feira, dezasseis de Maio.”, que seria mais importante se aludisse ao ano correspondente.

A grande estima entre os dois homens encontra-se ainda demonstrada na carta em quintilhas “Se com saudade partistes”, da qual consideramos pertinente transcrever a primeira estrofe, por ser reveladora da relação muito próxima de ambos:

Carta

A Dom Rodrigo de Meneses

Se com saudades partistes,
se triste vos ausentastes
do sol que chorando vistes;
a mim também me deixastes
lágrimas nos olhos tristes.

[...]

O poema é também elucidativo do conhecimento da atribulada e devassada, porque conhecida “na praça”, vida amorosa de D. Rodrigo por parte do poeta, vida essa que se encontraria em risco, visto que estavam postos “em perigo / empenhos de tanto Amor.”, dado o facto de aquele ter tido necessidade de se ausentar, pelo que brinca Sucarelo: “Ó Rodrigo, ó Rodrigo, / quanto vos fora melhor / não ser[d]es governador”. A crer na legenda de uma das versões do poema, a que consta do Ms. 39767 da British Library, D. Rodrigo de Meneses ter-se-á ausentado para o Porto, para assumir o cargo de Governador. De acordo com Costa (1947: IX, p. 528), tal terá ocorrido entre 23 de julho de

⁸³ Atentemos na dupla conotação da palavra, que era um nome próprio muito comum da época e que também se referia, como ainda hoje, ao ato de visitar.

1650 e 2 de maio de 1654, altura em que passou a desempenhar a função de Regedor da Casa da Suplicação.

Ainda no que toca às amizades de Sucarelo, não poderíamos deixar de mencionar Cristóvão Alão de Moraes, o principal antologista conhecido dos poemas do autor em estudo e seu contemporâneo, que se apresenta como seu amigo, no título que deu à compilação: “Obras / Poeticas / Do / Doutor / João Sucarello Claramõte / Cavalleiro do ha- / bito de Christo / E Medico Portuense / Que / Ajuntou com grande trabalho / Christovão Alão de Moraes / Seu grande Amigo / Anno MDCLXVII”⁸⁴. Será conveniente referir que, apesar do título anterior, não encontramos na obra poética de Sucarelo qualquer referência a Alão de Moraes. Existe uma única alusão a um “Cristóvão”, companheiro de Sucarelo na farra e namoros na grade, na silva “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade” (à qual já aludimos mais detalhadamente), mas não nos é possível saber se o dito “Cristóvão” é o conhecido genealogista. Há, no entanto, um dado que nos parece importante: a legenda do romance “Faz anos Dona Maria,”, que consta deste Ms. 755, em que é o próprio Alão de Moraes que afirma ter pedido a Sucarelo a elaboração do poema⁸⁵. Também na legenda da quintilha “Besbelho comum de três”⁸⁶, o antologista refere que o poema foi elaborado na sua presença: “Que fez à minha vista o Autor”.

De facto, ao poeta não deviam faltar amizades e proximidade com pessoas influentes do seu tempo, o que leva Pontes (1953: p. 147) a afirmar: “Cirurgião-mor dos exércitos do Alentejo, Sucarelo, que chegou a receber o hábito de Cristo, era, na vida social, um homem carregado de responsabilidades.”

5. Uma poesia repleta de patronímicos

Na sua poesia, Sucarelo e os seus calígrafos aludem a uma galeria de contemporâneos, contudo, de alguns sabe-se muito pouco e de outros não conseguimos encontrar

⁸⁴ Trata-se do Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

⁸⁵ A legenda referida é “Romance Aos anos de D. Maria dos Mártires, havendo-lho eu pedido”.

⁸⁶ Que reproduzimos na p. 47.

qualquer informação⁸⁷: Martim Pascoal; Grácia da Costa; D. Serafina; Domingos Vieira, filho do alfaiate a quem chamavam “O Orelha”; Martim Peixoto; António Meireles; o cónego João Dias⁸⁸; Madalena Pinheira⁸⁹; Dr. Luís Gomes de Loureiro⁹⁰; D. Maria dos Reis⁹¹; Carola Toureiro⁹²; Pero Paulo de Sousa, Corregedor da Comarca do Porto⁹³, de quem expõe a vida em praça pública, revelando que andava amancebado com Eva da Cruz; João Fernandes⁹⁴; Diogo Brandão, o Besbelho⁹⁵; Manuel de Sousa, a quem chamavam “O Galhardo”⁹⁶; o Doutor Manuel Maio de Macedo⁹⁷; Francisco Aranha⁹⁸; Paio Fer-

⁸⁷ A este propósito refere Viterbo (1950: p. 19): “Acresce ainda a circunstância de que há nelas frequentes alusões a indivíduos, que nos são hoje completamente desconhecidos, o que as torna por isso mais obscuras e menos compreensíveis.”

⁸⁸ De acordo com Freitas (1952: p. 10), seria “João Dias Ferreira [que] tomou posse do seu canonicato em 24 de Dezembro de 1647”.

⁸⁹ O copista do Ms. 755 da BPMP esclarece: “Era uma criada das Freiras de Celas”.

⁹⁰ Presumimos tratar-se de um Conservador da Universidade de Coimbra, referido em documentos desta Universidade, com data respetivamente de 12 de outubro de 1640 e 28 de março de 1650. *Vd.* Almeida (1972: III, pp. 100 e 200).

⁹¹ Sabe-se que foi casada com Domingos Antunes Portugal, a quem aludimos nas páginas seguintes.

⁹² Em Duro (1907: p. 134) encontramos uma referência a um famoso forcado de profissão de nome Miguel Carola, sem, no entanto, termos conseguido apurar a época em que viveu. Decidimos registar a ocorrência, em virtude do apelido Carola ser pouco frequente e poder, eventualmente, tratar-se da mesma pessoa.

⁹³ Silva (1856: p. 176) dá conta de um assento assinado a 6 de novembro de 1649 por vários “Desembargadores dos Aggravos”, incluindo Pero Paulo de Sousa. Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 444, 450 e 533) alude ao Corregedor Pero Paulo de Sousa, numa eleição, com data de 1639, de um Procurador da Cidade, por ele presidida; define também com precisão o espaço de tempo em que ocupou o cargo: “Também o Corregedor Pêro Paulo de Sousa se mantém na Corregedoria do Porto para além dos 3 anos: de 1631 a 1639.”; dá conta de uma resolução do Corregedor, com data de 1636. Sobre esta matéria *vd.* também pp. 709, 867, 1019, 1104, 1115 e 1261, que aludem a esta personalidade portuense no âmbito do desempenho das suas funções, nomeadamente entre o ano de 1634 e 1636.

⁹⁴ Será o mesmo João Fernandes, carpinteiro-caixeiro de que fala Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 710 e 910), aferidor de medidas e pesos, que arrendou esse serviço à Câmara do Porto durante anos a fio e ficou de quarentena depois de se ter ausentado do Porto, para receber umas rendas devidas à Misericórdia do Porto? A documentação pesquisada não nos permitiu ir mais longe; no entanto, como o nome e as datas são coincidentes, adiantámos a hipótese de poder tratar-se da mesma pessoa.

⁹⁵ Ribeiro da Silva (1985: I, p. 482) alude a um proprietário de uma quinta “em Coreixas, julgado de Penafiel” de nome “Diogo Brandão, o Contador”, numa época contemporânea a Sucarelo. Tratar-se-á da mesma pessoa? Ignoramos.

⁹⁶ No *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Volume XVII, de 1954, pp. 273-274, encontramos alusões ao Capitão de Infantaria e cidadão do Porto Manuel de Sousa Galhardo, morador na Rua Nova, e seus irmãos, por motivo de uma escritura de partilhas, com data de 28 de julho de 1646. Pensámos tratar-se da mesma pessoa referida na obra de Sucarelo, pela coincidência das datas e dos nomes.

⁹⁷ De Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 725-726 e 1256) reproduzimos: “[em] 1639 [o] Doutor Manuel Maio de Macedo, [foi] eleito por unanimidade no Senado, na presença dos Procuradores do Povo, o qual não tomou posse sem se comprometer a tratar gratuitamente os oficiais da Câmara.” Este médico terá sido

reira Pinto, o “Cabeça de Vaca”⁹⁹; António Velho Gondim, “Cónigo” de Braga¹⁰⁰; “Gervásio do Sal”¹⁰¹, / Um Bacharel importuno”, Francisco Ferreira de Valdevezo¹⁰², entre outros.

6. O exercício da sátira

6.1. Dois sonetos paradigmáticos sobre o Porto

Documentadas nos poemas de Sucarelo, encontram-se também viscerais inimizades, o que não será difícil de aceitar se lhe atribuímos eventualmente uma personalidade de irascível, muito observadora e crítica, propensa ao escárnio e à ofensa¹⁰³, de resposta

colega de António Sucarelo, uma vez que foi médico da Misericórdia. Vigora também na lista de almocês da cidade do Porto, de maio a julho de 1640.

⁹⁸ No decorrer das nossas pesquisas, encontramos o nome Francisco Aranha referente a um padre mártir na Índia Oriental, que não nos parece ser a mesma pessoa referida por Sucarelo. *Vd.* Sousa (1744: IV, pp. 159 e 161). No entanto, o patronímico Aranha era muito vulgar na época de Sucarelo, nomeadamente em indivíduos ligados à vereação da cidade do Porto, como se pode constatar em Ribeiro da Silva (1985: *passim*), pelo que será de ter em conta que Francisco Aranha efetivamente existiu.

⁹⁹ Paio Ferreira Pinto consta do maço 4, n.º 17, dos processos de habilitação para servir os Lugares de Letras, com data de 1650, que se encontra na Torre do Tombo. Cf. Amaral e Matos (2006: pp. 135 e 266).

¹⁰⁰ É possível que se trate do mesmo António Velho Gondim, que participou na armada de restauração da Baía em 1624, composta por numerosos navios, entre os quais três vindos de Viana do Castelo “dos mais nobres lugares de Portugal, (...) compostos por pessoas muy principais (...)”, de acordo com informações obtidas na *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico e Ethnographico Brasileiro*, XXII, 1859, p. 384.

¹⁰¹ Em *A Cidade de Évora*, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.ºs 58-59, 1975, p. 342, encontramos a seguinte referência:

“3076 – Alvará d’El-Rey nomeando para Provedor desta Comarca ao Bacharel, Gervásio do Sal d’Almeida, que foi Corregedor d’Elvas.

Lisboa de 29 de outubro de 1656

Livro 5º de Registo fl. 315 vº”

O mesmo Gervásio do Sal d’Almeida é referido em Belém (1753: p. 204). Poderá, eventualmente, tratar-se da mesma pessoa citada por Sucarelo, dada a originalidade do nome e a sua contemporaneidade com o poeta.

¹⁰² Em Ericeira (1759: Tomo IV, p. 406), encontramos uma referência a Francisco Ferreira de Val de Vezo, que, no reinado de D. Pedro II, ano de 1666, governava a nau S. Gonçalo e ia exercer o cargo de Vedor Geral da Fazenda do Estado da Índia, levando a notícia da posse do reino por D. Pedro, e da paz com Castela, o que encheu de contentamento os Governadores e todos os portugueses que habitavam na Índia. Pela coincidência do nome e da data, pensamos tratar-se da mesma pessoa.

¹⁰³ A veia satírica de Sucarelo revela-se a propósito das mais diversas situações. Por altura do segundo casamento de Domingos Antunes Portugal, Desembargador do Porto, autor do “famoso tratado *De*

pronta e verso fácil¹⁰⁴ e dada aos prazeres mundanos. Consequentemente, é com muita acutilância que se refere às gentes da cidade Invicta, “Definindo os [seus] disparates” e

Donationibus [...] com uma viúva muito rica” (Freitas, 1952: p. 11), fez o poeta a redondilha que seguidamente transcrevemos:

Redondilha

Vendo aqueles três Alarves
a Viúva estremeceu.
E Portugal respondeu:
“Estes são os meus Algarves”.

A viúva terá ficado sobressaltada com os filhos já homens do seu pretendente, Domingos Antunes Portugal, natural de Penamacor e que estudou Direito Civil em Salamanca. Entre outros cargos foi Conservador da Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação do Porto e Casa da Suplicação, de que tomou posse a 3 de novembro de 1661 e dos Agravos a 24 de maio de 1664. Morreu em Lisboa, a 1 de fevereiro de 1677. Casou-se em primeiras núpcias com Isabel Taborda de Negreiros, com quem teve os seus “Algarves” (na ótica de Sucarelo “Alarves”), que tanto assustaram a sua segunda mulher, um dos quais Salvador Taborda Portugal, um proeminente magistrado da época, que “foi eleito Enviado Extraordinário à Corte de Paris, em cujo ministerio sucedeu a Duarte Ribeiro de Macedo”. *Vd.* Machado (1741: I, pp. 706- 707); Machado (1752: III, p. 651), Sousa (1827: II, p. 46) e Andrade (1945: pp. 45-46). João Antunes Taborda Portugal, um outro filho de Domingos Antunes Portugal, “foi embaixador ao Gran-Mogol, e governador da Índia”. (Baena, 1872: p. 92). Andrade (1945: p. 46) refere: “Em 1699 morava Francisco Jorge Antunes Portugal [...]”. Dada a semelhança dos apelidos, será este o terceiro filho de Domingos Antunes Portugal? A documentação encontrada não nos permitiu ter certezas.

¹⁰⁴ A título de exemplo, lembramos a quadra que já transcrevemos, feita em conjunto com Duarte Ribeiro de Macedo, e transcrevemos também outros poemas que atestam a versatilidade e capacidade do nosso poeta de prontamente compor uns versos a propósito das mais diversas situações, sendo essa característica realçada pelo seu copista:

Quintilha.

Que fez à minha vista o Autor a Diogo Brandão, que chamavam o Besbelho [e] era muito remelado.

Besbelho comum de três,
se o há no Mundo eras tu,
pois a fortuna te fez
os dous olhos com que vês
dous olhos ambos do cu.

Outro:

Indo o Autor a ver uma freira com quem falava em um rocim, a toda a pressa lhe disse um Amigo que o encontrou aqueles dois versos de Francisco de Sá de Miranda:

Como corre e como atura
quem vai após do seu gosto.

E ele respondeu com muita presteza:

Mas mais corre quem vai posto

ocupando-se delas numa crítica corrosiva. O soneto que se segue, “As valentias de Gaspar de Anaia¹⁰⁵”, atesta perfeitamente as nossas palavras:

Definindo os disparates do Porto

As valentias de Gaspar de Anaia,
o mero-misto império do Sarinho¹⁰⁶,
a calva de João Nunes¹⁰⁷ frita em vinho,
as folhas do Picão de Miragaia¹⁰⁸;

num bom rocim de andadura.

Outro:

Quarteto

Feito de repente a uma freira de Celas chamada Sarafina, a quem galanteava um estudante que namorava umas cerieiras

É muito grande mofina,
é muito grande mazela,
que arda em cera amarela
quem não arde em Serafina.

¹⁰⁵ Freitas (*O Convento Novo de Santa Maria da Consolação*, Vol. XVI dos *Documentos e Memórias para a História do Pôrto*) esclarece: “Dizem alguns documentos do Cartório do Convento [Novo de Santa Maria da Consolação] que o 3º Administrador da capela-mor de S. Eloi foi Gaspar de Anhaia de Meneses, Vereador no Pôrto, manco, e *homẽ de muita graça, esperto e estadista* e também muito valente porque o Dr. João Sucarello Claramonte lhe atribui essa notável qualidade, como uma das glórias do Pôrto seiscentista [...]. Era Gaspar de Anhaia próximo parente da instituidora [D. Catarina Carneiro], porque seu pai Jorge Carneiro de Anhaia, Vereador em 1619, [a ele se refere também Ribeiro da Silva (1985: p. 481)], era primo co-irmão dela, ambos netos de Tristão Rodrigues, Alcaide da Cidade e de Catarina Carneira, sua mulher.”. Estamos em crer que a interpretação de Freitas quanto ao facto de Sucarello falar de Anaia “como uma das glórias do Pôrto seiscentista” não será a mais correta, em virtude da clareza de sentido do verso “Bem caro te custou Gaspar de Anaia” da réplica ao soneto dos “disparates do Porto”, que alude a eventuais represálias por parte do visado. Esta leitura fá-la também Cruz (1944: pp. 27-28).

Camilo Castelo Branco diz que no seu tempo “não havia no Porto quem usasse o apelido [Anaia], mas que a família que o teve vivia honradamente no meado do século [anterior] e se obscureceu no Alentejo e Minho, por onde se ramificára.”.

¹⁰⁶ Freitas (1947: p. 113) explica: “o Sarinho do mero e mixto império era António Sarinho, escrivão do crime da côrte e Relação do Porto, um cidadão honrado e muito respeitado no seu tempo, ou menos provavelmente, seu filho João Sarinho da Costa, mariola-mor da alfândega.”

¹⁰⁷ Freitas adianta a seguinte explicação: “[...] seria porventura João Nunes Barreto, filho dos senhores de Freiriz e Penagate [Vila Verde], casado em Alentejo com uma rica herdeira, D. Maria de Sande, sobrinha do bispo D. fr. João de Valadares.” (*idem*). Os Nunes Barreto eram pessoas ilustres da cidade do Porto, vereadores e detentores de terras. *Vd.* Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 482-483).

¹⁰⁸ Freitas elucida: “O Picão de Miragaia, que tinha filhas tão notáveis, era por certo António Peres Picão, piloto das naus da Índia, casado com Maria de Carvalho Carneira, ou seu filho o capitão Roque Peres Picão que teve pelo menos uma filha do seu casamento em Miragaia a 14/2/1663 com D. Isabel Freire, irmã do Deão João Freire Antão, e foi ela a riquíssima herdeira D. Micaela Antónia Freire, mulher do fidalgo António de Távora Noronha Leme e Cernache.” (*idem*). Cruz (1944: p. 27) esclarece também

mercancia de esterco, âmbar da Maia,
bem comprado por lenha ou por toucinho,
geral remédio d'Entre-Douro-e-Minho,
achado antes nas casas que na praia;

baeta calva, imensa gravidade
dos Infanções mantidos com farelo,
da manta rota a célebre irmandade;

este é o Porto, acabo de dizer-lo;
ó muito nobre e sempre Leal cidade,
quem me te vira posta de bacelo.

O mesmo Gaspar de Anaia é referido no romance “Que fazeis na vossa terra”, no qual o autor dá conta de que o prenderam “Por se querer reformar / [...] / Sem ordem do general”. Freitas (1952: p. 10) adianta uma data à volta de 24 de dezembro de 1647 para a elaboração deste poema, uma vez que foi nesse dia que João Dias Ferreira, referido num dos versos, tomou posse do seu canonicato.

Voltemos ao soneto “As valentias de Gaspar de Anaia”¹⁰⁹, talvez o poema mais emblemático de Sucarelo, que originou a réplica arrasadora com o *incipit* “Bem caro te custou Gaspar de Anhaia”¹¹⁰, por parte de um autor desconhecido, em defesa não só da cidade do Porto, como daqueles a quem o poeta ataca. A resposta esteve à altura do soneto de Sucarelo e com as mesmas rimas e no mesmo registo de linguagem, Sucarelo encontrou uma pena rival à sua altura, que lhe remeteu duros vitupérios, que nos deram eventuais pistas relativas ao comportamento báquico do autor de quem nos ocupamos e

“E tinham fama na terra, pela sua beleza tão invejada, as filhas dum capitão de navios chamado *Picão*, de Miragaia.”

Ribeiro da Silva (1985: I, p. 348) menciona este cidadão do Porto, a propósito do trabalho escravo. Passamos a transcrever:

Em que é que trabalhavam os escravos?

Certamente no serviço doméstico; muitos, porém, encarregar-se-iam das tarefas mais pesadas que os donos tivessem para realizar. Por exemplo, em 1635, António Peres Picão, de Miragaia, trazia vários negros e negras a trabalhar no cano que havia de conduzir água da Fonte das Virtudes para o seu quintal.

¹⁰⁹ Pereira (1914: p. 261) lamenta: “A sua própria terra não lhe mereceu nem simpatias nem carinhos como o demonstra o seguinte soneto que amanhou em hora decerto muito enfadada: [...]”.

¹¹⁰ *Idem* (p. 262) faz a seguinte apreciação da réplica: “Pelo primeiro verso parece deduzir-se que o Anhaia, mais assomado do que o Nunes careca ou o Picão de Miragaia, lhe aplicou o devido corretivo. E é natural que assim tivesse acontecido, porque o obsceno aleivar não repetiu a facecia ultrajante.”

às suas origens mais modestas e pouco polidas. Salientamos no soneto réplica um elemento que consideramos particularmente importante – o epíteto “Brichote”¹¹¹, que designava depreciativamente os estrangeiros, uma vez que vai ao encontro da nossa opinião inicial, que partilhamos com outros autores, de que Sucarelo teria uma proveniência estrangeira, o mais provável italiana.

Passamos a transcrever a réplica, dada a sua importância:

Em resposta do que vai [a] f. 30. Pelos mesmos consoantes

Bem caro te custou, Gaspar de Anaia,
e te pode custar inda o Sarinho,
poeta Bacanal, farto de vinho,
que és desonra do Porto e Miragaia.

Vilão inda mais sujo que os da Maia,
criado com boroa e com toucinho;
quem te mete a falar no Douro e Minho,
sendo filho das ervas e da praia?

Como hás tu de entender da gravidade
dos Infanções, Brichote de farelo,
se não logras dos nobres a Irmandade?

Oh, quão Bêbado! Acabo de dizê-lo,
pois só para beber toda a Cidade,
a desejaste posta de bacelo.

Relativamente ao soneto “As valentias de Gaspar de Anaia”, foram muitas as vozes que o comentaram em tom de reprovação e declarado desdém. Ao longo dos tempos,

¹¹¹ O termo, que poderá ter origem em “british”, devia ser corrente entre os poetas do Barroco, uma vez que foi também usado por Gregório de Matos no verso “Simples aceitas do sagaz brichote” no soneto com o *incipit* “Triste Baía! oh quão dissemelhante”. *Vd.* Topa (1999: II, pp. 319-320). Mais tardiamente, o termo foi também usado por João de Andrade Corvo em *Um Anno na Corte* (1863: I, p. 91), mas no género feminino, mantendo, igualmente, o mesmo carácter pejorativo e de zombaria, que já Bluteau e Moraes da Silva assinalaram. Aquele define claramente: “Aos estrangeiros costumam os Portugueses dar este nome por desprezo. (Bluteau, 1728: II, p. 191).

autores como Camilo, nas *Noites de Insónia*¹¹², ou Sampaio Bruno, em *Portuenses Ilustres*¹¹³, têm fustigado Sucarelo com reparos e censuras.

Frei Lucas, colaborador de *O Tripeiro* a quem já aludimos anteriormente, será porventura aquele que teceu a Sucarelo a crítica mais nervosa e inflamada, num artigo de 15 de julho de 1926, que intitula “Um Portuense no Seculo XVII”. Traçou-lhe, inclusivamente, o retrato psicológico: “Inimigo ou simples desagradável ao seu genio azedo e vinagrento, certo era ser zargunchado pela sua lira verrinosa, mais dissecante que o escapello do seu officio.” Atribuiu-lhe um “genio maldizente”, chama-lhe “desbocado”, “filho ingrato” da “cidade-patria”, “motejador acerbo das suas usanças patriarchaes e dos seus habitantes simplórios e pacatos”. Frei Lucas rejubilou com a suposta réplica de Cristóvão Alão de Moraes, que considerou “Bellissima lição e justa represalia de tão viperina e ultrajante lingua!”. Concluiu implacavelmente o seu artigo, afirmando: “rasoira diabólica, o seu estro não ilustrou nem dignificou a terra querida que dos tripeiros é berço.”¹¹⁴ De facto, a confirmar-se a naturalidade portuense de Sucarelo, parece referir-se à sua cidade de origem com bastante desprendimento, distanciamento e até desdém.

No decorrer das nossas pesquisas, não encontrámos prova de Sucarelo ser cidadão do Porto, com tudo o que o título envolvia e proporcionava. De acordo com Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 319-325), um cidadão do Porto tinha prerrogativas em caso de prisão. Ficaria “«sobre suas menagens», isto é, na sua própria casa e não na cadeia pública”, o que não aconteceu com o poeta. A qualidade de cidadão do Porto obtinha-se em primeiro lugar pelo nascimento. Já tivemos oportunidade de levantar hipóteses sobre uma ascendência estrangeira do autor, motivada pelo seu nome e pelo epíteto “brichote” com que o brindou um seu anónimo contemporâneo, a que nos referimos anteriormente.

¹¹² Atribui “Bem caro te custou, Gaspar de Anaia” a Alão de Moraes. Diz que o soneto é bom e justifica: “Desculpa-se ao poeta fidalgo a arrogância com que desdenha o plebeísmo do Assucarello, apellido que nenhum linhagista condecora, dado que este medico já então tivesse o habito de cavaleiro da ordem de Christo.” (Camilo Castelo Branco, 1874: I, pp. 32-35).

¹¹³ *Vd.* Sampaio Bruno (1907: pp. 262-263).

¹¹⁴ De todos os autores que se debruçaram sobre os poemas em destaque, é Freitas (1952: p. 9) quem sai em defesa de Sucarelo, referindo: “O Dr. Cristóvão Alão de Moraes, não scandalizado como se tem suposto, mas entrando na brincadeira, fingindo-se irado, saiu com a resposta [...] Alão de Moraes «grande amigo do Autor», ajudava-o na troça aos ridículos portuenses...”.

Não tendo genealogia à qual apelar, entrava em linha de conta a meritocracia, cabendo ao Rei atribuir a *cidadania portuense* aos interessados, perante provas inequívocas. Ora, se havia críticos do Porto, Sucarelo seria um excelente representante, pela contundência das suas palavras. A ocupação de determinados cargos poderia levar à obtenção da benesse, mas o exercício da medicina não era contemplado. Por último, também por *enxerto matrimonial*¹¹⁵ se podia ser cidadão do Porto, o que nos foi impossível de comprovar, apesar de sabermos que Sucarelo teve mulher e filhos, como adiante demonstraremos.

Ou dar-se-á o caso de Sucarelo ter mesmo nascido em Mesão Frio? Tal circunstância explicaria melhor o comportamento do poeta relativamente à cidade Invicta, bem como as palavras de Gregório Martins Ferreira sobre o Porto e as suas gentes, na silva dirigida a Sucarelo “Olá, Senhora Musa!”: “Não tem esta Província coisa boa”; “esse povo gentio”; “Deus vos guarde e livre desta terra / que sempre foi desterro em paz e em guerra.”

Ao longo dos tempos, vários autores têm insistido na atribuição da autoria da réplica “Bem caro te custou, Gaspar de Anaia” a Cristóvão Alão de Moraes¹¹⁶, sendo talvez por essa razão que supuseram entre os dois autores grandes inimizades e rivalidades poéticas.

Não conseguimos identificar o motivo de tal atribuição. Não encontrámos nos manuscritos a que tivemos acesso qualquer indicação nesse sentido. Mesmo aceitando a sátira como uma característica habitual no Barroco, regida por códigos retóricos, não cremos que quem se apresentasse como amigo, como é o caso de Alão de Moraes, se referisse ao outro em termos tão duros, humilhantes e desprimorosos. Possivelmente, o que motivou essa atribuição, errada, a nosso ver, poderá ter sido uma interpretação abusiva do pronome pessoal “se”, na legenda “Resposta que se lhe fez. Pelos mesmos conso-

¹¹⁵ A expressão é de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 479).

¹¹⁶ A propósito de outros autores que se detiveram em comentários sobre o dito soneto, destacamos: Pereira (1914: pp. 261-262); Freire (d.l. 1925: pp. 36-38); Cruz (1944: XV, pp. 27-28) e Freitas (1947: XVI, pp. 112-113 e 1952: pp. 9). Defendem estes também que a réplica é de Cristóvão Alão de Moraes.

antes” do calígrafo do Ms. 30767 da British Library, António Correia Viana, uma compilação que data de 1782, mais tardia cerca de cento e quinze anos face à de Alão de Moraes. Essa legenda difere consideravelmente da do Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto: “Em resposta do que vai [a] f. 30. Pelos mesmos consoantes”, esta sim escrita pela pena de Alão de Moraes, que em nada nos direciona no sentido de se tratar de uma réplica da sua própria autoria.

Globalmente, Sucarelo tem sido acusado de mediocridade pessoal e qualificado como obsceno e desnaturado, pelas alusões ofensivas que fez à cidade em que nasceu ou que o acolheu, alusões essas que podem ser encontradas também num outro soneto intitulado “Ó mui nobre e sempre leal cidade”¹¹⁷, o qual não pode ser considerado menos crítico, mordaz ou ofensivo. O poema é acompanhado pela seguinte legenda: “Governando o Porto D. Álvaro de Abranches”¹¹⁸. Fazendo fé nesta informação, o poema terá sido escrito entre 15 de novembro de 1654 e 16 de agosto de 1657, período de tempo em que aquele desempenhou o cargo, embora, de acordo com Costa (1947: IX, p. 529), não tenha chegado “a completar o triénio.”.

6.2. A poesia de maldizer

A obra poética de Sucarelo está repleta de referências menos elogiosas, eufemisticamente falando, a toda uma plêiade de personalidades, mas também de anónimos. A este propósito, Bruno (1907: p. 262) alude à “má idéa dos costumes dos costumes da terra e da epocha [que] se inferirá das composições attinentes ás freiras de Monchique, aos

¹¹⁷ Bruno (1907: p. 261) chamou-lhes “descaradíssimas quadras”.

¹¹⁸ Pensamos tratar-se de uma figura proeminente na época. Foi Comendador de S. João da Castanheira, na Ordem de Cristo e senhor do morgado de Abranches. Destacou-se como um dos aclamadores do Rei D. João IV e do seu Conselho de Estado e Guerra, e, entre outros cargos importantes ocupados fora de Portugal, foi Governador das armas da província da Beira e das de Entre Douro, Minho e cidade do Porto entre 15 de novembro de 1654 e 16 de agosto de 1657. Casou pela primeira vez com D. Maria de Lencastre, de quem teve 7 filhos, e em segundas núpcias com D. Inês de Ávila, sua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II conde de Cantanhede, de quem não teve filhos. Morreu em abril de 1660. *Vd.* Sousa (1742: pp. 361, 391, 503; 1745: pp. 270-272; 1755: pp. 447, 476, 604); Costa (1929: vol. I, p. 727 e 1947: IX, p. 529) e Costa e Cunha (2010: p. 283).

desembargadores da relação e a negociantes, fidalgos e mesteiraes)”. Pereira (1914: p. 260) acrescenta: “As freiras, os desembargadores, os negociantes, os fidalgos e os janotas foram as vítimas do seu constante mau humor. Era um azedo. Por vezes correram graves riscos as suas costelas de cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Mas o homem era avisado e conseguia escapar ao marmeleiro vingador.”. Percorrendo a obra de Sucarelo, ficamos de facto com a ideia de que manteve uma série de inimizades. Não é por isso de estranhar que o médico poeta fosse perseguido e ameaçado, tal como é atestado pelo seu compilador na quadra que transcrevemos a seguir:

Mandando pedir a Nuno Barreto¹¹⁹ um frasco de vinho, em tempo que andava Manuel Pinto Leão¹²⁰ ameaçando ao Autor

Mandai vinho tinto
para me alentar,
que anda Manuel Pinto
para me matar.

O Manuel Pinto Leão de quem se fala na redondilha anterior teria eventualmente razões para ameaçar Sucarelo, uma vez que foi uma vítima da pena mordaz do poeta no romance “Senhor soldado da armada”, no qual o autor põe em causa a virilidade do primeiro, afirmando que foi ultrapassado nas artes do amor por “um frade Bernardo, / com

¹¹⁹ Talvez se trate de

Nuno Barreto Fuseiro, natural da cidade do Porto, e filho de João Nunes Barreto Senhor dos Coutos de Freiriz e Penagate, e D. Anna de Sande Fuseiro, herdeira do Morgado dos Fuzeiros. Desde os primeiros annos até aos últimos cultivou as Sciencias amenas, e severas cõ tanta aplicação que chegou a praticar com felicidade os preceitos da Poetica, e Historia. Foi casado com D. Maria Pimenta da Sylva, herdeira de D. Diogo Pimenta da qual, como não tivesse filhos dedicou com piedosa profusão tudo quanto possuía á fundação do Convento das Religiosas da Ordem de Immaculada Conceição do lugar de Carnide, distante uma legoa de Lisboa, onde piamente faleceu a 26 de Dezembro de 1702. Jaz sepultado no mesmo Convento pra o qual se recolheu sua Consorte.

Compoz

Vida de S. João Evangelista [...].

Vida de S. Tereza de JEUS Gloriosa Vigem, e Madre, Fundadora e Reformadora de Carmelitas Descalças, e Descalços [...].

Pratica entre Heraclyto, e Democrito [...]. Entre outras obras.” In Machado (1752: III, p. 429).

Sampaio Bruno (1908: pp. 158-162) dedica também algumas páginas a este autor, no Tomo II de *Portuenses Illustres*. Vd. também Passos (1942: p.185).

¹²⁰ Será talvez o Manuel Pinto de Leão, de S. Pedro de Ferreiros no município de Cinfães, de quem temos notícia em Rezende e Rezende (1988: p. 124), filho de Afonso de Leão e de Maria Roiz de Figueiredo.

mais potência”. No entanto, estas ameaças vertidas na redondilha devem ser encaradas sob o ponto de vista satírico e não levadas à letra, até porque Sucarelo convida o dito Manuel Pinto Leão para o visitar, no poema referido anteriormente.

No soneto “Ó mui nobre e sempre leal cidade”, João Rodrigues de Araújo, Vigário-Geral do Porto (em 1662), Cónego da Sé (desde 1633) e Abade de Lordelo, a quem chamavam *o galego*, e Martinho de Matos, escrivão da Câmara Eclesiástica, que morreu em 1689, foram dois alvos privilegiados da crítica corrosiva de Sucarelo¹²¹, que os acusa de roubo e desvios. Sucarelo já se tinha referido ao primeiro, também de forma pouco abonatória, na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”, na qual alude com desprimor ao Dr. Amaro Meireles Freire, Tesoureiro desde 1635.

O soneto que se segue atesta a crítica demolidora de Sucarelo a Domingos Roiz de Macedo¹²², Corregedor do Crime do Porto, “que prendeu ao Autor”, diz-nos o seu calígrafo, pelo que aquele não se poupa em insultos desbragados, referindo-se ao Corregedor de forma vilipendiosa e brindando-o com todo o tipo de pragas:

A Domingos Roiz de Macedo, Corregedor do Crime do Porto, que prendeu ao Autor

Lobo cervical, fantasma pecadora,
alimária cristã, selvage humana,
que eras com vara pescador de cana
quando devias ser burro de nora.

Leve-te Belzebu, vai-te em má hora,
levanta desta vez fato e cabana
e não pares senão na Taprobana,
ou no meio da Líbia abrasadora.

¹²¹ A este propósito diz Pereira (1914: p. 260):

O vigário geral João Rodrigues de Araújo, depois abade de Lordelo, e o escrivão da Câmara eclesiástica Martinho de Matos, foram por ele [Sucarelo] flagelados em quadras tam libertinas que não podem ser reproduzidas...”. Também Frei Lucas refere em O Tripeiro de 15 de Julho de 1926 “Vejam lá o desbocado do medico-poeta, depois de saberem que o *galego* aguilhoado era o abbade João Rodrigues de Araújo, então vigário geral do Porto, e Martinho o escrivão da sua ecclesiastica Câmara.

¹²² Uma “Consulta da camara a el-rei em 3 d’abril de 1631” dá conta de um Licenciado de nome Domingos Roiz de Macedo, que estando em “Alcacere”, recebeu ordens para ir a Moura e Serpa fazer diligências em nome de D. Filipe III. Supomos tratar-se da mesma pessoa. *Vd. Oliveira* (1887: p. 427).

Queime-te um raio, parta-te um corisco,
na cama estejas tu, feças na rua,
sepultura te dêem montes de cisco.

E toda aquela cousa que for tua
contigo corra sempre o mesmo risco,
ó alimária cristã, ó besta crua.

A prisão de Sucarelo, da qual também dá conta o antologador no soneto “Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco”, afigura-se-nos um dado biográfico importante, embora não tenhamos conseguido apurar onde e quando ocorreu. O seu copista, no romance “Tem-me Sua Senhoria”, contextualiza e explica as circunstâncias que o levaram à cadeia – “uma dívida de cem mil réis”. O próprio autor, relatando a sua condição de prisioneiro nas quadras que transcrevemos abaixo, brinca com a situação, no jogo de palavras patente nos versos: “Que um rei só não me prendeu, / Cem mil sim, que eu bem o sei.”.

Será que as palavras arrasadoras de Frei Jerónimo de Moura, a quem nos referimos anteriormente, que descompõe Sucarelo e lhe traça um perfil de boémio, acusando-o de ser estroina e “valdovinos” e de levar uma vida desregrada fazem sentido? As conjecturas ficarão ao cuidado de cada um, uma vez que certezas absolutas não as pudemos apurar.

Estando o Autor preso, por ordem que diziam ser de El-Rei, por causa de uma dívida de cem mil réis que devia

Tem-me sua Senhoria
metido em ferros de El-Rei,
e por dizer o que corre,
o que corre é que me têm.

Quem diz que El-Rei o mandou,
não sabe donde isto vem,
que um rei só não me prendeu,
cem mil sim, que eu bem o sei.

Quem mandou, tirou mandado
com que me mandou prender;
já de contado se sabe
quando foi, como e por quem.

[...]

6.3. A caricatura de tipos sociais

Os preconceitos homofóbicos (como hoje os designaríamos) de Sucarelo encontram-se presentes em mais do que um poema. Assim, no soneto “Aqui se esconde o corpo bem logrado”, alude à homossexualidade de Lourenço Batista, sacristão das Freiras de S. Bento, escarnecendo dele e afirmando “antes enchia o olho de contino / a todo o companheiro de seu fado”¹²³. Abertamente e sem rodeios, critica a homossexualidade numa décima intitulada “Como Autor libelo dá”, à qual o copista acrescentou de forma muito direta a seguinte legenda “Contra os Sodomitas”. No romance “Queixa-se o mar de Sodoma”¹²⁴, fala dos “Ninfos cheirosos” e metaforicamente de práticas sexuais que considera ser contranatura: “A Natureza se queixa / de que um fidalgo marau / deixe peitos de perdizes / por rabos de bacalhau.”.

Também no soneto “Ó mui nobre e sempre leal cidade” alude à “muita sodomia” existente na cidade do Porto e refere-se depreciativamente a certos tipos sociais da cidade do Porto, mencionando, entre outros, o “Judeu”. Aliás, esta não é a única referência antissemitica na poética de Sucarelo, estando o motivo também presente na décima “Se Amor é fogo fatal” e no romance “Não corrais, bela Maricas”, curiosamente com referência nas legendas do copista às mesmas personagens: ela, Maria da Ressurreição, freira de Monchique; ele, Lopo Moreno, Judeu. As palavras ofensivas contra Lopo Moreno são uma constante, especialmente no segundo poema, não lhe faltando epítetos em metáfora como “grande perro”, “bode”, “cão” e “podengo”. Também no romance “Senhor soldado da armada” aproveita, mais uma vez, para se manifestar depreciativamente contra os judeus nos versos: “Ana, com fome canina / dada a perros, corre agora / c’um Judeu por mercancia, / fazendo o que fazem todas.”.

¹²³ Bruno (1907: p. 262) refere-se nos seguintes modos a propósito deste soneto: “(...) é também inverosímil de desfaçatez (...)”.

¹²⁴ A autoria deste poema é disputada com D. Tomás de Noronha, pelo que deve ser tido em conta com as devidas reservas.

6.4. Respostas à maledicência do autor

Numa vida que supomos terá sido pouco monótona e com algumas vicissitudes, Sucarelo terá granjeado muitas animosidades, colhendo, por vezes, respostas viperinas às suas tiradas insultuosas, como aconteceu com Frei Jerónimo de Moura¹²⁵, no romance com o *incipit* sugestivamente depreciativo “Ó tu, médico em ditongo”, réplica ao romance “Reverendo Estagirita¹²⁶”, feito a propósito de um sermão proferido por aquele, no ano de 1645. O frade responde a Sucarelo caracterizando-o na base do insulto, denegrindo-o por completo e atacando-o nas suas capacidades para exercer medicina, aludindo à sua vida desregrada e de estroinice, chamando-lhe “meio mono, meio tolo”, “Vilão tosco”, “valdovinos” e “burro”, entre outros mimos. Menosprezando o aspeto físico do nosso autor, presenteia-o com a descrição “homem chato e carilongo”, aludindo, eventualmente, à sua baixa estatura e cara comprida. Salientemos que, já no soneto réplica “Diga, assim me perdoe a Reverência”, Sucarelo é apelidado de “Pigmeu”, destacando-se a sua “vida, língua, nariz e consciência”, pelos piores motivos.

Mais uma vez, a veia difamatória de Sucarelo pode ser testemunhada pelo romance “Foi Sílvio para Alentejo”. Neste poema, pondo em causa a valentia do visado no poema e aproveitando a sua ausência no Alentejo, cenário privilegiado da guerra da Restauração, reproduz uma suposta conversa que este terá tido com um seu criado, o Lima, sobre

¹²⁵ Tal como Sucarelo, também Frei Jerónimo de Moura participou nas *Memorias funebres, sentidas pelos engenhos portugueses*, aquando da morte (†1649) de D. Maria de Athayde (Bruno, 1907: p. 263), dama da Rainha D. Luísa de Gusmão, filha de Luís de Ataíde, 5.º Conde de Atouguia, e de D. Filipa de Vilhena. Foi irmã de D. Jerónimo de Ataíde e D. Francisco Coutinho, armados cavaleiros pela própria mãe, nas vésperas da Restauração de 1640. *Vd.* Agrela (pp. 14-15); Vieira (1993: V, p. 1211); Serrão (1982: V, p. 17) e Morais (1761: p. 211), que descreve a dita dama como “mui fermosa, e discreta”, a propósito do soneto que lhe foi feito por António Barbosa Bacelar nas suas exéquias.

Bruno (1907: p. 263) afirma sobre a participação de Sucarelo nas *Memorias* referidas anteriormente: “Ninguém diria que versejador tam desabrido se apurasse na compostura que exige a situação deplorativa perante o feretro de D. Maria de Athayde; alli não quedara elle, se permanecendo «medico famoso», o «maior poeta comico do seu tempo».”

¹²⁶ Neste romance, Sucarelo achincalha as capacidades de oratória de Frei Jerónimo de Moura a propósito do sermão por este pregado no Convento de Santa Ana, em Coimbra.

Embora a autoria deste poema seja disputada com Jerónimo Baía, estamos em crer que a atribuição do mesmo a Sucarelo está bem consolidada.

as respetivas freiras, na qual o amo exaltou as qualidades de Francelisa Vilhena, de quem se apartou cheio de saudades, enquanto o criado nutria preferência pela “Abadesa / da Viela do Ferraz¹²⁷”. O poeta não teve pejo em caluniar Francelisa, revelando des-pudoradamente: “em quem todos vão parar”.

O romance anteriormente referido valeu uma “Resposta do Lima (...)”¹²⁸ em defesa do amo, também em forma de romance, no qual as admoestações feitas a Sucarelo são bem elucidativas. Afirma que as facécias e “presunção voraz” deste não têm fundamento; acusa-o de ser desleal, uma vez que Sílvio o considerava amigo; de falar pelas costas; e alerta-o: “Não despreze estes avisos”, pois a sua maledicência, “o desacertar de língua”, poderá dar maus resultados, aconselhando-o a fugir “para as partes remotas / do grão-Cairo ou grã-Pará.”.

7. A poesia como reflexo de vivências

7.1. Traços de uma época

Encontramos, igualmente, referências a aspetos muito comezinhos da sua vida do dia a dia, nomeadamente ao preço do arrátel¹²⁹ do carneiro, como atestam as redondilhas que se seguem:

Vindo o Autor das Caldas, mandou um moço buscar carneiro ao açougue
a 25 réis o arrátel, sendo que o preço passado era a 20 réis¹³⁰ e nesse tempo
era Vereador mais velho António Carneiro de Vasconcelos¹³¹

¹²⁷ *Vd.* a nota da p. 32.

¹²⁸ *Vd.* réplica “Parte o medo para Aveiro”.

¹²⁹ O arrátel era uma antiga unidade de medida, que correspondia a 459 gramas.

¹³⁰ A legenda permite-nos afirmar que a redondilha é posterior a 1638, uma vez que, por informação recolhidas em Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 820 e 835), o preço do arrátel do carneiro rondava, em 1638, os 17 réis, sendo um pouco mais barato do que o bacalhau.

Sobre a carne de carneiro, Ribeiro da Silva (1985: II, p. 817) explica: “A carne de carneiro reservava-se para as dietas e para as famílias do topo social. Os marchantes comprometiam-se a fornecê-la ao Hospital para doentes convalescentes bem como aos nobres e Ministros da Relação do Porto. Também os mosteiros e conventos dela podiam ser abastecidos. Mas vendê-la ao povo estava expressamente vedado.”

¹³¹ Efetivamente, António Carneiro de Vasconcelos foi vereador no Porto na altura da aclamação do Rei D. João IV, como consta de uma ata com data de 8 de dezembro de 1640, na qual o seu nome aparece

Carneiro de Vasconcelos
a vinte cinco; arre lá;
acabado o Porto está
pelos Santos amarelos.

No sítio de Elvas, mandando o Assucarelo pedir um pão para cear a pes-
soa com quem jantava todos os dias

Copla

Mande-me Vo{ssa} Senhoria,
Senhor Conde Dom João¹³²,
pera cear o meu pão,
pois é pão de cada dia.

Fecundos em informações de variado tipo, os versos do médico poeta documentam circunstâncias, atitudes, hábitos e rotinas que vão desde a alimentação (o beber vinho, o comer chouriço, ovos moles e fritadas de ovos, pão-de-ló, os reputados mexilhões da ria de Aveiro e “queijo frescal”), até às diversões (ir às romarias, às touradas, andar de barco, cavalgar, cantar e ouvir cantar, tanger viola e ir a festas), passando pelo descanso e pelo dormir a sesta, que nos facultam um conhecimento mais aprofundado do autor e da sua época.

referido. *Vd.* Guimarães (1941: pp. 5-8). Cruz (1942: p. 103) acrescenta dados importantes sobre o dito vereador:

Quanto à *guarda e defesa das portas da cidade*, assentaram os da Câmara que de tal serviço fôsem incumbidos os cidadãos e nobreza, todos distribuídos pelas diferentes entradas da cêrca fernandina. Ficavam estas directamente a cargo dos indivíduos a seguir mencionados, que distribuíam os cidadãos por turnos, para efeito do *apresto da defesa*:

Porta de Cima-de-Vila – Pantaleão Alvo Godinho.

Porta da Rua de Carros – António Carneiro de Vasconcelos.

Porta do Olival – Bento de Aguiar.

Porta Nova de Miragaia – João Alves de Azevedo.

Porta da Ribeira – Paulo Correia.

Foram ainda registados no assento desta vereação os nomes dos fidalgos e cidadãos distribuídos por todas as portas da cidade, – documento precioso para o estudo das famílias principais do burgo seiscentista.

A ascendência fidalga de António Carneiro de Vasconcelos encontra-se documentada em Affonso e Valdez (1934: p. 596) no *Livro de Oiro da Nobreza*. Aqui se refere que era Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, filho de Miguel de Couros Carneiro de Vasconcelos e de Catarina Barreto, casado com D. Maria da Costa Falcão. Estas informações são confirmadas por Gayo (1990: Vol. X, Tomos XXVIII e XXIX, p. 82).

¹³² Com alguma certeza podemos afirmar que seja João Rodrigues de Sá e Meneses, 3.º Conde de Penaguião, a quem nos referimos na p. 35 do presente trabalho.

7.2. Viagens e deslocações

Os seus poemas revestem-se de potencial importância testemunhal, uma vez que é a partir das informações por eles veiculadas que conseguimos apurar que Sucarelo, para a época, era um homem que se deslocava bastante de cidade em cidade: ora se encontra em Braga¹³³, ora está em Coimbra¹³⁴, ora permanece em Elvas ou Badajoz, no longo período da Guerra da Restauração. De Leiria escreve o romance “Os olhos com pranto amargo”, que se revela um roteiro extraordinário, narrado em primeira pessoa, de uma viagem feita pelo poeta na companhia de D. Álvaro de Abranches. Neste poema, seguramente anterior a 17 ou 18 de abril de 1660¹³⁵, Sucarelo faculta-nos abundantes pormenores da jornada, nomeadamente a mágoa da partida, as más condições atmosféricas e o facto de o seu “macho” se achar em condições deploráveis. As diferentes etapas do percurso, das quais damos conta em traços largos, foram também assinaladas. A primeira paragem, com pernoita e “fidalga hospedagem”, ocorreu num mosteiro agostiniano, em Grijó, localidade a sul do Porto, situada no concelho de Vila Nova de Gaia. Seguidamente, os dois companheiros param em “Fermelainha”¹³⁶, encontrando-se o autor “ensopado” como se “fora / fatia de pão-de-ló” pela imensa chuva que caiu “impiamente” das “cisternas do Céu”, sendo acolhido em “casa de um lavrador”. Prosseguiram até à “Esgueira” e queixa-se o poeta: “o meu macho me pôs / manquejando de uma perna, / feito em cinza e feito em pó”. Passaram também por Cantanhede e, chegando a Coimbra, foram albergados no convento de “Santa Cruz”, onde confraternizaram com um

¹³³ *Vd.* a legenda do romance “Reverendo Frade Lóio”.

¹³⁴ *Vd.* as décimas “Partidos desesperados” e “Corre por esta cidade”; a quadra “É muito grande mofina” e os romances “A vós Pantaleão da Silva” e “Reverendo “Estagirita”.

¹³⁵ Data da morte de D. Álvaro de Abranches, “herói do 1.º de Dezembro”, a 17 de abril para Costa e Cunha (2010: pp. 140 e 283) e 18 de abril para Sousa (1755: p. 604). De acordo com Costa (1929: I, p. 727), Abranches encontra-se sepultado em Almada, na Igreja da Misericórdia.

¹³⁶ Supomos que se trate de um lugar do distrito de Aveiro, de quem foi senhor o 1.º Marquês de Angeja, D. Pedro António de Noronha de Albuquerque e Sousa (*1661 †1731), vice-rei da Índia entre 1692 e 1699 e, de 1713 a 1718, vice-rei de “todas as capitanias da América”. *Vd.* Sousa (1742: pp. 71-72).

amigo, um tal Luís Teixeira, Desembargador¹³⁷. O fim da atribulada viagem avizinha-se; Leiria estava, “finalmente” à vista e havia, então, matéria para escrever “este Romance”, a “dezassete de Setembro” do ano que gostaríamos nós de saber.

7.3. Acontecimentos históricos

Também da capital Sucarelo respira os ares azafamados, palco na altura, tal como agora, de acontecimentos determinantes para a vida do país. A sua permanência em Lisboa encontra-se particularmente bem documentada nas décimas “Senhor, quem paga o que deve”, que envia ao amigo Domingos de Figueiredo¹³⁸. De acordo com a legenda acoplada por Cristóvão Alão de Moraes e as informações veiculadas pelo autor, o momento histórico subjacente ao poema é particularmente sensível para a nação, pois prende-se com o primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses, em 1650. O poema terá sido escrito, então, entre março e 4 de novembro desse ano, quando a costa foi dada como livre. A composição poética é clara nas informações relativas ao momento de guerra iminente entre portugueses e ingleses, até pelas onomatopeias sugestivas do rufar dos tambores “param tam, / trus trus, tarára tarára”. No verso “senhoreia o Parlamento”, Sucarelo refere-se inequivocamente à Armada do Parlamento, comandada pelo almirante Blake, estacionada ameaçadoramente na barra do Tejo¹³⁹, os “hereges”, nas palavras do poeta.

¹³⁷ Talvez seja o mesmo Desembargador Luís Teixeira de que nos dá conta um documento jurídico com data de 5 de julho de 1663 (Almeida, 1869: I, p. 179).

¹³⁸ A quem, já em 1645, supomos, por altura do S. Martinho, escreve o soneto “Cheguei aqui às três da quarta-feira”, ao qual nos referimos nas pp. 23 a 25.

¹³⁹ “No decurso de uma guerra civil que se incendiara até 1646, as forças parlamentares executaram em 1649 Carlos I em Londres, o que trouxe a Lisboa para pedir o apoio a D. João IV, o sobrinho do rei, o príncipe Rupert. Este acontecimento teve repercussões variadas na corte portuguesa e nas relações diplomáticas entre Portugal e a Inglaterra. A inevitável e óbvia resposta inglesa colocou no Tejo uma poderosa armada sob o comando de Blake, que causou sérios danos à escolta da Companhia Geral e aos navios da frota do Rio de Janeiro, saqueando o açúcar de vários navios. [...] Deste desastre de Março de 1650, não só militar, mas também económico e político [...]. A conturbada situação política que entregou o poder a Oliver Cromwell extravasava para a cena internacional. Por isso, neste ano de 1650, Lisboa converteu-se num dos palcos do conflito. Perante a poderosa armada enviada pelos parlamentares e estacio-

7.4. A vida da capital

Na silva “Meu Duarte Ribeiro”, alude ao ambiente debochado da capital, falando de uma corte em que facilmente se enganam “maridos tontos” com “artificiosa virgindade”, sendo “pontos d’honra” os “remendos da desonra”. Mas o ambiente dissoluto é generalizado: à pergunta do autor sobre o preço da “carne humana”, “uma moça” responde com um atrevimento que o fez zangar, ao ponto de querer “cruzar-lhe a cara”, rejubilando-se pelo amigo que, em Coimbra, está “fornicando de graça”. O poeta queixa-se ainda nesta silva: “vou tendo muito santa paciência / pondo embargos à morte, / que já me traz de espreita nesta corte”. Aludiria a qualquer doença ou ameaça? Foi-nos impossível esclarecer.

No romance “Senhor soldado da armada”, refere que do palácio sabe “cousas prodigiosas”, aludindo às intrigas palacianas, às “candeas às avessas” tão comuns entre aqueles que rodeavam o Rei. Mas o assunto principal prende-se com as conquistas freiráticas, tão comuns na capital como no Porto e em Coimbra.

Na carta em quintilhas “Se com saudades partistes” reitera-se o assunto referido anteriormente, que, de seguida, passamos a desenvolver.

7.5. Os amores freiráticos

O perfil de galanteador que conjecturámos relativamente a Sucarelo encontra-se abundantemente fundamentado. Passaria muito do seu tempo em conquista “na grade”

nada na barra do Tejo, instalou-se na corte o receio das consequências da protecção aos príncipes Rupert e Maurice.” In Costa e Cunha (2010: pp. 235 e 238). Combateram a frota de Blake alguns barcos da Armada da Companhia Geral do Comércio do Estado do Brasil, nomeadamente o galeão S. João, cujo capitão era Antão Temudo, Cavaleiro do Hábito de Santiago, vencido pelo inglês entre 23 e 24 de setembro de 1650, a quem Sucarelo se refere no romance “Manda o Senhor Dom Miguel”. Neste mesmo romance, Sucarelo refere-se também a Vitório Zagalo, capitão do galeão S. Pedro e Cavaleiro do Hábito de Cristo, pertencente à mesma armada. *Vd.* Esparteiro (1976: pp. 5-6), Monteiro (2003) e Melo (2007).

dos conventos¹⁴⁰, uma vez que a sua poesia é muito pródiga em relatos de amores, desamores e traições, envolvendo especialmente diversas freiras, designadamente as do Convento de Monchique, no Porto, a quem Sucarelo dedicou composições poéticas de calibre erótico e obsceno. São abundantes as que são referidas por ele ou pelo seu copista, nas legendas: Maria da Ressurreição, freira em Monchique; Maria dos Mártires; Maria do Espírito Santo, freira em Celas; D. Brázia de Sá, freira em S. Bento; entre outras. Não conseguimos identificar a maior parte, visto que muitas adotavam nomes religiosos, na entrada para o convento¹⁴¹. No entanto, estamos em crer que D. Leonor de Magalhães, a Baida, freira de S. Bento do Porto, referida no romance “Madrepérola algum dia”, será aquela a quem se refere Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana* (1752: III, p. 12):

Sor. Leonor de Magalhaens naceo em a Provincia de Entre Douro, e Minho, de geração nobre, que a fez mais qualificada quando recebeo o habito monastico do Patriarcha S. Bento em o Real Convento da Ave Maria da Cidade do Porto onde foy observantíssima de tão sagrado instituto. A grande Tença que possuía deixou em legado perpetuo para a despeza da cera que havia arder no Sepulchro do Triduo da Semana Santa. Igualmente cumulada de virtudes, que cheya de anos que excedião de noventa falleceo piamente a 22. de Dezembro de 1688. Escreveo com exacção, e verdade.

¹⁴⁰ Ramos (1995: pp. 312-316) traça o panorama das muitas ordens religiosas instaladas no Porto de seiscentos, apesar da rejeição geral da população para o aumento do número de conventos e mosteiros, devido a já existirem em excesso e ao facto de constituírem um “sorvedouro de despesas”. Os números impressionam: “A *ratio* de frades/freiras ou clérigos em relação à população devia ser de 1 para 30.” De 1623 até 1688 houve um aumento de 20% na população dos conventos femininos e no mesmo período aumentou 14% o número de frades.

Sobre esta matéria, Ribeiro da Silva (1985: pp. 270-271) traça o panorama do clero regular da cidade do Porto numa época contemporânea a Sucarelo, chamando a atenção para o exagero do número de frades e freiras.

¹⁴¹ É de realçar que algumas freiras são tratadas por “Donas”. Será meramente um tratamento respeitoso ou indicador de uma origem social mais elevada que as distinga das outras porventura mais humildes? Talvez possamos fazer uma leitura neste último sentido, tendo em conta as palavras de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 472): “E conhecemos o pendor do Mosteiro de Monchique para, embora pobre, receber mulheres de qualidade, como refere o Cardeal Arquiduque ao Rei, em 1586. Entre as professoras, contava-se a abadessa que era irmã de D. Diogo de Sousa e 6 irmãs de João Gomes da Silva e «outras muitas mulheres príncipaes deste Reino». Em 1613, uma procuração do Convento ao Lic.do Nicolau Ferreira era subscrita por 4 freiras que usavam o título de «Dona».”

A tratar-se da mesma pessoa, o tom encomiástico de Barbosa Machado não se coaduna com o teor dos versos do romance referido, em que Sucarelo, a pedido de um admirador ultrajado, Paio Ferreira Pinto, o Cabeça de Vaca, a quem já aludimos, tece críticas ferozes à dita D. Leonor, salientando a sua traição com João do Amaral de Albuquerque¹⁴² e o seu comportamento licencioso, num estilo de linguagem que já lhe conhecemos.

De facto, o médico poeta testemunha, através da sua poesia, um dado histórico incontornável: a vida mundana e dissoluta dos conventos¹⁴³, na época de seiscentos¹⁴⁴. Nela participa ativamente ou faz esforços para que isso aconteça, embora nem sempre obtendo o sucesso desejado e vendo-se ultrapassado pelos frades, como o comprova o soneto seguinte:

Soneto que mandou às Freiras de Monchique, vindo de Coimbra a uma sua festa

Guardadoras do gado deste outeiro,
oh, nunca fôreis, não, tão guardadoras,
as que ajuntando estais todas as horas,
mais do que entesourou Pero Pinheiro.

Parte-se à vossa festa um Cavaleiro,
tingindo em sangue as rodas das esporas,
cuida que há de comer: não faz demoras
nem quer provar dos mexilões de Aveiro.

¹⁴² Estamos em crer que se trata de João de Amaral de Albuquerque, de quem diz Alão de Morais “que se caiava e punha posturas no rosto por ser mui negro de cara”, na legenda que apôs ao poema “Madrepérola algum dia”. De acordo com Moncóvio (2006-2007: p. 327), seguiu a carreira das armas e era filho de António do Amaral Albuquerque, que foi fidalgo e vereador na Câmara do Porto, e de D. Maria Pereira Leite, parente de D. Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita, a quem já nos referimos, moradores na Rua das Flores, no Porto. *Vd.* também Ribeiro da Silva (1985: II, p. 739).

¹⁴³ *Vd.* as décimas “Seis órfãs, e muito honradas”.

¹⁴⁴ Quase um século depois, Charles Frédéric de Merveilleux, médico naturalista da corte de D. João V, referindo-se aos conventos, afirma “que noutros tempos haviam sido casas bastante livres para a galanteria” *Vd.* Silva (2006: p. 32). Carvalho (1926: p. 104) refere ironicamente sobre esta matéria:

Namorava-se então à vontade e era praxe cada um ter namoradas nos conventos.

Ninguém faltava à praxe; o exemplo vinha do alto, os estudantes imitavam os graves professores que frequentavam também as grades a galantear.

E não eram dos menos assíduos nem dos mais tímidos os graves professores.

Fazeis sarapatel, juntais panelas,
há festifolgas, todo o Frade come,
ele fica em jejum vendo as estrelas.

Já vos conhecem, já vos sabem o nome,
sois igualmente míseras e belas,
pois que matais de Amor e mais de fome.

O imenso desdém, talvez ódio, pelo “Frade”, porque concorrente e rival na arte da conquista dos favores femininos, perpassa toda a poética de Sucarelo¹⁴⁵, muitas vezes traduzido em palavras rudes, indecorosas, arrasadoras. Um poema paradigmático do que acabámos de afirmar é o soneto “Oh, que valentemente as gotas dás” em que o poeta no verso “Mas ele não to fez como eu to fiz” compara desempenhos sexuais, afirmando, logicamente, a superioridade do seu. O soneto “Soror Dona Barbata, em que vos pês”, no qual o autor se afirma preterido por um frade com “carinha de rapaz”, atesta também essa crispação. Os “Frades, porcalhões e malcriados”, que “fedem a bedum como o diabo” rivalizam igualmente com os estudantes e dessa rivalidade surge a silva “São graves os Estudantes e bem-nascidos”, uma “Sátira” de comparação entre uns e outros, repleta de desprezo e ferocidade atroz contra os clérigos, os “lobos carnicheiros”.

As freiras foram inequivocamente o objeto privilegiado da maledicência e do vilipêndio de Sucarelo. Manteve com várias uma situação de conflito amoroso, como aconteceu com uma dita Maria da Ressurreição¹⁴⁶ (a quem dedicou três, eventualmente quatro poemas) e a quem, alegadamente, o seu padre “confessor” lhe disse que “quisesse / como a próxima e não mais”. Mas o desejo carnal, potenciado pelos “ovos moles” que a freira lhe terá mandado, fez com que ele quisesse quebrar a promessa da confissão, o que motivara ter “ao confessor / mais fraquezas que contar.” No entanto, a sua Maria da Ressurreição derrete-se de amor por Lopo Judeu, o que não tem “Nenhum modo de desculpa”. O poeta, enciumado, viu na vingança pela “navalha cortadora” a única forma de

¹⁴⁵ *Vd.* também as décimas “Engenho agudo mostrastes” e “Corre por esta cidade”.

¹⁴⁶ A crer na legenda do copista, Maria da Ressurreição seria freira no Convento de Monchique, no Porto. *Vd.* a décima “Se Amor é fogo fatal” e os romances “Sabereis, mana Maria”, “Não corrais, bela Maricas” e, eventualmente, “Deixai, Senhora Amaríles”.

aplacar a dor que sentia, não só pelo desprezo a que foi votado, como também pela forma despudorada como o seu rival divulgou a relação que mantinha com a freira. O poeta terminou muito caridosamente a sua composição, desejando que ela se emendasse (e, adiantamos nós, fizesse melhor escolha – ele próprio). A “Senhora Amaríles” (nome tão vulgar na lírica barroca), a quem dedicou outro romance, de acordo com a respetiva legenda, foi também freira de Monchique. Tratar-se-á da Maria da Ressurreição dos poemas anteriores? Os queixumes são os mesmos: a rejeição consubstanciada na falta de resposta a “dous”, poemas (supomos) que ele lhe escreveu, o que fez com que ele fosse “um homem / mais que todos infeliz.” Também neste poema se denota a mesma tensão do desejo carnal, afirmando o poeta “e se houver de ser na grade / faremos nosso alfe-nim” e, pedindo, “Consumemos matrimónio,” numa clara alusão à consumação do ato sexual.

Sucarelo não se coíbiu, portanto, de aludir à sua apetência sexual por freiras. Uma “freirinha / de quinze até vinte Abris, / “franguinha do galinheiro,”¹⁴⁷ foi bastante do seu agrado e motivou uma pormenorizada descrição física que passou pelos olhos, nariz, boca, fala, pescoço, “pernil”, mãos e dedos. Noutro poema¹⁴⁸, aludiu a um galanteio seu um tanto inconveniente que, terá ofendido “Mariana”, pelo que se viu na obrigação de se desculpar, pois defendeu “Não há de ser Amor, se em Amor começa, / violência ou quebradeiro de cabeça”.

As freiras, para quem corria a toda a pressa¹⁴⁹, terão sido a origem de muitas agruras. Uma delas, talvez de Celas¹⁵⁰, melindrou-o, ao ponto de “roer todas as unhas” da sua

¹⁴⁷ *Vd.* o romance “Reverendo Frade Lóio”.

¹⁴⁸ *Vd.* a silva “Isto sim, boto a Cristo”.

¹⁴⁹ *Vd.* a quadra que se segue, da qual já nos socorremos para exemplificar uma outra situação:

Indo o Autor a ver uma freira com quem falava em um rocim, a toda a pressa lhe disse
um Amigo que o encontrou aqueles dois versos de Francisco de Sá de Miranda:

Como corre e como atura
quem vai após do seu gosto.

E ele respondeu com muita presteza:

Mas mais corre quem vai posto

“pobre mão direita”, por lhe mandar uma “palma seca”, pedindo-lhe ele que não o desconsiderasse dessa maneira, pois autocaracterizou-se em tom jocoso, valorizando as suas carnes em abundância, sinónimo de formosura, ao longo dos tempos:

[...]

Eu sou um moço mui fresco,
tenho bastantes bochechas,
e val mais um palmo meu
que cinco de qualquer freira.

Se me víreis em camisa
das ancas até à cabeça,
víreis nua a formosura,
com mil roscas de manteiga.

Também a freira a quem chama Luísa da Vesitação¹⁵¹, e apelida de “traidora”, lhe causa desgosto, bem como aquela a quem ele se referiu com o vocativo “Minha Anarda”¹⁵², que preferiu os versos de “um ruim Poeta” aos seus, como esclarece o compilador na legenda. De “Caterina”¹⁵³, talvez à laia de vingança por ela se revelar ingrata e esquivava ao amor, depois de lhe tecer os maiores elogios aos seus dotes físicos, remata pela voz de “Fábio”: “– Oh, sendo muchacha gentil, que tal serias, / se sendo tão formosa não cagaras!”.

Os supostos problemas resultantes do seu relacionamento com religiosas encontram-se difundidos noutras composições, como é o caso da silva “Si, Senhor eu me vim dessa cidade”, na qual Sucarelo descreve as suas façanhas “na grade”, “apesar do Inquisidor Andrade”¹⁵⁴, que supomos se tenha manifestado contra tais encontros. Em vários

num bom rocim de andadura.

¹⁵⁰ *Vd.* o romance “Sabe Deus, Senhora minha”.

¹⁵¹ *Vd.* a décima “Pois que vos fostes, traidora,”.

¹⁵² *Vd.* o romance “Minha Anarda, cuja voz”.

¹⁵³ Talvez mais uma freira de Monchique. *Vd.* o soneto “Rubim, concha de perlas peregrina”.

¹⁵⁴ Supomos tratar-se de Cristóvão de Andrade Freire, originário de Bragança, que foi deputado do tribunal da Inquisição de Évora, tendo tomado posse neste cargo a 22 de julho de 1623 (Cf. Monteiro, 1723: p. 415) e transitou a 22 de outubro de 1633 para o tribunal de Coimbra (ressalvamos que esta informação não assenta numa base documental irrefutável). Dois anos depois, em 27 de agosto de 1635, foi promovido à categoria de Inquisidor do mesmo tribunal. Depois de aposentado em Coimbra, foi nomeado

poemas, o autor partilha pormenores consideravelmente esclarecedores da relaxada disciplina dos conventos (supomos que muito bem aproveitada por ele), o que não será de estranhar, uma vez que se achavam repletos de mulheres que, por falta de casamento condigno, encontravam ali o refúgio para a sua vida. A este propósito, Ramos (1995: p. 315) refere que “os mosteiros femininos, para além de albergarem educandas e de instruírem muitas raparigas, ofereciam solução de vida socialmente respeitável àquelas a quem o casamento não convinha ou não se proporcionava.”. Nesta matéria, o soneto que se segue dispensa comentários.

A um amante de D. Maria de Meneses, Freira em S. Bento do Porto

Quando a Menezes te falar na grade,
manda-lhe descobrir pescoço e teta,
desataca o calção, despe a roupeta
e vai-lhe apresentando a humanidade.

Pede-lhe a mão com toda a liberdade,
fala-lhe em requeijão, nata e punheta,
em despejar alforjes de lã preta,
que ela o fará com toda a majestade.

Se acaso te disser que é vilania
de gosto infame este grosseiro logro,
idolatra o desdém, finca os geolhos

e dize-lhe: “– Eu estou, Mana Maria,
como vilão em casa de seu sogro;
dá-me essa mão, por vida desses olhos.”

membro do Conselho Geral da Inquisição e do Conselho Ultramarino. *Vd.* Monteiro (1723: pp. 415, 455 e 481) e Farinha (1990: p. 325).

Na *Pedatura Lusitana* (1947: V, I, p. 418), Morais refere que é filho de Agostinho de Andrade Freire e de Maria Freixinha, Inquisidor de Coimbra (o mesmo se confirma em Gayo, 1938: I, pp 152-153), presidente da mesma Inquisição e Deputado do Conselho Ultramarino (tendo tomado posse a 3 de outubro de 1656, de acordo com uma relação transcrita do Livro dos Autos de Posse dos Presidentes, Conselheiros e Mais Ministros do Conselho Ultramarino).

Almeida (1970: p. 211) dá conta de um documento assinado por Cristóvão de Andrade Freire, na sua qualidade de inquisidor de Coimbra, em 14 de dezembro de 1636, o mesmo se passando com Pereira (s.d.) em *A propósito da restauração do Tribunal do Santo Ofício em 1681*, com o Regimento da Inquisição, datado de 1 de dezembro de 1640, assinado pelos três inquisidores de Coimbra, nomeadamente Cristóvão de Andrade Freire.

Apenas em duas composições poéticas¹⁵⁵ encontrámos alusões seguramente mais favoráveis a religiosas. No primeiro caso trata-se também de uma freira de Monchique, convento generoso para questões amorosas, que embora não fosse “muito sabichona” foi bastante elogiada por Sucarelo, como se pode verificar:

[...]

Eu tenho Freira em Monchique
por ter em que me ocupar,
mulher de grandes primores,
muito honrada e figadal.

Não é muito sabichona,
que digamos, porém faz
ricas ameixas de calda,
fermoso manjar real.

A moça zomba zombando,
bota patacas ao mar
e faz vanglória de ser
grandiosa e liberal.
[...]

No segundo caso, D. Brázia, freira em S. Bento do Porto, afigurou-se como confidente do poeta. Escreve-lhe em 1658, altura em acompanhava o exército português em Badajoz, a crer nas legendas dos copistas.

Não nos admira a indignação do autor quando se proibiu, supostamente em Coimbra, de falar com freiras¹⁵⁶, privilégio apenas reservado aos frades¹⁵⁷, o que originou duros reparos num conjunto considerável de décimas, das quais, a título de exemplo, retiramos apenas alguns versos elucidativos: “as freiras na grade / só tratam frades amantes”;

¹⁵⁵ *Vd.* os romances “Que fazeis na vossa Terra” e “D. Brázia, dos meus olhos”.

¹⁵⁶ Não nos foi possível determinar quais as circunstâncias em que a medida terá sido tomada, se ocorreu apenas para este ou aquele convento e se aconteceu unicamente em Coimbra. A decisão oficial de se moralizar os conventos ocorreu, cerca de um século depois, no reinado de D. João V, quando este, o mais freirático de todos os reis, ironicamente, pelo decreto de 16 de março de 1725, “obrigou os freiráticos a assinarem um termo de não mais frequentarem esses lugares”. *Vd.* (Silva, 2006: p. 32)

¹⁵⁷ *Vd.* as décimas “Corre por esta cidade”.

“já lhe nascem pela grade / mais ervas do que nas hortas”; “achareis as praças mortas”; “Pôs-se-lhe uma excomunhão / que a nenhum secular falem”; “já não vem ao pensamento / bilhete para um convento”, o “Convento / fechado com um castelo”.

7.6. O autorretrato de um conquistador

A poesia de Sucarelo, se a aceitarmos como potencialmente autobiográfica, aponta para as suas acentuadas qualidades de *bon vivant*, de indivíduo de natureza inconstante, como parece reconhecer no romance “Sabereis, mana Maria”: “que eu protesto hoje uma cousa / e faço outra amanhã”. De autoanálise e de cariz mais sério, quase em tom de despedida, é o soneto “Sou vivo sepulcro de esperanças”, no qual se percebe a desilusão e o abatimento provocados pela frustração amorosa, bem como o desalento de se saber estimado apenas pelo facto de ser considerado “fábula do mundo e passatempo”.

O gosto de Sucarelo pelo *belo sexo* seria bastante abrangente, não se ficando apenas pelas inflamadas religiosas. Embora em menor número, também detetámos na poética de Sucarelo um grande apreço pelas mulheres do povo, “pela gentileza e terno de seu trato”, por “ser sempre barato” e lhe permitir andar “quieto, farto, limpo, repousado”¹⁵⁸, entre outras razões, todas elas de carácter muito prático.

No romance “Saloia dos olhos verdes”, admite que sofre dos males de amor, na medida em que a dita deixa a cidade, “indo-se para a quinta”, como adianta o compilador e para o “Termo” (com o sentido de “arrabaldes”), nas palavras do poeta, sem que ele a tenha conseguido seduzir. O termo “Saloia”, designando uma aldeã das imediações, do “Termo” de Lisboa, é um elemento de referência importante, uma vez que nos remete para o eventual espaço da enunciação e para a proveniência social da sua interlocutora, que se dedica aos afazeres do campo. A ela, tanto se revela elevada e platonicamente

¹⁵⁸ A este respeito *vd.* o soneto “Não há amor igual ao da fragona”. A autoria deste poema é disputada com D. Tomás de Noronha.

“rendido e morto” de “Amor”, como, descendo às necessidades imediatas do corpo, lhe oferece a sua “pá do forno”.

Num encontro na Fonte das Virtudes¹⁵⁹, “a velhaca da Corcôs”, adivinhando-lhe a pobreza, não cedeu aos seus avanços “porque a Puta era cadima / nas mecânicas de amor.” De nada lhe valeram as promessas de “uma peça de valor”; o muito que conseguiu foi atrevidamente descoser-lhe “três passamanes do cós”, depois de lhe tentar “dar um beliscão”, afirmando que vai morrendo de amor. No romance “Atrevido pensamento”, o nosso desaforado autor assumiu-se muito pedagogicamente um defensor da ousadia:

[...]

Quem não despreza os temores,
atropelando os perigos,
não merece as esperanças
nem os maiores alívios.

O poeta, que não demonstrou qualquer pudor em revelar as suas conquistas¹⁶⁰, revelou também gostos ‘exóticos’¹⁶¹, querendo “A uma Negra”, a quem se referiu como “negra Senhora minha”. O conteúdo do soneto não nos traz novidade: andava em “negro estado” por ela, por isso pediu-lhe “um negro gosto”... Numa outra composição¹⁶², teceu também elogios a uns olhos pretos, pelos quais a sua “alma anda perdida” e que por serem “matadores” ultrapassam “os azuis e mais os verdes”.

As pretensas desventuras amorosas são assinaladas com bastante expressão num romance¹⁶³ que fez a um amigo ausente e que o aprecia pelos seus “disbarates”¹⁶⁴. Confessa-se preterido por um alfaiate da Reboleira, a acreditar na legenda do copista do manuscrito da biblioteca de Londres.

¹⁵⁹ *Vd.* o romance “Fui amar por meus pecados”.

¹⁶⁰ *Vd.* a décima “Cuidará Você, Senhor”.

¹⁶¹ *Vd.* o soneto “Amor me tem por vós negro ferrado”.

¹⁶² *Vd.* o romance “Olhos pretos matadores”.

¹⁶³ *Vd.* o romance “Pois que dos meus disbarates”.

¹⁶⁴ O mesmo que disparates.

Apaixonado por “Zabelinha”, a partir do momento em que a viu “na fonte”, conseguiu dela um “par de favores”, mas ela logo o trocou por um “Moço” “magano e feio” e “fraca rês”. Encolerizado, o poeta *foi-se a ele*, mas explica “susti-me outra vez”. Pediu satisfações a “Zabelinha”, uns “quatro mil porquês”, tendo ficado “desavindos” e o poeta cheio de “mataduras” “dentro d’alma”.

No meio de tantos supostos arrufos¹⁶⁵, sofrimento e traições, no soneto “Quando a fermosa mão Fílis movia”, Sucarelo remata a sua visão desalentada do amor: “achar junto à beleza a falsidade”.

Nunca deixando de ter em mente o caráter fictivo dos textos, atentemos na definição do “amor, pelo Sucarelo, famoso poeta”, bem ao estilo grotesco do barroco, no soneto “Que fio de ouro ou cabelo ondado”, que transcrevemos:

Soneto ao amor

Que fio de ouro, que cabelo ondado
piolhos não criou, lêndeas não teve[?]
Que raio de olhos blasonar se atreve
que não foi de romelas maltratado[?]

Que boca se acha ou que nariz prezado
aonde monco ou escarro nunca esteve[?]
De que mão de cristal ou branca neve
não se viu seu besbelho visitado[?]

Que papo de mais bela galhardia,
que um dedo está do cu só devidido,
não mija e regra tem todos os meses[?]

Pois se amor tudo é merda e porcaria
e por este monturo andais perdido,
cago no amor e em vós trezentas vezes.

8. Sucarelo e a guerra da Restauração

¹⁶⁵ A este propósito *vd.* o romance “Não gosto, não, vida minha”, que disputa a autoria com António da Fonseca Soares.

8.1. Contextualização do momento histórico

Relembremos de uma forma ligeira o momento histórico que se vivia em Portugal. A nação encontrava-se num período em que a independência estava ainda pouco consolidada, uma vez que D. João IV fora aclamado Rei de Portugal havia pouco tempo, a 15 de dezembro de 1640. A conjuntura política nacional era periclitante e as contendas com Espanha sucediam-se, especialmente nas zonas fronteiriças.

Para uma melhor compreensão da nomeação de Sucarelo para cirurgião-mor do reino – de que falaremos mais adiante –, convém contextualizarmos as circunstâncias em que tal acontece.

A 8 de dezembro de 1647, Martim António Afonso de Melo, o Conde de S. Lourenço, Governador de Armas do Alentejo¹⁶⁶, em pleno palco de guerra, queixava-se sobre a precária assistência aos seus soldados, em missiva que envia ao rei:

... estão feridos em Castelo de Vide quantidade de soldados que todos vieram despidos e por falta de cirurgião morreram alguns, seja V. M. servido de mandar um que seja homem de conta dos muitos que há em Lisboa, porque é grande lástima que morrão os homens depois de escaparem das mãos do inimigo, por não haver quem os saiba curar, pois cada dia temos encontros... ¹⁶⁷

Esta carta foi apreciada no Conselho de Guerra de 18 de dezembro de 1647¹⁶⁸, que lhe conferiu parecer favorável, no sentido de que o rei autorizasse:

buscar-se um dos melhores cirurgiões que houver, como Francisco Guilherme, António Sucarello ou outro semelhante, concertando com ele o soldo com que se acomodará a ir servir como Cirurgião-Mor no Exército do Alentejo com obrigação de ensinar os cirurgiões dos Terços que por não serem mais que praticantes, precisam ainda de muita prática e mais ciência e dou-

¹⁶⁶ Martim António Afonso de Melo (†1671) foi filho de Luís de Melo da Silva e de D. Filipa de Faro, foi 4.º Conde de S. Lourenço. Após a aclamação de D. João IV foi nomeado governador de Cascais e serviu na Guerra da Restauração, no comando do exército do Alentejo. As intrigas da corte levaram à sua demissão, sendo reintegrado novamente em 1647, durante três anos. Foi encarcerado por se julgar ter estado implicado no Jogo da Pela (1655). Voltando ao comando do exército do Alentejo, após a morte de D. João IV, a sua ineficácia militar nomeadamente nas conquistas de Badajoz e outras praças, levaram a que fosse substituído por Joannes Mendes de Vasconcelos, em 1658. *Vd. Costa e Cunha* (Rio Tinto: 2010, pp. 285-286) e *Dicionário de Personalidades* (2004: XVII, pp. 85-86).

¹⁶⁷ Reis, 2006.

¹⁶⁸ *Idem*.

trina, para que veja o que se passa no Alentejo e que não é razão por 200 ou 300 mil réis que vá ganhar um cirurgião-mor com insuficiência, partes e qualidades e que por falta disto se aventure a vida dos vassalos de V. M. que estão defendendo o Reyno.¹⁶⁹

O “António Sucarello” a quem se alude será, sem dúvida, o pai de João Sucarelo. Também ele terá sido um médico famoso da sua época, falecido a 9 de setembro de 1649, exercendo a sua profissão, à data, na cidade de Lisboa, como já tivemos oportunidade de esclarecer¹⁷⁰.

No entanto, as pretensões do General foram negadas em despacho de 31 de janeiro de 1648, com a seguinte redação: “quando o cabedal era pouco como então, era muito o gasto com o cirurgião-mor, pelo que deviam as Companhias dos Terços providenciar para que os seus cirurgiões fossem bons”.

Porém, o Conselho de Guerra insistiu, emitindo a 4 de fevereiro de 1648 um novo parecer e sobre este despacho que, entre outros aspectos, referia:

Os cirurgiões dos Terços são uns barbeiros romancistas com pouca ou nenhuma experiência, que importa pouco a diligência para que sejam de suficiência e partes que convém porque não se dá a cada um mais que 5.000 réis por mês e quem tem préstimo se não arrisca às balas por tão pouco. Se é grande o soldo do Cirurgião-Mor importa menos do que V. M. perde nos serviços dos soldados de qualidade que sendo feridos não têm quem os cure e os que isto vêem pensam que o mesmo lhes pode suceder por isso insistem pela ida do Cirurgião-Mor perito e experimentado que evite estes danos e ensine os cirurgiões dos Terços.¹⁷¹

A 15 de outubro de 1650, o Conde de S. Lourenço envia novamente ao Rei um pedido para a nomeação de Sucarelo como cirurgião-mor do exército do Alentejo, desta feita o filho, uma vez que o pai morrera há um ano:

Senhor. Cada dia experimentamos mais a necessidade que este exército tem de hum bom serugião pois as ocasiões são muitas, e o sentimento geral,

¹⁶⁹ *Idem*.

¹⁷⁰ No *Index das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa Entre os Anos de 1580 e 1747*. Tomo III. Lisboa, 1944, p. 262, refere-se sobre o Sucarelo pai “Juro q da Ant^o Sucarello Claramonte ao Conv.^{to} do S.^{dor} das escolas geraes fl.... 26 de Mayo 1648”.

¹⁷¹ *Vd. Reis*, 2006.

de que por falta delle se ariscão a perder a uida os que seruimos a V. Magestade nestas fronteiras por que quando se manda buscar a Lisboa de ordinário, ou chega tarde ou não he já necessário.

Tenho por noticia que hum muito bom serugião, e medico, como he o Suquerele quer uir para assistir neste exercito, fazendolhe V. Magestade a mercê que pede nesta memoria que me mandou, e no que toca ao soldo, he couza ordinária, por que aquy se da o mesmo a hum serugião que aquy assiste que nehũa couza sabe de surgia, o mais assy do habito, como da tença, seja V. Magestade seruido queremos fazer a todos merçe de o contentar, honrandoo com esta merçe, pois fica toda a uida obrigado a servir, e nos com grande interesse de continuarmos o mesmo; guarde Deos a Real pessoa de V. Magestade como todos os seus Vassalos hauemos mister, Elvas 15 de Outubro de 1650. – *O Conde de S. Lorenzo*.¹⁷²

8.2. Pretensões do médico poeta

Com o pedido anterior segue uma “memoria” na qual Sucarelo explica ao Rei D. João IV a sua situação e as suas pretensões, afirmando que é lente na Universidade de Coimbra, com ambições superiores na sua carreira académica, embora como já foi referido, não tenhamos logrado confirmar estas circunstâncias do poeta. Terá sido um golpe audacioso por parte de Sucarelo dar-se como lente da Universidade para conseguir do monarca melhores condições? Apesar da desfaçatez que já apontámos ao poeta, não cremos que a este nível ele fosse tão longe. No entanto, não nos foi possível encontrar até à data elementos para o comprovar.

A partir da sua missiva, vemos que as suas exigências são consideráveis, o que se aceita, uma vez que teria de trocar uma vida eventualmente segura pelo desconforto do quartel. Dado que tinha a seu cargo mãe (que ficara entretanto viúva), mulher e filhos, pretendia que lhe fosse pago o mesmo valor que auferia na Universidade.

Mas por que razão iria Sucarelo para o miolo do conflito, exatamente pelo mesmo salário? Seria esse o preço a pagar para obter os tão ambicionados títulos “de Cirurgião mor do exercito e de Medico de S. Magestade” e de Cavaleiro da Ordem de Cristo, como pretende? Parece-nos uma hipótese bastante aceitável, até porque três anos antes con-

¹⁷² Reproduzida a partir de Viterbo (1950: p 13).

cluíra a sua licenciatura na Universidade de Coimbra, o que mais facilmente o catapultava para o reconhecimento social pretendido. Sobre esta matéria, Hanson (1986: p. 58) afirma:

Muitos daqueles que aspiravam ao estatuto de nobreza para as suas famílias, procuravam que os seus filhos fossem admitidos como estudantes nas Universidades de Direito ou Medicina, pois os indivíduos que obtivessem uma educação universitária como advogados ou médicos e tivessem depois entrado na burocracia, estavam bem posicionados para continuarem no seu progresso social. Como funcionários da coroa ou das burocracias municipais, especialmente da de Lisboa, tais indivíduos tinham possibilidade de ombrear com a nobreza e talvez encontrar um patrão ou um padrinho que lhes ajudasse a franquear as portas que doutro modo não se abririam apenas ao talento ou ambição.

Os mais afortunados (ou provavelmente, os seus descendentes) penetravam nos escalões mais baixos da nobreza, recebendo os direitos e privilégios de *fidalgua* ou, pelo menos, os de *cavaleiros*.

Anteriormente, já Ribeiro da Silva (1985: p. 266) dilucidara sobre esta matéria:

Veremos que na sociedade portuense mecanismos de ascensão, aqui e além, foram accionados com êxito. Ilustrará a afirmação o exemplo seguinte: em 1635, o Juiz de Fora recusava-se a aceitar como almotacé o Doutor Feliciano Guedes Carneiro, médico, por não ser filho nem neto de cidadãos nem casado com filha ou neta de igual raiz. Os Vereadores contrapuseram que o eleito era «Doutor pessoa constetuida em nobreza por suas letras». A tese dos Vereadores foi a que venceu: as letras reconhecidamente conferiam nobreza.

Por todo o Reino, ter-se-ão repetido casos análogos, nomeadamente em Coimbra onde, segundo o Prof. António de Oliveira, «pelas vias do estudo, das armas e da riqueza», alguns conseguiram subir acima do estrato em que haviam nascido.».

Os requisitos para Sucarelo se mover de armas e bagagens para Elvas incluíam também bens materiais: solicitou uma casa e palha e cevada para um cavalo. Tratando-se do homem sem rodeios que já mostrámos ser, desarma fantasticamente o monarca afirmando “Veja V. M. noque deixo se tenho razão para o que peço.”:

Tenho na Vniversidade quarenta mil réis em hũa cadeira, e as propinas de lente cõ a esperança de ir subindo ás cadeiras mayores, e o mais que me rendem as minhas letras. Tenho may, molher e filhos e fazenda que grangeo isto

he o que deixo. O que me hão de dar ha de ser. O habito de Christo, e não outro, quarenta mil reis de tença effectivos, com faculdade de poder testar delles, uinte mil reis de praça cada mez pagos na plana da corte. O titulo de Cirurgião mor do exercito, e de medico de S.Magestade com moradia, cazas, palha e ceuvada para hũ caualo. Veja V. M. noque deixo se tenho razão para o que peço. E neste negocio não hey de fazer diligencia algua e com todos estes partidos de pose heide entrar em Elvas. (Arquivo da Torre do Tombo, Consultas do Conselho de Guerra, Mac. 10.º, n.º 174)¹⁷³

Em 2 de novembro de 1650, o Conselho de Guerra apoiou a pretensão do Conde de S. Lourenço, enviando o seu parecer juntamente com a carta de Martim António Afonso de Melo e a “memoria” de Sucarelo:

Sñor

Na carta inclusa representa o Conde de S. Lourenço a V. Magestade a necessidade que ha no exercito do Alentejo de hum bom cirurgião, pois as ocasiões são muitas, e o sentimento geral de que por falta delle se arriscão a perder a vida os que servem a V. Magestade naquellas fronteiras, porque quando se manda buscar a esta cidade, de ordinario ou chega tarde ou não he ia necessario. E que tem por noticia que hum muito bom cirurgião e medico como he o Sucarelo quer ir assistir naquele exercito fazendo-lhe V. Magestade mercê do habito de Christo; de quarenta mil réis de tença effectivos com faculdade de poder testar deles; vinte mil réis de praça cada mez pago na plana da corte; do titulo de cirurgião mor do exercito e de medico de S. Magestade com moradia, casa, palha e ceuada para hum caualo, como pede na sua memoria inclusa, apontando nella as comodidades que deixa indo servir de Cirurgião mor a Alentejo que são quarenta mil réis que tem na Vniuersidade com hũa cadeira, as propinas de lente e a esperança de ir subindo as cadeiras maiores e o mais que lhe rendem as suas letras; e diz o Conde que no que toca ao soldo he cousa ordinária, e que no mais assi do habito como da tença deue V. Magestade ser servido quererlhe fazer a elle Conde e a todos os daquele exercito merce de contentar a este homem para que se disponha a ir servir de Cirurgião mor honrando com as mercês que pede, pois fica toda a uida obrigado a servir.

Muitas vezes se tem representado a V. Magestade a urgente necessidade que há de que no exercito de Alentejo assista um dos melhores Cirurgiões do Reino para curar os enfermos e feridos, e ensinar outros; e por incultas de Francisco Nunes nomeou V. Magestade hum de Santarem que he o que agora assiste em Alentejo com titulo e soldo de Cirurgião mor do exercito; e visto dizer o Conde de S. Lorengo que não val nada e que o Sucarello não só na ar-

¹⁷³ Reproduzida a partir de Viterbo (1950: p. 14).

te de Cirurgia, mas também na medicina he sojeito perito: Parece ao Conselho que V. Magestade mande despedir o de santarem e nomear para Cirurgião mor do exercito ao Sucarello com o soldo que goza e agora serue, e porque para o obrigar a que aceite e sera justo compensarlhe na forma que for possível as conueniencias que deixa e são as que se referem no papel incluso na carta do Conde Gouvernador das Armas. Parece também ao Conselho que V. Magestade lhe deue mandar de titulo o seu medico e o habito de Christo com quarenta mil réis effectivos de tença, com faculdade de poder testar deles morrendo na guerra, ou seruindo nella seis anos. Lisboa 2 de novembro de 1650 (*com a rubrica do Conde do Prado, faltando a rubrica de Joane Mandes de Vasconcellos que nella votou*).¹⁷⁴

Perante elogios tão rasgados à competência e perícia de Sucarelo “na arte de Cirurgia, mas também na medicina”, a 7 de novembro redigiu-se a resolução de El-Rei, assentindo no pedido:

Como parece, e os quarenta mil réis serão em capellas ou renda de confiscados, e com certidão de como tem assistido recorra á Secretaria das Mercês para se lhe passar Portaria. Lisboa 7 de novembro de 1650. – *Com a rubrica d’el Rei*.¹⁷⁵

8.3. Nomeação como cirurgião-mor e títulos obtidos

Dois meses após ter enviado a carta, as suas aspirações são efetivamente satisfeitas. Sucarelo é nomeado cirurgião-mor do exército do Alentejo em 18 de dezembro de 1650, ficando obrigado a servir o Rei durante seis anos, nas fronteiras do Alentejo. Na carta de nomeação régia já é dado como sendo licenciado:

Dom João etc. faço saber aos que esta minha carta patente virem que por convir a meu serviço prover-se o cargo de cirurgião mor do exercito de Alentejo em quem concorram as partes que se requerem para o exercito deste cargo e por ser informado, que estas concorrem no licenceado João Succarello, e que nesta occupação me seruira com todo o cuidado com que o deue fazer, por todos estes respeitos Hey por bem e me praz de lhe fazer merce do ditto cargo de cirurgião mor do exercito de Alentejo, para que o sirua assim e da maneira que o servirão, seus antecessores, e com elle haja de soldo por mês oito mil reis pagos na confirmidade de minha ordens Pello que mando

¹⁷⁴ Transcrita a partir de Viterbo (1950: pp. 11-13).

¹⁷⁵ Idem, p. 13.

ao Governador das armas da Prouincia e exercito do Alenteyo e ao mestre de campo geral delle o tenhão, e conheção por tal cirurgião mor e lhe deixem exercer este cargo, fazendolhe guardar as prerrogativas delle e ao veedor e contador geral do mesmo exercito lhe assentem, e fação assentar o suditto soldo nos liuros de seus officios para delle hauer pagamento na forma asima declarada e aos cirurgiões dos terços e barbeiros das companhias delles, esteyão obrigados e do dito carguo hey por metido de posse por esta carta ao ditto João Succarello jurando elle na forma costumada que cumprira em tudo as obrigações do mesmo carguo, Por firmeza do que lhe mandey dar esta carta por mim assinada e sellada com o sello grande de minhas armas. Dada na cidade de Lixboa aos dezoito dias do mez de Dezembro de 650, e eu Antonio Pereira a fiz escrever. Rey. : (Secretaria do *Conselho de Guerra*, n.º 14, fl. 53v.)¹⁷⁶

Em portaria de 20 de dezembro de 1650, o Rei faz de Sucarelo seu médico e manda que o dito se prepare para receber o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo:

El Rey nosso Senhor tendo respeito á sufficiencia de João Succarello e a boa uontade com que se dispõem a servir na prouincia de Alentejo de sirurgião mor do exercito della, de mais do soldo que hade hauer por outra uia na forma que o sirurgião mor seu antecessor gosaua; Há por bem de lhe fazer mercê do titulo de seu medico e de quarenta mil réis de renda affectiva em capellas ou bens de confiscados, para ter os mesmos quarenta mil réis com o habito de Christo que lhe tem mandado lançar, com faculdade de poder testar delles morrendo na guerra ou seruindo nella seis annos; e pêra comprimento da condição com que se lhe deu o despacho referido de servir seis annos nas fronteiras de Alentejo asinou termo que fora na Secretaria das mercês por autoridade de justiça. Lisboa em 20 de Dezembro de 650. El Rey nosso Senhor Há por bem de mandar lançar o habito de Christo a João Succarello que hora uay por sirurgião do exercito da prouincia de Alentejo pera o ter com quarenta mil réis de rendas effectivos em capellas ou bens de confiscados de que se lhe tem feito mercê de promeça, e manda que pera hauer de receber o habito se lhe fação as prouanças e habilitações de sua pessoa na forma dos estatutos e definições da Ordem, e pera o comprimento da condição com que se lhe deu o despacho referido de servir seis annos nas fronteiras de Alentejo asinou termo que fica na Secretaria das merces feito por authoridade da justiça. Lisboa 20 de Dezembro de 650. (Arquivo da Torre do Tombo, liv. 2º de *Portarias*, fl. 319)¹⁷⁷

Em carta datada de 24 de junho de 1651, o rei cumpre o que prometera e João Sucarelo Claramonte é agraciado com o tão desejado título de Cavaleiro da Ordem de Cristo:

¹⁷⁶ Viterbo (1950: p. 9).

¹⁷⁷ Viterbo (1950: p.11).

Dom João por grasa de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquê dalem mar em Africa Senhor de Guiné e da conquista nauegação comersio da Ethiopia Arabia Persia da India etc. Como gouernador e perpetuo administrador que sou do mestrado caualaria e ordẽ de Nosso Senhor Jesu Christo, faço saber a uos reuerendo dom prior do conuento de Thomar da mesma Ordem ou a quẽ ouosso cargo seruir que João Sucarelo me pedio por mercê que por quanto elle desejaua e tinha deuasão de seruir a nosso Senhor he a mim na mesma ordẽ ouuesse por bem de o reseber e mandar prouer do habito della e antes de lhe fazer mercê e o reseber a ordẽ habilitou sua pesoa de ante do presidente e deputados do despacho da mesa da consiensiã e ordens e juis dellas e por que me constou pella habilitasão que se lhe fes segundo forma das definisões e estatutos da dita ordẽ o dito João Sucarelo ter as partes e qualidades necessarias conforme a ellas para ser prouido do habito da mesma ordẽ e por esperar que nella poderá faser muitos seruiços a nosso Senhor he a mim Hey por bẽ me pras de o reseber a ordẽ e por esta uos mando dou poder a comisão para que lhe lanseis o habito dos nouisos della nese conuento segundo forma das definisões e estatutos da dita ordẽ e o fareis assentar no liuro da matricula dos caualeiros nouisos della cõ declarasão do dia mes e anno e lhe pasareis sertidão na forma costumada e esta carta mandareis goardar marca que está deputada para goardar das cartas dos habitos que os mestres gouernadores da ordẽ mãdão lansar nesse cõuento e esta se cõprira sendo passado pela chancelaria da ordẽ João Carvalho de Sousa a fes em Lixboa aos uinte quatro de junho de seis sentos sincoenta hũ annos. – Francisco Pereira de Castro a fiz escreuer. ElRey. (*Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 31º, fl.213)¹⁷⁸

É um dado incontornável que Sucarelo não terá cumprido no Alentejo os seis anos de *degredo voluntário* exigidos pelo rei. Em 1655, Francisco de Melo, General da Cavalaria¹⁷⁹, queixava-se já da sua ausência, numa carta retirada do Livro 2.º do Registo das Cartas dos Governadores das Armas (1653-1657), p. 151, pedindo ao Rei, a 31 de maio de 1656, que ordenasse o seu regresso:

sobre a falta que o D^{or} João sucarelo faz aos soldados deste ex.^{to}

Snõr

A mayor parte dos soldados feridos deste ex.^{to} perecem, e morrem a falta de surigiaõ, e mouido de tamanho dezemparo, e perda reprezentey a Vmg.^{de}

¹⁷⁸ Viterbo (1950: pp.14-15).

¹⁷⁹ Talvez um dos conjurados na aclamação de D. João IV, posteriormente monteiro-mor do reino. *Vd. Costa e Cunha* (2010: pp. 25, 28, 284).

por carta de 29 de setembro do ano passado a grande falta que fazia neste ex^{to}
o sugião mor delle, assy para acudir ao Hospital como aos mais soldados
emfermos, Vmg.^{de} deue ser seruido hauendo respeito a esta tão urgente (*sic*)
neçessidade mandarlhe ordenar se Recolha a esta praça com summa brevida-
de Deos gurade a m^{to} Alta e poderosa pessoa de Vmg.^{de} como seus Vassallos
hauemos mister Eluas 31 de mayo de 1656 fran^{co}
de mello.”

8.4. A poesia como testemunho de vivências de guerra

Na sua poesia, Sucarelo faz referências consideráveis à passagem pelo Alentejo. Na quadra “Mande-me Vos{ss}a Senhoria” revela ter como companheiro de refeição o “Conde Dom João” (já tivemos oportunidade de transcrever a redondilha na qual ele é mencionado), a quem manda pedir um pão, o que lhe valeu a réplica “Antes que pão, muito açoute”, em que o conde se queixa das ausências do amigo ao serão. O tom prazenteio do romance “Juiz que na sala livre”, escrito ao que parece em Elvas, de acordo com a legenda do copista, contrasta com o queixume amargo na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”. Encontra-se em “desterro”, “feito Abegão nos campos do Alentejo;”; quer saber novidades até de indivíduos que detesta (“o Vigairo-Geral e o Tesoureiro”); sente saudades da vida divertida e agitada do Porto e em particular da “Caterina” (mais uma freira de Monchique, será a “presumida Caterina dos sarafins” do soneto “Rubim, concha de perlas peregrina”, também esta de Monchique?); compara o clima fresco do Norte com a “zona tórrida” em que se encontra e que lhe “derrete” o “toucinho” (será uma sua característica física? já antes aludira às “bochechas” e “roscas de manteiga”); queixa-se da alimentação e do vinho adulterado.

Este poema vale-lhe uma réplica¹⁸⁰ do Deão do Porto, que “refresque ao Doutor João Sucarelo,”, confirmando a presença deste em Elvas, no meio de “heroicos portugueses”, “nos campos do Alentejo”. Tal como lhe pediu Sucarelo, Gregório Martins desabafa e dá-lhe notícias, dizendo-lhe que não se tem divertido, que vê o rio apenas “das janelas

¹⁸⁰ *Vd.* a réplica “Olá, Senhora Musa!”.

do Paço” e que o poeta nada perde por não estar no Porto, “que sempre foi desterro em paz e em guerra”.

Se não nos foi possível datar com precisão os poemas de Sucarelo apresentados anteriormente (embora tenham sido escritos seguramente entre finais de 1650 e 29 de setembro de 1655 ou posteriormente a setembro de 1656), os textos a que aludimos de seguida contêm indicações precisas que nos levam a crer que efetivamente o Rei ordenou a Sucarelo que voltasse ao exército do Alentejo, certamente para acabar de cumprir a sua missão.

A décima que o copista do Ms. 755 esclarece ter sido feita “Ao malogrado sítio de Badajoz” alude a um episódio da Restauração: o cerco de Badajoz por parte dos portugueses, que durou cerca de quatro meses (de junho a outubro de 1658), conduzido por Joanes Mendes de Vasconcelos¹⁸¹, o mesmo que fazia parte do Conselho de Guerra que a 2 de novembro de 1650 votou a ida de Sucarelo para o exército do Alentejo. Esta investida, que se seguiu a duas tentativas frustradas conduzidas no ano anterior pelo Conde de S. Lourenço, seria mal sucedida (não propriamente pelos motivos apontados no texto de Sucarelo, mas devido a uma epidemia¹⁸²). As contendas com Espanha estariam, então, muito longe de se resolver e Badajoz parecia uma causa perdida:

Ao malogrado sítio de Badajoz

Tremendo estive de nós
quando nos viu na campanha
atemorizada Espanha
sem prevenção Badajoz;
bastavam dous meses só
para a sua perdição
e perdeu-se esta façção,
porque achando-o neste estado
o quisemos atacado

¹⁸¹ *Vd. Ribeiro, 2004: V, pp. 83-84.*

¹⁸² Macedo (1767: I, p. 3) confirma: “Seguiu-se no ano de 1658, em que o exercito Portuguez se poz sobre Badajoz em Junho, e porfiou nos combates daquella praça nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, contra a vigorosa força do Estio, que padecendo hum contagio mortal, que custou a perda inestimável de mais de dez mil soldados.”

e não com as calças na mão.

O romance “D. Brázia dos meus olhos” remete também para o tempo histórico da guerra da Restauração, igualmente por altura do cerco de Badajoz e posterior retirada para Elvas do exército português. Encontramos informações muito precisas nas legendas apostas nos três manuscritos principais da obra de Sucarelo, que dão o autor em pleno cerco, no momento de elaboração do poema. A título de exemplo transcrevemos a legenda do Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto: “Feito na ocasião em que o nosso Exército sitiou a Badajoz no ano de 1658.”.

Possivelmente a fonte de que os calígrafos dispuseram terá sido a mesma, uma vez que parece ter havido a reiteração de informação, quanto a nós, errónea. Somos da opinião de que o poema, em relação ao espaço de tempo que durou o cerco, terá sido escrito *a posteriori*, tendo em conta factos facilmente documentáveis que nele são referidos. Senão vejamos: o poeta fala de Badajoz utilizando formas verbais no pretérito perfeito, que sugerem factos completamente epilogados; o cerco de Badajoz iniciou-se em junho de 1658 e prolongou-se por quatro meses, em pleno verão. Quanto a este aspeto, o poeta é esclarecedor: “Calor para pelejar / não faltou todo este tempo, que o sol teve esse cuidado / em Julho, Agosto e Setembro.” Depreendemos, portanto, que o romance terá sido escrito no outono ou inverno desse ano, uma vez que tomamos como referência o “agora” da enunciação, pois faz um relato das condições deploráveis em que se encontravam os “pobretes dos soldados” portugueses, que depois de suportarem o calor tórrido do verão, “Agora de febre e frio / estão chorando e tremendo”, doentes, estão, “uns de sangue, outros de medo”, numa alusão muito precisa à epidemia que grassou em Elvas¹⁸³, estando desta feita os portugueses cercados pelos castelhanos (que lá chegaram

¹⁸³ “A 22 de Outubro, os espanhóis estavam em frente a Elvas. Comandava a praça Sancho Manuel. Na cidade declarara-se uma epidemia. Dos 11 000 homens da guarnição apenas um escasso milhar poderia pegar em armas.” (Ribeiro, 2004: V, p. 84). Serrão (1980: V, p. 44) refere:

A guerra voltou a atear-se nos meados de 1658. A coroa fez um grande esforço financeiro para reparar as fortalezas e os castelos da raia que se tinham desmantelado. Por meio de agentes, os castelhanos pretenderam ocupar Vila Viçosa, o que levou a rainha a pôr de sobreaviso D. Sancho Manuel, governador da praça de Elvas e um dos grandes generais da Restauração. Foi sobre esta praça que veio a concentrar-se a ofensiva de D. Luís de Haro, que dispunha de 20 000 homens e muita artilharia, enquanto a guarnição

a 22 de outubro) e a aguardarem por socorro, tal com diz Sucarelo: “Se o socorro chegar, / que se espera por momentos, / ou nós voltaremos todos / ou todos nos perderemos.”. “O exército de socorro, comandado pelo [III] conde de Cantanhede¹⁸⁴ (8000 infantes e 2500 cavaleiros), chegou às linhas de Elvas a 13 de Janeiro (1659)¹⁸⁵.

9. Notas finais

Depois do período de presença de Sucarelo no Alentejo, apenas conseguimos apurar a data de 28 de julho 1664, data em que o poeta faz uma quadra à morte de D. Manuel de Sousa Seabra, Arcediago da Régua e Provisor do Porto.

Quanto ao falecimento do próprio autor, é de admitir que ele tenha ocorrido entre 1664 e 1667, ano da compilação de Alão de Morais, que, pela referência que o antologista faz na folha de rosto ao esforço que desenvolveu para conseguir os poemas, possibilitando, desta forma, a sua compilação para a posteridade, será um trabalho póstumo, quase em forma de homenagem. Curiosamente, a este respeito, Viterbo (1959: p. 19), após tecer considerações menos abonatórias sobre as “poesias” de Sucarelo, afirma: “Cristóvão Alão de Morais não merece de certo o aplauso da posteridade pelo trabalho que se deu, coligindo-as.” Pontes (1953: p. 147), seis anos antes, defendia também: “É, no entanto, um poeta quase inédito e nada ganharia a Poesia com a impressão dos seus versos.”. Discordamos de ambos, como fomos dizendo atrás.

contava metade dos efectivos. As colinas de S. Francisco e da Graça caíram em poder do inimigo, fazendo perigar a sorte de Elvas. Nos três meses que durou o cerco, precisamente de Outubro a Dezembro, aquele pôde ir refrescando as suas tropas, ao passo que os defensores tinham de sofrer um fogo de artilharia que os obrigava a uma vigilância heroica. A peste veio agravar mais a situação, chegando a fazer 300 mortos por dia. Por meio de surtidas a cavalo, procurou-se entreter o inimigo, enquanto não chegavam reforços do conde de Cantanhede.

¹⁸⁴ D. António Luís de Meneses, irmão de D. Rodrigo de Meneses, “(que após a vitória das Linhas de Elvas recebeu o título de Marquês de Marialva)”. (Ribeiro, 2004: V, p. 90).

¹⁸⁵ Ribeiro, 2004: V, p. 84. Serrão (1980: V, pp. 44-45) explica:

O exército de socorro reuniu-se em Estremoz, sob o comando de D. António Luís de Meneses, conde de Cantanhede, que também se cobriu de prestígio nas campanhas da Restauração [...].

A batalha deu-se nos campos de Elvas em 14 de Janeiro de 1659 e ficou a constituir a primeira grande vitória da Restauração. A palavra do conde de Cantanhede empolgou os militares, não podendo o exército de D. Luís de Haro opor-se à fúria dos soldados portugueses, tanto em pleno campo como na defesa dos baluartes que guarneciam a cidade.

CONCLUSÃO

Creemos que lográmos comprovar a nossa ideia inicial, que apontava para a possibilidade e para o interesse de uma leitura historicobiográfica da obra de João Sucarelo. De facto, percorrendo os seus poemas, seria impossível não valorizar a profusão de patronímicos, topónimos e outras referências suscetíveis de comprovação documental. Com um trabalho intenso foi-nos possível identificar de modo preciso muitas das pessoas por detrás dos nomes, assim como lugares e ruas, circunstâncias e factos históricos, num esboço mais nítido do autor e da sua época.

Creemos também que ficou demonstrada a utilidade de um trabalho deste género para a fase subsequente do estudo da obra do autor, a saber, o estabelecimento crítico do texto dos poemas.

Por último, e não tendo sido embora essa a nossa preocupação na presente dissertação, estamos convictos de termos fornecido elementos que mostram a qualidade e o interesse da obra deste médico poeta, contrariando assim as restrições que ao longo do tempo lhe têm sido feitas por autores tão diversos como Camilo Castelo Branco (1874: II, p. 32), Sampaio Bruno (1907: pp. 263-264), Hernâni Monteiro (1926: pp. 3 e 5), Sousa Viterbo (1950: pp. 15-19) ou Maria de Lourdes Belchior Pontes (1953: 147, 158, e 404). Esta última inclui o nosso autor no conjunto “dos poetas romancistas de seiscentos que, como praga, invadiram o parnaso do seu tempo”, acrescentando:

Mas os seus papéis de versos, em estilo joco-serio, praguentos e desbragados, contam histórias obscenas, casos de pecado nefando, anedotas de freiráticos, riem de uma “dama que se enamorou de um mulato” etc. Nenhuma metáfora, nenhum encarecimento a encobrir o assunto do romance obsceno no tema e nas palavras. O cómico é grosseiro, sem finura nem ironia. Parodia sonetos de Camões como aquele «Alma minha gentil que te partiste», e não há composição em voga, camoniana ou outra, que a sua musa não parafraseie com galhofas. É difícil citar, na íntegra, qualquer romance de Sucarelo em que o palavão ou a insinuação grosseira não apareçam.

Mas Sucarelo teve também os seus defensores. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas (1952: pp. 3-12) prefere destacar o facto de o poeta ter posto “em verso os vícios e o ridículo de muitos dos seus contemporâneos.” e a sua capacidade de caricaturar pessoas, situações e acontecimentos, atribuindo-lhe um valor incontestável “como excelente poeta e crítico de costumes”. Também Aguiar e Silva (1971: *passim*) sublinha a enorme importância de “autores [como Sucarelo] e obras soterrados por séculos de incompreensão e desprezo”, no sentido de poderem provocar “uma profunda remodelação dos esquemas historiográficos até então aplicados”. Um pouco mais recentemente, Luís Fardilha (1982: pp. 7-14), destaca positivamente a veia satírica do poeta de quem nos ocupamos, a sua crítica corrosiva e sagaz a pessoas, grupos sociais e instituições, particularmente religiosas e judiciais, numa poesia que testemunha a vida do Porto seiscentista, em numerosos aspetos. Das obras do poeta dos “disparates do Porto”, como apelida Sucarelo, releva o “[...] [seu] papel de autênticas crónicas da vida quotidiana.”, assinalando-o como um “Actor permanente da cena quotidiana portuense [...]”.

As características altamente satíricas e obscenas de grande parte da sua poesia, porque incompreendidas e descontextualizadas, chocaram as consciências atávicas do passado e levaram à desvalorização e ao repúdio do autor e da sua obra. Esperemos que esta dissertação represente um primeiro passo na correção definitiva dessa injustiça.

CRONOLOGIA DE ASPETOS DA VIDA

DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

1620 – Nascimento de João Sucarelo Claramonte.

1628 – António Sucarelo Claramonte, pai do poeta, assume, a 5 de novembro, o cargo de cirurgião no Hospital de D. Lopo, ocupando-o até 1647, altura em que vai para Lisboa.

1635 – João Sucarelo inscrito na Universidade de Salamanca.

1638 – É nomeado cirurgião por autorização régia, a **16 de junho**.

1640 – Escreve uma décima a D. Rodrigo de Meneses sobre o amor deste por uma dama, com quem casou por volta deste ano.

1641 – Matricula-se pela primeira vez em Coimbra, num curso com a duração de 5 anos.

1645 – Encontra-se em Coimbra e escreve o poema “Reverendo Estagirita”.

1645 – A **22 e 25 de outubro**, a academia de Coimbra parte para o Alentejo em defesa da pátria, participando na Guerra da Restauração. Há autores que defendem que Sucarelo se recusou a participar nas contendidas, pois, no soneto “Cheguei às três de quarta-feira”, diz-se chegado ao Porto no dia de S. Martinho e, numa festa, brinda “aos amigos da fronteira”.

1646 – Matricula-se em Coimbra, a **20 de novembro**, no último ano do curso de Medicina.

1647 – Obtém o grau de licenciado, a **22 de junho**.

Neste mesmo ano, é apreciada no Conselho de Guerra de **18 de dezembro** uma carta para que se autorizasse a contratação de António Sucarelo para cirurgião-mor do exército.

No romance “Que fazeis na vossa terra,” Sucarelo alude a João Dias Ferreira, que tomou posse do seu canonicato a **24 de dezembro**, encontrando-se o autor no Porto.

1649 – João Sucarelo é opositor a uma cadeira de cirurgia na Universidade de Coimbra, em **maio**, mas tudo leva a crer que tenha sido preterido a favor de outro candidato.

António Sucarelo morre a **9 de setembro**.

1650 – Participa nas *Memorias funebres* de D. Maria de Ataíde, impressas neste ano.

Encontra-se em Lisboa, onde assiste ao primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses, ocorrido entre março e 4 de novembro.

A **15 de outubro de 1650**, o Conde de S. Lourenço envia novamente ao Rei um pedido para a nomeação de Sucarelo, filho, como cirurgião. Na carta enviada, segue mensagem de Sucarelo. A **2 de novembro**, o Conselho de Guerra apoia a pretensão do Conde de S. Lourenço para a nomeação de Sucarelo como cirurgião-mor do exército do Alentejo. A **7 de novembro** redige-se a resolução de El-Rei, assentindo no pedido. A **18 de dezembro**, é nomeado cirurgião mor e obrigado a servir por seis anos. Na portaria de **20 de dezembro**, o Rei faz de Sucarelo seu médico e manda que ele se prepare para receber o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

1651 – É nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo, a **24 de junho**.

1655 – A **29 de setembro** já não se encontrava no exército, pelo que não cumprira os seis anos estipulados pelo rei.

1656 – Em **31 de maio** ainda não estava de volta ao Alentejo, pois D. Francisco de Melo pede o seu regresso ao exército, em carta escrita a partir de Elvas.

Em **setembro** Sucarelo está em Lisboa, pois alude num poema ao primeiro bloqueio do Tejo.

1658 – No período do **outono / inverno** encontra-se novamente integrado no exército.

1662 – D. Rodrigues de Araújo, de quem por diversas vezes o poeta diz mal, ainda era Vigário-Geral do Porto.

1664 – Por volta de **28 de julho** faz uma redondilha à morte de D. Manuel de Sousa Seabra, Arcediago da Régua e Provisor do Porto.

1667 – A obra de Sucarelo é coligida por Cristóvão Alão de Moraes, o que, muito possivelmente, significa que o poeta já teria falecido.

DATAÇÃO DE ALGUNS POEMAS

Os poemas que se seguem não respeitam uma ordem cronológica, mas encontram-se apresentados alfabeticamente e por espécie. A grande maioria integra-se nos períodos de tempo assinalados, não sendo a datação mais precisa por falta de elementos de suporte.

– Décimas **“Absorto na quarta esfera”** – terão sido compostas por volta de 4 de janeiro de 1664, data avançada por alguns copistas de D. Tomás de Noronha, que disputa a autoria do poema com Sucarelo.

– Décimas **“Partidos desesperados”** – 1638 -1659, período de tempo em que Manuel de Saldanha foi Reitor da Universidade de Coimbra.

– Décimas **“Por toda a cruz cristãmente”** – 1631-1639, vigência do cargo de Corregedor do Porto de Pero Paulo de Sousa.

– Décima **“Senhor quem paga o que deve”** – março e 4 de novembro de 1650, espaço de tempo que durou o primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses.

– Quintilhas **“Se com saudades partistes”** – 23 de julho de 1650-2 de maio de 1654, altura em que D. Rodrigo de Meneses desempenhou a função de Regedor da Casa da Suplicação.

– Redondilha **“Carneiro de Vasconcelos”** – 1632- 1639, ocupação do cargo de Vereador mais velho, por parte de António Carneiro de Vasconcelos.

– Romance **“Dona Brázia dos meus olhos”** – terá sido composto em 1658, data adiantada pelo antologador.

– Romance **“Foi Sílvia para Alentejo”** – foi escrito certamente depois de 1640, uma vez que alude ao Alentejo como cenário de guerra.

– Romance **“Juiz que na sala livre”** – terá sido composto entre fins de 1650 e setembro de 1655 ou depois de novembro de 1656, períodos de tempo em que o poeta se encontrava em Elvas.

- Romance **“Os olhos com pranto amargo”** – elaborado antes de 17 ou 18 de abril de 1660, data em que morreu D. Álvaro de Abranches.
- Romance **“Que fazeis na vossa terra”** – composto em finais de 1647, pois alude à nomeação de João Dias para o seu canonicato, que ocorreu a 24 de dezembro.
- Romance **“Reverendo Estagirita”** – composto em 1645, de acordo com informações de Cristóvão Alão de Moraes.
- Silva **“Meu Gregório Martins, Deão do Porto”** – terá sido escrita entre finais de 1650 e setembro de 1655 ou depois de novembro de 1656, períodos de tempo em que o poeta se encontrava em Elvas.
- Silva **“Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”** – 1635-1656, duração da ocupação do cargo de Inquisidor em Coimbra, por parte de Cristóvão de Andrade Freire.
- Soneto **“Neste insigne aparato que à vaidade”** – terá sido composto entre 16 de agosto de 1657 e 21 de outubro de 1659 ou entre 30 de outubro de 1662 e 4 de fevereiro de 1668, períodos de tempo em que Henrique de Sousa Tavares, 1.º Marquês de Arronches e 3.º Conde de Miranda foi Governador da Relação do Porto.
- Soneto **“Ó mui nobre e sempre leal cidade”** – 15 de novembro de 1654-16 de Agosto de 1657, ocupação do cargo de Governador do Porto por D. Álvaro Abranches.

BIBLIOGRAFIA

A. Bibliografia ativa

Manuscritos citados

I. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

1. Ms. 303
2. Ms. 338
3. Ms. 359
4. Ms. 391
5. Ms. 544
6. Ms. 1636

II. Biblioteca Nacional de Portugal

7. PB 133

III. Biblioteca Pública de Évora

8. R CXIV/1-14d

IV. Biblioteca Pública Municipal do Porto

9. Ms. 127
10. Ms. 755
11. Ms. S 747

V. British Library

- Additional
12. Ms. 30767

VI. Library of Congress

- Portuguese Manuscripts
13. Ms. 87

VII. Paróquia de Alvarães

14. Ms. I

Impressos citados

MACEDO, Duarte Ribeiro de

Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavaleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do de sua Real Fazenda, Enviado que foi ás Cortes de Pariz, de Madrid, e de Torim. Tomos I e II. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

MEMORIAS funebres. Sentidas pelloos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Penaguiam. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1650.

B. Estudos sobre João Sucarelo Claramonte

ARCHIVO historico portuguez. Lisboa: Of. Tip.- Calçada 7, 1908. Vol. VI.

CARVALHO, Teixeira de

Bric-à-Brac. Prefácio de Gustavo de Matos Sequeira. Porto: Liv. Fernando Machado, 1926.

CASTELO-BRANCO, Camilo

Noites de Insónia. Vols. I e II. Porto: Liv. Ernesto Chardron, 1874.

CATÁLOGO e sumário dos documentos de carácter militar existentes nos mss. da Biblioteca da Universidade. Boletim do Arquivo Histórico Militar. Vol. 6º. Minerva. Vila Nova de Famalicão. 1936, p. 166.

COSTA, Agostinho Rebello da

Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto. Que contém a sua origem, situação, e antiguidades: a magnificencia dos seus templos, mosteiros, hospitaes, ruas, praças, edificios, e fontes... Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789.

DIAS, Pedro Augusto

O medico doutor José Bento Lopes: poeta gereziano. Arquivos de História da Medicina Portuguesa. Porto: Lemos & Companhia, IX (1919).

DIOS, Ángel Marcos de

Castilian and Portuguese in the sixteenth century. In A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2010. Vol. I. pp. 413-428. [Consult. 16 de ago. 2012]. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=9NB0cialptcC&pg=PA417&lpg=PA417&dq=Sucarelo&source=bl&ots=4YAd9wOgam&sig=oq04oHmY69TdPZ4FNcOH9BLKdDo&hl=pt-PT&sa=X&ei=3zotUKDUOou4hAe99YBY&redir_esc=y#v=onepage&q=Sucarelo&f=false>.

FARDILHA, Luís Sá

João Sucarello poeta dos disparates do Porto. Porto, 1982. (Sep. da Revista de História. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, III.).

FREIRE (Mario), João Paulo

Poetas portuenses. Pôrto: Companhia Portuguesa Editora, [d.l. 1925].

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha

O Porto na obra poética do Dr. João Sucarello Claramonte. Porto: Imprensa Moderna Limitada, 1952.

GUIMARÃES, Delfim

Arquivo literário. Lisboa: Livraria Editora Guimarães. XI (jul.-dez. 1925).

O INSTITUTO: Revista Científica e Literária. Coimbra: Instituto de Coimbra. 81 (1931).

MONTEIRO, Hernâni

O Doutor João Sucarelo Claramonte (médico-poeta do século XVII). Sep. do Portugal Médico, 8. Porto: Tip. a vapor da “Enciclopédia Portuguesa”, L^a, 1926.

MONTEIRO, Hernâni

Origens da cirurgia portuense. Porto: Araújo & Sobrinho, 1926.

MONTEIRO, Hernâni

Relações médicas entre Porto e Lisboa. Duas cidades ao serviço de Portugal. Subsídios para o estudo das relações de Lisboa e Porto durante oito séculos. Porto. Edição do Município, 1947. Vol. I.

PEREIRA, Firmino

O Porto d'outros tempos: notas históricas, memórias, recordações. Porto: Livr. Chardron, 1914.

SAMPAIO BRUNO, José Pereira de

Portuenses Illustres. Tomos I e III. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1907 e 1908.

O TRIPEIRO. Porto: A. Sardinha, 1926

VITERBO, Sousa

Três médicos poetas. Sep. de Arquivo Histórico Português. Lisboa: Of. Tip.- Calçada 7, 1950.

C. Edições e estudos sobre outros autores da época

BARROS, Anabela Leal de

A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita. Tese de doutoramento em Linguística, Especialidade de Linguística Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

PEREIRA, Elsa

Opúsculo para Jorge da Câmara. Munique: Martin Maidenbauer, 2007.

PONTES, Maria de Lurdes Belchior

Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

TOPA, Francisco

Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos. Vol. II. Edição dos sonetos. Porto: Edição do Autor, 1999.

TOPA, Francisco

Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos. Vol. II. Edição dos sonetos: anexo: sonetos excluídos. Porto: Edição do Autor, 1999.

D. Estudos e obras sobre o Porto

ALVES, Natália Marinho Ferreira

Subsídios para o estudo artístico do convento de Santa Clara do Porto nos princípios do século XVIII. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto. II, 2 (1985) 274-295.

BOLETIM cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto: Tipografia Leitão. XXXII (1969).

CRUZ, António

Imagens e costumes do Porto de outras eras. Achegas para um roteiro do velho burgo portugalense. Documentos e Memórias para a História do Pôrto. Porto: Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, XV (1944).

FARINHA, Maria do Carmo Jasmins Dias

Os arquivos da Inquisição. Série IDD's. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Serviço de Publicações e Divulgação, 1990.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha

O Convento Novo de Santa Maria da Consolação. Documentos e memórias para a história do Pôrto. Porto: Câmara Municipal do Porto, XVI (1947).

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha

Notícias do velho Porto. Porto: Campo das Letras, 2006.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha

Toponímia portuense. Matosinhos, Contemporânea Editora, D.L., 1999.

GAMA, Arnaldo

A última dona de S. Nicolau. (Episódio da história do porto no século XV). Porto: Typ. do Commercio, 1864.

GUIMARÃES, Fernando

O Pôrto na Restauração. (Subsídios para a sua história). Documentos e memórias para a História do Pôrto. Porto: Câmara Municipal. Gab. de História da Cidade, VIII (1941).

MEA, Elvira Cunha de Azevedo

A inquisição do Porto. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto. II (1979).

MEA, Elvira Cunha de Azevedo

Os portuenses perante o Santo Ofício: século XVI. In Actas do I Congresso da Diocese do Porto Tempos e Lugares de Memória. Porto/Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão; Universidade Católica - Centro Regional do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2002. Vol. II.

MEA, Elvira Cunha de Azevedo

A rotura das comunidades cristãs-novas do litoral, século XVII. In O litoral em perspectiva histórica (sécs. XVI a XVII). Porto: Instituto de História Moderna, 2002.

MONCÓVIO, Susana Maria Simões

Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro: alguns aspectos da fundação e arquitectura de um instituto sob Regra da Ordem Terceira de S. Francisco, na transição do século XVII-XVIII. Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património. Porto. I, V-VI (2006-2007).

RAMOS, Luís A. de Oliveira (Dir.)

História do Porto. Porto: Porto Editora, 1995.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco

O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder. Porto: Câmara Municipal, Arquivo Histórico, 1985. 2 vols.

E. Estudos e obras de contextualização histórica

COSTA, Leonor Freire; CUNHA, Mafalda Soares da

D. João IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.

CRUZ, António

A campanha de 1657 na fronteira do Minho. Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: A.A.P., VI (1942).

ESPARTEIRO, (Comandante) António Marques

Catálogo dos navios brigantinos (1640-1910). Lisboa: Publicação do Centro de Estudos da Marinha, 1976.

HANSON, Carl

A economia e sociedade no Portugal barroco (1668-1703). Lisboa: D. Quixote, 1986.

MARIANA, Juan de

Historia General de España. Madrid: Andrès Garcia de la Iglesia, Impressor de Libros, 1678. Tomo Segundo.

MELO, D. Francisco Manuel de Mello

Relação dos sucessos da Armada. Coimbra: Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da FLUC, 2007.

MONTEIRO, Paulo

India route: a perda do galeão S. Pantaleão (1651). Nautical Archaeology Program, Texas A & M University, 2003. [Consult. 24 de abr. 2012]. Disponível em WWW: <URL:<http://nautarch.tamu.edu/shiplab/>>.

MONTEIRO, Pedro

Noticia geral das Santas Inquisições. In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de – Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Que

neste ano de 1723 se compuserão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores. Lisboa: Officina Pascoal da Sylva, 1723.

PEREIRA, Isaías da Rosa

A propósito da restauração do Tribunal do Santo Ofício em 1681. [Consult. 13 de mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL:http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/516/1/IsaiasRosaPereira_p225-245.pdf>.

REIS, (Coronel Médico) Carlos Vieira

Brevíssima história do Serviço de Saúde do Exército. In História da Medicina Militar Portuguesa. 2005. Volumes 1 e 2. [Consult. 08 de abr. 2012]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.revistamilitar.pt/modulos/articles/article.php?id=112>>.

RIBEIRO, Ângelo

A Restauração da independência – O início da Dinastia de Bragança. In SARAIVA, José Hermano et. al. (Coord.) – História de Portugal. Volume V. Matosinhos: QuidNovi, 2004.

SAA, Mário

A invasão dos judeus. Lisboa: Editora Libânio da Silva, 1925.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

História de Portugal. Vol. 5: A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750). 2ª ed, revista. Lisboa: Editorial Verbo 1980.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da

D. João V. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro

Os judeus em Portugal no século XV. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982. Volume I.

F. Obras e documentação sobre personalidades referidas na poesia de Sucarelo

A CIDADE de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo. Évora. Câmara Municipal. 58-59 (1975).

ALMEIDA, Cândido Mendes de

Assentos das Casas da Supplicação e do Porto. In Auxiliar jurídico servindo de appendice a decima quarta edição do Código Philippino ou Ordenações do Reino de Portugal recopilados por mandado de El-Rey D. Philippe I. A primeira publicada no Brazil. Obra útil aos que se dedicão ao estudo do Direito e da Jurisprudência pátria. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1869. Lisboa: Edição “fac-simile” da Fundação Calouste Gulbenkian.

ANDRADE, Manuel Vaz Ferreira

A freguesia de S. Cristóvão. Lisboa: Câmara Municipal, 1945. Vol. II.

ASSUMPÇÃO, Tomás Lino de

As ultimas freiras. Porto: Lopes & Ca, 1894.

BASTO, Artur Magalhães

D. Sebastião César de Meneses, Bispo-eleito do Pôrto (1642-1649). Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: A.A.P., V (1941).

BELÉM, Jerónimo de

Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves, da Regular Observancia, de nosso seráfico Padre S. Francisco, Em que se trata das Fundações de dez Conventos de Frades e três de Freiras. Segunda Parte. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, Câmara Real de Sua Magestade Fidelissima, 1753.

BIBLIOTHECA familiar e recreativa offerecida á mocidade portuguesa. Lisboa: Imprensa Nevesiana, Segunda série. Volume 2.º (1844).

BOLETIM cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto: Câmara Municipal, XVII (1954).

CASTRO, Padre João Bautista de

Mappa de Portugal Antigo, e Moderno. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763. Tomo Segundo, partes III e IV.

MATOS, Lourenço Correia de; AMARAL, Luís

Leitura de bachareis: índices dos processos. Lisboa: Edições Guarda-Mor, 2006.

MONTEIRO, Fernando Manuel Moreira de Sá

Sás, subsídios para uma genealogia. Boletim de Trabalhos Históricos. Guimarães. 31.

MORAIS, Pedro José Suppico de

Collecção moral de apothegmas, ou ditos agudos, e sentenciosos, Novamente Impressa, correcta e illustrada. Coimbra: Officina de Francisco de Oliveyra, Impressor do Santo Offício, 1761. Parte II.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de

Elementos para a historia do municipio de Lisboa. Lisboa: Tipographia Universal, 1887. 1ª Parte, Tomo III.

PASSOS, Carlos de

Os brios portuenses em 1580 e 1640. Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: A.A.P., VI (1942).

REVISTA trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, Tomo VI (1865).

REVISTA trimensal do Instituto Historico e Geographico e Ethnographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, de J. M. N. Garcia, XXII (1859).

SANTARÉM, Visconde de

Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal: com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias. Paris: J. P. Aillaud, 1843. Tomo IV. Parte 1ª.

SILVA, José Justino de Andrade

Collecção chronologica da legislação portugueza compilada e anotada. 1648-1656. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856.

SILVA, José Justino de Andrade

Collecção chronologica da legislação portugueza compilada e anotada. 2ª Série: 1657-1674. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856.

SOTTO-MAYOR, Miguel Carlos de

As victorias dos portuguezes em defeza da sua independencia: escripto anti-ibérico. Porto: Typ. da Livraria Nacional, 1868.

SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e

Esboço de hum diccionario juridico, theoretico, e practico, remissivo ás leis compiladas, e extravagantes. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1827. Tomo II.

TORGAL, Luís Reis

Ideologia política e teoria do Estado da Restauração. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1981. Volume I.

VIEIRA, P.º António

Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu. Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1735. Tomos I e II.

VIEIRA, P.º António

Cartas do Padre António Vieira. Coordenadas e Anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Tomo III.

VIEIRA, P.º António

Obras completas do Padre António Vieira. Porto: Lello & Irmão, 1993.

VITERBO, Sousa

A Livraria de Musica de D. João IV e o Seu Index, Noticia Historica e Documental. Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa 1902. Lisboa: Academia Real das Sciencias. Nova Serie, 2ª Classe, Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras, Tomo IX, Parte I (1902).

G. Estudos de carácter histórico, genealógico, biográfico ou biobibliográfico

AFFONSO, Domingos de Araújo; VALDEZ, Ruy Dique Travassos

Livro de oiro da Nobreza. Braga: Tipografia da Pax, 1934. Tomo III.

AGRELA, Carlos de

Famílias da Madeira e Porto Santo. [Consult. 26 abr. 2012]. Disponível em WWW: <URL:http://www.concelhodecamaradeobos.com/Documentos/familias_porto_santo_madeira_camara_lobos.pdf>.

ALMEIDA, M. Lopes de

Artes e ofícios em documentos da Universidade. I. Século XVII. Coimbra: Atlântida, 1970.

ALMEIDA, M. Lopes de

Artes e ofícios em documentos da Universidade. III. 1630-1650. Coimbra: Coimbra Editora, Lda, 1972.

ALMEIDA, M. Lopes; BRANDÃO, Mário

A Universidade de Coimbra: esboço de sua história. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1937.

BAENA, (Visconde de) Sanches de

Archivo Heraldico-Genealogico. Lisboa: Typ. Universal, 1872.

COSTA, Américo

Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular : hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico [e] etymologico. Pref. José Joaquim Nunes. Porto: Civilização, 1929 e 1947. Vols. I e IX.

CUNHA, Rodrigo da; PINTO, Antonio Cerqueira

Catalogo dos Bispos do Porto. Composto pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha: nesta segunda impressam adicionado; e com suplementos de varias memorias ecclesiasticas. Porto: Officina Portotypa, Episcopal, 1742.

DICCIONARIO aristocratico contendo os alvarás dos foros de fidalgos da Casa Real que se achão registados nos livros das mercês hoje pertencentes ao Archivo da Torre do Tombo desde os mais antigos que nelle há até aos actuaes. Lisboa: Imprensa Nacional, 1840. Tomo Primeiro.

DICIONÁRIO de Personalidades. In SARAIVA, José Hermano et al. (Coord.) – *História de Portugal*. Matosinhos: QuidNovi, 2004. Vols. XVII, XVIII.

ERICEIRA, (D. Luís de Menezes) Conde da

História de Portugal Restaurado. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1698. Tomo II.

ERICEIRA, (D. Luís de Menezes) Conde da

História de Portugal Restaurado. Em que se dá noticia das mais gloriosas acções assim politicas, como militares, que obráraõ os Portuguezes na restauração de Portugal, desde o anno de 1662, até ao anno de 1668. Lisboa: Offic. De Ignacio Nogueira Xisto, 1759. Parte Segunda, Tomo IV.

FARIA, Leandro Dorea Caceres e

Catastrophe de Portugal na deposição d'El Rei D. Affonso o Sexto, sub-rogação de Princepe D. Pedro o Único, justificada nas calamidades publicas, escrita para justificação dos Portugueses. Lisboa: À custa de Miguel Manescal, mercador de Livros na Rua Nova, 1669.

GAYO, Felgueiras

Nobiliário das famílias de Portugal. Braga: Oficinas Gráficas da “Pax”, 1938. Tomo I.

GAYO, Felgueiras

Nobiliário das famílias de Portugal. Braga: Oficinas Gráficas da “Pax”, 1940. Tomo XXVI.

GAYO, Felgueiras

Nobiliário das famílias de Portugal. Título de Souzas. Braga: Oficinas Gráficas da “Pax”, 1941.

GAYO, Felgueiras

Nobiliário das famílias de Portugal. Braga: Ed. Carvalho de Basto, 1990. Tomos XXVII e XXIX.

KUDRNA, Leopold; SMITH Digby

“Mercy d’Argenteau, Eugen Gillis Wilhem Graf”. June 2008. In A Biographical Dictionary Of All Austrian Generals During the French Revolutionary and Napoleonic Wars. 1792-1815. In Research Subjects: Biographies. The Napoleon Series. March-November 2008. [Consult. 08 abr. 2012]. Disponível em WWW: <URL: http://www.napoleon-series.org/research/biographies/Austria/AustrianGenerals/c_AustrianGeneralsIntro.html>.

LEITÃO, Francisco

Catalogo chronologico-critico dos Bispos de Coimbra. In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de – Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza Que neste ano de 1723 se compuserão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores. Lisboa: Officina Pascoal da Sylva, 1723.

LIVRO dos autos de posse dos Presidentes, Conselheiros e Mais Ministros do Conselho Ultramarino. [Consult. 13 de mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL:http://actd.iict.pt/eserv/actd:CUF007/Lista_CU_Conselheiros.pdf>.

MACHADO, Diogo Barbosa

Bibliotheca lusitana, historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade Reservatario da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa: Officina António Isidoro da Fonseca, 1740. Tomo I.

MACHADO, Diogo Barbosa

Bibliotheca lusitana, historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade Reser-

vatario da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1747. Tomo II.

MACHADO, Diogo Barbosa

Bibliotheca lusitana, historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade Reservatario da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1752. Tomo III.

MACHADO, Diogo Barbosa

Bibliotheca lusitana, historica, critica, e chronologica, na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compozeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente; por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense, Abbade Reservatario da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759. Tomo IV.

MORAIS, Cristóvão Alão de

Pedatura lusitana: nobiliário de familias de Portugal. Edição de Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos et. al. Porto: Livr. Fernando Machado, 1943-1948. Tomo V, vol. I.

REZENDE, José Cabral Pinto de; REZENDE, Miguel Pinto de

Famílias nobres nos concelhos de Cinfães, Ferreiros e Tendais nos sécs. XVI, XVII e XVIII. Porto: Edições Carvalhos de Basto, 1988.

SILVA, Aires da

Collegiaes do Collegio Real de S. Paulo, do anno de 1653 até o de 1600. In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de – Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza Que neste ano de 1727 se compuseraõ, e se imprimiraõ por ordem dos seus Censores. Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1727.

SILVA, Inocência Francisco da

Diccionario Bibliographico Portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859 e 1862. Tomos III e VI.

SOUSA, António Caetano de

Agiologio lusitano, dos santos, e varões illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas consagrado á immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa, Padroeira do Reino. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1744. Tomo IV.

SOUSA, António Caetano de

Historia genealogica da Casa Real portugueza, desde a sua origem até o presente com as famílias illustres, que precedem dos Reys, e dos sereníssimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos e escritores de inviolável fé, e oferecida a ElRey D. João V, Nosso Senhor. Lisboa: Officina Sylviana, e da Academia Real, 1738. Tomo V.

SOUSA, António Caetano de

Historia genealogica da Casa Real portugueza: desde a sua origem até o presente com as famílias ilustres, que precedem dos Reys, e dos sereníssimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos e escritores de inviolável fé, e oferecida a ElRey D. João V, Nosso Senhor. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1745. Tomo XI.

SOUSA, António Caetano de

Historia genealogica da Casa Real portugueza: desde a sua origem até o presente com as famílias ilustres, que precedem dos Reys, e dos sereníssimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos e escritores de inviolável fé, e oferecida a ElRey D. João V, Nosso Senhor. Lisboa, 1747: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, Tomo XII, Parte I.

SOUSA, António Caetano de

Memorias histtoricas e geneologicas dos grandes de Portugal , que contém a origem e Antiguidade de suas Familias: os Estados, e os Nomes dos que actualmente vivem, suas Arvores de Costado, as alianças das Casas, e os Escudos de Armas, que lhes competem, até o anno de 1754. Lisboa, Reggia Officina Sylviana e da Academia Real, 1755.

H. Estudos sobre o Barroco

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de

Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa. Dissertação de Doutoramento em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de

Teoria da Literatura. Coimbra: Livraria Almedina, 1984. Vol. I.

CLARO, ESCURO. *Revista de Estudos Barrocos.* Lisboa: Quimera, 2-3 (1989).

MESQUITA, Ary

O livro de ouro da poesia universal: 30 séculos de poesia do século IX a.C. até ao século XX. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

HATHERLY, Ana

Um obséquio alegórico à munificência de D. João V. Claro e Escuro. Revista de Estudos Barrocos. Lisboa: Quimera, 2-3 (1989), p. 149.

NORONHA, José

Para uma leitura da poesia Barroca. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ROCHA, André

A poesia barroca no tempo de D. João V. Declínio ou persistência? Claro e Escuro. Revista de Estudos Barrocos. Lisboa: Quimera, 2-3 (1989), p. 143.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar

História da literatura portuguesa. Porto: Porto Editora, 1978.

SILVA, Matias Pereira da (ed.)

A fenix renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Dedicadas ao Excellentissimo Senhor D. Joseph de Portugal, Conde de Vimioso, &c. primogenito do Excellent. Senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença. II. Tomo. Publica-o Mathias Pereira da Sylva. Lisboa: Officina dos herd. de Antonio Pedrozo Galram, 1746.

I. Dicionários e outras obras de referência

BLUTEAU, Raphael

Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 volumes.

DURO, António Rodovalho

História do toureio em Portugal. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1907.

ENCICLOPÉDIA Histórica de Portugal. Direcção de Duarte de Almeida. Lisboa: Editora João Romano Torres, 1938.

ENCICLOPÉDIA Portuguesa Ilustrada. Direcção de Maximiano Lemos. Porto: Lemos & Co, s.d. Vol. III.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Portugal: Página Editora, 1998.

HOUAISS, António; et.al,

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

SILVA, António de Moraes

Diccionario da lingua portugueza: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

J. Outras fontes

CORVO, João de Andrade

Um Anno na Corte. Porto: Viuva Moré, 1863. Tomo I.

INDEX das notas de vários tabeliães de Lisboa entre os anos de 1580 e 1747 : subsidios para a investigação historica em Portugal. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1944. Tomo III.

JORNAL de Coimbra. Lisboa: Impressão Régia, LXXVI, Parte II (1819).

LIVRO 2º do Registo das Cartas dos Governadores das Armas (1653-1657). Edição de M. Lopes d'Almeida e César Pegado. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1940.

SARAMAGO, José

Viagem a Portugal. Lisboa: Caminho, 1997.

L. Fontes *on-line*

Arquivo Distrital do Porto

[Consult. 02 de set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:
<http://pesquisa.adporto.pt/cravfrontoffice/?ID=517898>>

Arquivo Histórico da Universidade de Salamanca

[Consult. 10 de set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:
http://ausa.usal.es/ausa_matriculas.php?verPagina=4#estados>

[Consult. 10 de set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:
http://ausa.usal.es/ausa_registrosexamenes.php>

Associação Comercial do Porto

[Consult. 10 de set. 2012]. Disponível em WWW: <URL:
<http://www.cciporto.com/pt/publicacoes/tripeiro.asp>>

Câmara Municipal do Porto

[Consult. 02 de maio 2012]. Disponível em WWW: <URL:
<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=E&fokey=cmp.toponimia/841>>

[Consult. 28 de agosto 2012]. Disponível em WWW: <URL:
<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=N&fokey=cmp.toponimia/1401>>

[Consult. 28 de agosto 2012]. Disponível em WWW: <URL:
<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=F&fokey=cmp.toponimia/889>>

Infopédia

Francisco de Sá de Meneses. In *Infopédia* [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 22 de agosto de 2012]. Disponível em WWW: <URL:
[http://www.infopedia.pt/\\$francisco-de-sa-de-meneses](http://www.infopedia.pt/$francisco-de-sa-de-meneses)>.

Maria do Céu Pereira Duarte

Leitura historicobiográfica da poesia
de João Sucarelo Claramonte: Anexo – Textos

Dissertação de mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, elaborada sob a orientação dos Profs. Doutores Ana Margarida Ramos e Francisco Topa

Aveiro

2012

ÍNDICE

Introdução	7
Principais siglas e abreviaturas	9
I. Poemas de João Sucarelo Claramonte	11
A. Poemas publicados em vida do autor	13
1. Décima <i>Esta avaramente dura</i>	15
2. Soneto <i>Lágrimas brandamente derramadas</i>	16
B. Poema impresso postumamente	17
3. Décima <i>Aqui, Senhor Regedor</i>	19
C. Poemas do Ms. 755 da BPMP	21
4. Silva <i>Meu Gregório Martins, Deão do Porto</i>	23
5. Décima <i>Se Amor é fogo fatal</i>	26
6. Décima <i>Senhor António de Abreu</i>	27
7. Romance <i>Faz anos Dona Maria</i>	28
8. Soneto <i>Quis fazer o Carola seu papel</i>	30
9. Soneto <i>Oh, que valentemente as gotas dás</i>	31
10. Soneto <i>Aqui se esconde o corpo bem logrado</i>	32
11. Romance <i>Juiz que na sala livre</i>	33

12. Romance <i>Saloia dos olhos verdes</i>	35
13. Romance <i>Perdeu-se Menga por Brás</i>	37
14. Soneto <i>Soror Dona Barbata, em que vos pês</i>	39
15. Romance <i>Sabereis, mana Maria</i>	40
16. Décimas <i>Por toda a cruz cristãmente</i>	42
17. Romance <i>Não corrais, bela Maricas</i>	43
18. Silva <i>Sí, Senhor, eu me vim dessa cidade</i>	45
19. Romance <i>Reverendo Frade Loio</i>	48
20. Romance <i>A vós, Pantaleão da Silva</i>	51
21. Décimas <i>Senhor, quem paga o que deve</i>	53
22. Romance <i>Foi Sílvio para Alentejo</i>	55
23. Romance <i>Dizeis-me, Senhor Dom Pedro</i>	58
24. Soneto <i>Esta vil poluição do entendimento</i>	60
25. Soneto <i>Aqui debaixo desta pedra fria</i>	61
26. Soneto <i>Padre Girão, se a Vossa Reverência</i>	62
27. Romance <i>Senhor soldado da armada</i>	63
28. Décimas <i>Partidos desesperados</i>	66
29. Romance <i>Manda o Senhor Dom Miguel</i>	67
30. Soneto <i>Acolá e acolá e acolá soa</i>	70
31. Soneto <i>Rubim, concha de perlas peregrina</i>	71
32. Romance <i>Reverendo Estagirita</i>	72
33. Redondilha <i>Foi Peixoto a Guimarães</i>	75
34. Redondilha <i>Mandai vinho tinto</i>	76
35. Soneto <i>Aqui de costas jaz Grácia da Costa</i>	77
36. Silva <i>Coçaste-me a Borbulha</i>	78
37. Romance <i>Os olhos com pranto amargo</i>	80
38. Décima <i>Veio à revista nossa</i>	83
39. Silva <i>Meu Duarte Ribeiro</i>	84

40. Soneto <i>Aónio, que de Délia namorado</i>	86
41. Quintilhas <i>Se com saudades partistes</i>	87
42. Silva <i>Isto sim, boto a Cristo</i>	89
43. Décima <i>Cuidará Você, Senhor</i>	91
44. Romance <i>Deixai, Senhora Amaríles</i>	92
45. Romance <i>Sabe Deus, Senhora minha</i>	94
46. Romance <i>Dona Brázia dos meus olhos</i>	96
47. Soneto <i>Ó mui nobre e sempre leal cidade</i>	100
48. Redondilha <i>É muito grande mofina</i>	101
49. Romance <i>Fui amar por meus pecados</i>	102
50. Décima <i>Aqui neste posto escuro</i>	104
51. Romance <i>Madrepérola algum dia</i>	105
52. Soneto <i>Quando a fermosa mão Filis movia</i>	107
53. Décima <i>Fílís um desmaio teve</i>	108
54. Soneto <i>Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco</i>	109
55. Décima <i>Como Autor libelo dá</i>	110
56. Romance <i>Que fazeis na vossa Terra</i>	111
57. Redondilha <i>Fervem os Pontificais</i>	114
 D. Poemas do Ms. 30767, da Coleção Additional da British Library	 115
58. Soneto <i>Faleceu a Senhora Vilanova</i>	117
59. Décimas <i>Seis Órfãs, e muito honradas</i>	118
60. Décimas <i>Por vida de El-rei Dom Sancho</i>	120
61. Décimas <i>Engenho agudo mostrastes</i>	122
62. Décima <i>Pois que vos fostes, traidora</i>	123
63. Décima <i>Silva, aqui para entre nós</i>	124
64. Romance <i>Minha Anarda, cuja voz</i>	125
65. Romance <i>Olhos pretos matadores</i>	131

66. Romance <i>Pois que dos meus disbarates</i>	133
67. Romance <i>Soror Úrsula, que sois</i>	136
68. Romance <i>Tem-me Sua Senhoria</i>	139
69. Romance <i>Atrevido pensamento</i>	141
E. Poemas de outros manuscritos	143
70. Décimas <i>Corre por esta cidade</i>	145
71. Silva <i>São graves os Estudantes e bem-nascidos</i>	155
72. Soneto <i>Neste insigne aparato que à vaidade</i>	157
73. Soneto <i>Sou vivo sepulcro de esperanças</i>	159
F. Poemas de autoria duvidosa	161
74. Romance <i>Absorto na quarta esfera</i>	163
75. Romance <i>Não gosto, não, vida minha</i>	165
76. Romance <i>Que ides forro e a partir</i>	167
77. Romance <i>Queixa-se o mar de Sodoma</i>	169
78. Soneto <i>Não há amor igual ao da fragona</i>	171
II. Réplicas aos poemas de João Sucarelo Claramonte ou com eles relacionados	173
A. Décima <i>Daqui, Senhor Regedor</i> (Duarte Ribeiro de Macedo)	175
B. Décima <i>De uma em outra esperança</i> (D. Rodrigo de Meneses)	176
C. Glosa <i>Amor que por glória tem</i> (D. Rodrigo de Meneses)	177
D. Silva <i>Olá, Senhora Musa!</i> (Gregório Martins Ferrão)	180
E. Romance <i>Parte o medo para Aveiro</i> (an.)	182
F. Soneto <i>Diga, assim me perdoe a Reverência</i> (an.)	186
G. Romance <i>Ó tu, médico em ditongo</i> (Frei Jerónimo de Moura)	187
H. Redondilha <i>Antes que pão, muito açoute</i> (an.)	190

INTRODUÇÃO

Neste anexo apresentamos um conjunto de poemas citados no volume principal da dissertação. Embora tenhamos procurado fazer uma transcrição rigorosa dos textos, não se trata ainda de uma edição crítica, na medida em que não apresentamos o leque completo de testemunhos de cada poema nem um aparato de variantes. Além disso, faltam os critérios de transcrição e as notas.

A parte I integra as composições poéticas que de momento consideramos pertencerem inequivocamente a Sucarelo, estando esta subdividida em seis grupos, a saber: o grupo A integra os dois poemas publicados em vida do autor, uma décima e um soneto; o grupo B inclui uma décima impressa postumamente; do grupo C fazem parte poemas transmitidos, pelo menos, pelo Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto; o grupo D compreende poemas transmitidos, pelo menos, pelo Ms 30767 da Coleção Additional da British Library; o grupo E incorpora um conjunto de poemas transmitidos por outros manuscritos; o grupo F apresenta três poemas cuja autoria é disputada com António da Fonseca Soares e D. Tomás de Noronha. A parte II diz respeito a réplicas a poemas de Sucarelo, contemplando também três composições poéticas que, não sendo réplicas, estão relacionadas com poemas do autor.

Os textos que constam dos grupos C e D encontra-se arrumados pela ordem em que surgem nos seus manuscritos de origem, o mesmo acontecendo com as réplicas, que estão dispostas de acordo com a ordem dos respetivos poemas.

Os poemas transmitidos por outros manuscritos não obedecem a particular critério de ordenação.

Principais siglas e abreviaturas

1. Para os manuscritos

C – Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de **Coimbra**

L – Ms. 30767 da série Additional da British Library (**Londres**)

P – Ms 755 da Biblioteca Pública Municipal do **Porto**

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPE – Biblioteca Pública de Évora

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

LC – Library of Congress

Ms. – Manuscrito

R – Fundo **Rivara** (Série de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora)

S – Manuscrito pertencente ao espólio de Alberto de **Serpa** (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

PA – Paróquia de Alvarães

Pb – **Pombalina** (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Pt – **Portuguese Manuscripts** (Série de manuscritos da Library of

2. Para os testemunhos impressos

Memorias funebres – *Memorias funebres. Sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde (...)*. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1650

Obras de D. R. Macedo – *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavaleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do de sua Real Fazenda, Enviado que foi ás Cortes de Pariz, de Madrid, e de Torim*, tomo II, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, MDCCLXVII

3. Gerais

an. – anónimo

f(f). – fólho(s)

inc. – incompleto

p(p). – página(s)

r – rosto

v – verso

I. POEMAS

DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

A. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR

Testemunho: **Memórias funebres**, f. 66v

Epitáfio

Esta avaramente dura
pedra, a tanto logro indigna,
é de Amarílis divina
ou enigma ou sepultura;
5 discrição e fermosura
de nós não louvada assaz
aqui se oculta, aqui jaz;
porque entre os fatais enganos,
morte, que não conta os anos,^I
10 vem e leva o que lhe apraz.

^I De Francisco de Sá de Miranda na carta de seu irmão.

2.

Testemunho: **Memórias funebres**, f. 75v

Soneto

Lágrimas brandamente derramadas,
suspiros tristes, ânsias amorosas,
da inclemência dos fados tão queixosas
quanto de sentimento acompanhadas;

5 saí continuamente magoadas,
correi perpetuamente saüdosas,
e no coro das almas venturosas
sede bem vistas, como bem choradas.

10 Alívio para o mal que se padece,
granjeio para o bem que não se alcança
sereis em quem suspira e não merece.

Porém agora isentas da esperança
sois vítima somente que se oferece
por Amarílis, que nos Céus descansa.

B. POEMA IMPRESSO POSTUMAMENTE

Testemunho: **Obras de D. R. Macedo**, p. 324

DOUTOR JOÃO DE SUCARELO

Aqui, Senhor Regedor,
veio esta noite a buscar-vos
quem desejara obrigar-vos
com grandes mostras de amor,
5 o Bacharel e o Doutor;
um valido, outro criado,
foram-se porque ocupado
dizem que tratando estais,
não razão dos Tribunais,
10 mas altas razões de Estado.

C. POEMAS DO MS. 755

DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

Testemunho: **P**, ff. 1r-3r

Carta

A Gregório Martins Ferreira, Deão que foi do Porto, estando o Autor em Elvas.

Meu Gregório Martins, Deão do Porto,
 meu único conforto
 da ausência e do desterro em que me vejo
 feito Abegão nos campos do Alentejo:
 5 se é que vos mereço,
 pelas muitas saudades que padeço,
 alguma piedade,
 sede remédio à minha saüdade;
 tomai na mão a pena,
 10 invocai a suavíssima Camena,
 pintando sempre fresco
 e com estilo lírico ou burlesco;
 suspendendo do Douro as doces águas,
 contai-me vossa vida e vossas mágoas.
 15 Venha embora a terreiro
 o Vigairo-Geral e o Tesoureiro,
 e façam seu papel ao desalinho,
 um de Galego e outro de Ratinho,
 que eu não me escandelize
 20 de murmurar com graça e com juízo.
 Oh! Quem me dera agora
 metido em um barquinho,
 fazer convosco um ledó bota-fora;
 e posto em frio o vinho,
 25 brindarmos muito sengos
 à saúde da Fonte dos Framengos.
 Logo pela bolina,
 à vista da formosa Caterina
 (para que por lograr nada nos fique)
 30 dar fundo junto à cerca de Monchique,
 e acerca daquela
 primeira luz, madrugada estrela,
 dizer de cá do rio

35 muita loucura, muito desvario,
posto que o que se diz e o que se escreve
àquelas mãos de neve
e aos olhos que de tudo são senhores,
nunca será lisonja e sempre amores,
que é maior que a lisonja e que a loucura
40 de Caterina a rara formosura.
Ditoso vós que estais alegremente
farto, fresco e contente,
rindo-vos do Verão tanto à vontade,
regalando com ela a humanidade.
45 E eu cá na zona tórrida abrasado
passo de sorte que estou já passado.
Do meu Deão me valho,
que é bem fresco Francisco de Carvalho,
porque enfim, para alívio dos calores
50 com que o sol me derrete este toucinho,
é um Carvalho de Entre-Douro-e-Minho.
Pobres dos pecadores
que passamos a vida em tão má terra,
aonde o Sol é peste e fome a guerra,
55 sem haver, meu Gregório,
em tão nefandas calmas
ou Missa ou conta benta que estas almas
tire de tão penoso purgatório.
Aqui o peixe fresco mais gabado
60 de Setúbal nos chega embalsamado,
e nós, sem nos livrarmos de tal erro,
damos-lhe seu enterro
nas miseráveis panças;
comem só peixe fresco as esperanças.
65 Aos quartilhos, por bom e alto preço,
nos vende Borba o Vinho, digo o gesso;
mas lança-lhe primeiro
também seu real d'água o Taverneiro,
e quem quiser beber boa goteira
70 há de ir lá ver a Deus à Videgueira.
Se em Elvas estivera
o nosso Bordalengo, não dissera
com tão galante mágoa
“não vimos Rio nem bebemos água”,
75 antes muito deveras magoado

bebera água avinhada ou vinho aguado.

5.

Testemunho: **P**, ff. 3r-3v

Décima

A Maria da Ressurreição, freira de Monchique, falando a Lopo Moreno, Judeu

Se Amor é fogo fatal,
não sei quem vos persuade
que haja de arder por vontade
quem lhe tem ódio mortal;
5 não gasta amor figadal
nem verdadeira afeição
quem é por toda a razão
tão incrédulo Tomé
que entre outros erros da fé
10 não crê na *Ressurreição*.

6.

Testemunho: **P**, ff. 3v-4r

Outra

A um escrivão mulato que fazia pouco caso de ãas pancadas que lhe deram

Senhor António de Abreu,
admirado o Mundo está
do pouco que se vos dá
do muito que se vos deu;
5 tal não presumira eu
do vosso talhe e feição,
porém nesta ocasião
mostrar ao mundo prometo
que homem sois de couro preto[;]
10 de colhão preto[,] isso não.

7.

Testemunho: **P**, ff. 4r-5v

Romance

Aos anos de D. Maria dos Mártires, havendo-lho eu pedido

Faz anos Dona Maria,
quantos são, eu não o sei;
pelos Mártires os conta,
bem d'anos devem de ser.

5 O que eu sei que é ela um sol,
 este é o seu parecer,
 e o meu que fará bons anos
 quem faz os dias também.

10 Mas os anos que ela faz
 ninguém os pode fazer,
 que as outras têm os que fazem,
 ela os que faz não os tem.

15 É privilégio do Sol
 todos os dias nacer;
 se ela nasce cada dia,
 que anos pode a moça ter?

20 Nos seus anos há planetas
 tão vários como ela é;
 talvez reina Vénus neles
 e Capricórnio talvez.

Mas se das telhas abaixo
faz anos como mulher,
eu farei dez mil apostas
que são pouco mais de dez.

25 Porque ela está nos seus treze
 tão bela como infiel,
 nas mininices que faz,

mentindo os anos que fez.

30 Anos tem ela de ingrata,
de inconstante e de cruel,
onde a fereza é capricho,
onde é melindre o desdém.

35 No juízo dos seus anos
bem se pode prometer
perdições, que ela costuma
pagar mal o querer bem.

40 Glória dos Mártires fora
se ela por prémio da fé
quando faz anos fizera
aniversários também;

onde os seus anos lograram
todos os Mártires que,
por ter do martírio a palma,
sempre vão e apenas vêm.

45 Mas ela dá dos seus anos
a quem lhe quer bem mau mês,
que traz a alma ensinada
a matar e aborrecer.

8.

Testemunho: **P**, ff. 6v

Soneto

Ao Carola Toureiro; consoantes forçados

Quis fazer o Carola seu papel,
mais bêbado na praça que um funil,
contra um Tourinho fusco, que o pernil
lhe foi tangendo mais que um Azamel.

5 Aposentou-o como Furriel
e deu-lhe por mortalha o seu mandil;
foi sua morte soada e tão gentil
que soou mais que um leve cascavel.

10 Embalsamado foi entre cerol,
sem levar nenhum homem dos do azul,
sem pompa e sem candeia e sem farol.

Serviu-lhe um campo infausto de baul,
cantou-lhe de Alvalade um Roixinhol
e sua morte chegou até Chaul.

9.

Testemunho: **P**, ff. 7r

Soneto

De consoantes forçados e monossílabos

Oh, que valentemente as gotas dás
e que bem dispostaça puta és!
O valhaco do frade que to fez
devia dar-te um reverendo zás.

5 Pior fora fazer-to por detrás,
fornicando à gatesca em que te pés,
porque um frade se o vaso acha c'o mês,
pelo ás de ouros seu negócio faz.

10 Dirás que é fraca a carne como um tris,
e porque estavas tu e o frade sós,
por isso se atreveu a dar-te um truz.

Mas ele não to fez como eu to fiz,
que estes frades, aqui para entre nós,
quando mangam, pespegam como uns mus.

10.

Testemunho: **P**, ff. f. 7v

Soneto

À morte de Lourenço Batista, Sancristão das freiras de S. Bento, do Porto

Aqui se esconde o corpo bem logrado
de Lourenço, um presbítero que, indigno,
c'o leite que mamou viveu mofino,
c'o que deu a mamar morreu mamado.

5 De aromas quasi andava embalsamado,
não por ódio do sexo masculino,
antes enchia o olho de contino
a todo o companheiro de seu fado.

10 Foi Sancristão das Bentas da cidade
e houvera de acabar no Santo Ofício,
se não fora ãa aguda enfermidade;

que dava de imitar mui grande indício
a morte de seu Santo noutra idade,
com vinte e tantos anos de exercício.

11.

Testemunho: **P**, ff. 8v-10r

Romance

A Duarte Ribeiro de Macedo, sendo Juiz-de-fora de Elvas, que morava sobre a cadeia da cidade

Juiz que na sala livre
preso há dous anos estais,
respirando ares corruptos
nãa masmorra infernal;

5 agora que o sol dourado
dando ao cão celeste está,
fazendo em nós pontaria
toda perpendicular;

10 agora que entre os planetas,
sobre os globos de cristal,
aceso o Sírio do Céu
queima a Terra, abrasa o mar;

15 agora que presidente
se quer Apolo mostrar
da Mesa grande dos astros,
feito Inquisidor-geral;

20 agora que abafa o Mundo,
dir-vos-ei o que cá vai
e ficareis admirado
de ouvir o que vai por cá.

Para o meu ditoso alvergue,
às dez horas da manhã,
vou pelo Escorregadio¹,
deixando-me escorregar.

¹ É uma rua de Elvas.

25 Fresco em bombachas no sótão
me ponho logo a jentar,
desenfastiando a olha,
chouriço e queijo frescal.

Apenas tenho acabado
30 de comer e de brindar,
quando já sobre as Moscóvias
esta humanidade jaz.

Durmo e ronco alegremente
ũa hora ou pouco mais,
35 levanto-me, lavo a cara,
ponho-me um pouco a estudar.

Enquanto o sol entre as nuves,
que lhe servem de avantal,
fazendo está mal-assadas,
40 em casa me deixo estar.

Não sei que cousa é mulher,
mas tenho, por me alegrar,
duas hora cada dia
de fornicção mental.

45 Assi do verão me rio,
porque impossível será,
se me não enterrar vivo,
deixarem de me enterrar.

12.

Testemunho: **P**, ff. 10r-11r

Romance

A ãa Senhora que naceu no Termo, indo-se para a quinta; não o acabou o Autor

Saloia dos olhos verdes
que para o Termo te vás,
sem que possa o meu bom termo
reduzir-te a cortesã;

5 por que foges da cidade?
 Ouve, espera e logo irás,
 que pela alma que me levas,
 a vida te quero dar.

10 Se Amor que em teus olhos mora
 ao campo me quer levar
 para render-me ou matar-me,
 rendido e morto estou já.

15 E se dos meus rendimentos
 queres sair a triunfar,
 os rendidos no triunfo
 vão diante e não detrás.

20 Leva-me também contigo,
 que minha desgraça é tal
 que nunca te alcançarei,
 posto que vamos a par.

Pegarei pelo cabresto
desse rústico animal,
sem que a jornada te custe
um “xô” nem um “arre lá”.

25 Se tens por segar o trigo,
 pouco serviço te faz
 quem cegou pelos teus olhos,

se pelo teu pão segar.

30 Se amassas para vender,
contigo quero amassar,
e se não tens pá do forno,
da minha te servirás.

35 Se fizeres nata doce,
manteiga ou queijo frescal,
o leite que tu quiseres
eu só to quero ordenhar.

40 Se venderes frutas novas,
eu te encherei o cabaz,
mais de reinóis de natura
do que de ameixas de cal.

13.

Testemunho: **P**, ff. 11r-12v

Romance

A uma Dama que amava um cavalhe[i]ro sem ser correspondida

Perdeu-se Menga por Brás,
e Brás por se não perder
tem tomado por capricho
pagar mal o querer bem.

5 Toda a perdição de Menga
é querer só por querer,
com resolução tão cega
que é teima e parece fé.

10 Brás, que de Amor e fortuna
tanta experiência tem,
não quer crer que isto é ventura,
e porque não crê não quer.

15 Menga quer bem a matar,
porém Brás não quer morrer,
que é também o ser ingrato
razão de estado talvez.

20 Grandes extremos faz Menga,
mas quando costumam ser
baldadas as esperanças,
serve o desejo à mercê.

Já no lugar se murmura,
pouco menos há de um mês,
de ver em Menga as finezas,
de ver em Brás os desdêns.

25 Também não falta quem diga
que Brás tem certos porquês,
e que por outros cuidados

anda perdido também.

30 Mas é Brás tão cauteloso
que se acaso isto assi é,
poder-se-á suspeitar,
não se poderá saber.

35 Era Menga natural
de junto a Penafiel,
e Brás de Cima do Douro,
Concelho de Benviver.

14.

Testemunho: **P**, ff. 12v-13r

Soneto

A Maria do Espírito Santo, freira conversa de Celas

Soror Dona Barbata, em que vos pês,
haveis-mo de pagar por esta cruz;
hei-vos de pôr as mãos, pois lhe não pus
ao vosso frade os cornos desta vez.

5 Ser amante não tira o ser cortês,
ser firme ações grosseiras não produz;
mas se ouro não é tudo o que luz,
não perde o ano o que perdeu o mês.

10 Se contra vós algum delito fiz
em fazer o que todo o mundo faz,
vós não podeis ser parte e mais juiz.

Mas por esta carinha de rapaz,
que se o vosso Bernardo o contradiz,
que é um refinadíssimo palmaz.

15.

Testemunho: **P**, ff. 13r-14v

Romance

A Maria da Ressurreição, Freira de Monchique

Sabereis, mana Maria,
como me fui confessar
e não botei pela boca
mais que um pecado mortal.

5 Perguntou-me o confessor
se me havia de emendar
e se vinha arrependido,
isto e isto, e tal e tal.

10 Respondi-lhe: “– Padre meu,
só Deus sabe o que será,
que eu protesto hoje uma cousa
e faço outra amanhã”.

15 Não me queria absolver
sem eu me determinar;
enfim lá nos concertámos,
sabe Deus se bem ou mal.

20 Disse-me que vos quisesse
como a próxima e não mais,
assim que convosco agora
trato de me aproximar.

Se vós me derdes, Maria,
a mão para me ajudar,
para moer-me, isso não,
que então será mão de gral.

25 E pois mandais ovos moles,
não me estranhareis que eu vá,
com duplicada potência,

nas vossas mãos desovar.

30 Este doce, minha mana,
multiplica o radical
e tem notável virtude
de fazer multiplicar.

35 Se mo não deminuides,
virá de sorte a somar
que repartido me inflame
todo o calor natural.

40 Fazei por tirar-lhe a prova,
porque sua conta terá,
e eu terei ao confessor
mais fraquezas que contar.

16.

Testemunho: **P**, ff. 14v-15r

Décimas

A Eva da Cruz, que andava com Pero Paulo de Sousa amancebada, sendo ele Corregedor da Comarca do Porto

Por toda a cruz cristãmente
jurei sempre, mas não sei,
Cruz, se por vós jurarei
bem e verdadeiramente;
5 se quem murmura não mente,
quem cuidara de vós tal,
pois tanto por vosso mal
Eva parecer quisestes
que c'um Pero cometestes
10 o pecado original.

Bem pudera o Senador,
pois que veste a saltimbarca,
deixar de ser da Comarca
outra vez Corregedor;
15 mas são milagres de Amor,
que já lá na idade d'ouro
por ir a Europa ao couro
Júpiter de amor ferido
dizem que foi convertido
20 na bruta forma de um touro.

17.

Testemunho: **P**, ff. 15r-17r

Romance

A Maria da Ressurreição, falando com Lopo Moreno, que era Judeu

Não corrais, bela Maricas,
correi-vos, por vida vossa,
do mal que tendes corrido,
com amores até agora.

5 Quem algum tempo cuidara
de vós tamanha vergonha,
quando igualmente estimáveis
as almas como as lisonjas.

10 Quando apesar das bonitas,
pondo quartéis às fermosas,
éreis doçura da vida,
sem ser esperança nossa.

15 Deu-vos Amor grande perro,
no mor gosto desta escolha,
que também Amor costuma
vingar-se das melindrosas.

20 Quis-vos dar fome canina,
milhor vos pusera as moscas;
no fim fartou-vos de bode,
no gosto das vossas bodas.

Nenhum modo de desculpa
tendes que valer vos possa,
que se o cão entra na Igreja
é porque acha aberta a porta.

25 Porém são fadas e estrelas
com que nascem as pessoas,
Deus perdoe a vossa tia,

que vós sois minina e moça.

30 O que mais do vosso amante
alma e vida me magoa
é que de vossos bilhetes
anda feito um cão de mostra.

Ah, maldições! Ah, Fortuna!
Aqui convinha, Senhora,
35 estragar a bizarria,
para remir a desonra.

Favorecer quem pudera
com navalha cortadora,
eternizar nas queixadas
40 a vingança desta afronta.

Perdoai esta advertência,
se acaso n'alma vos toca,
que pois podengos vos mordem,
bem é que outro tal vos morda.

45 Em Romance estas pancadas
deixai dar, que se uma boa
bota o cão fora do Moinho,
vá este desta vez fora.

Seja o amor pobre e cego,
50 tanja sanfoninha embora,
porém não traga cachorro
para enganar as cachopas.

Houvera de encomendar-vos
outro amor por minha conta,
55 se eu soubera namorar
como sei tanger viola.

Mas enquanto amor não quer
que eu entre nestas galhofas,
Deus vos dê para emendar-vos
60 Graça, que é penhor da glória.

18.

Testemunho: P, ff. 17r-20r

Carta

que fez o autor a Rui Fernandes de Almada, estando em Coimbra, para mandar a Dom Rodrigo de Meneses

Si, Senhor, eu me vim dessa cidade
para esta Academia;
trouxe meus quatro dedos de saudade,
mas parou tudo à vista da alegria,
5 donde às mãos cheias, glórias e favores
reparte o doce cano dos amores.
É verdade que a Corte
seus desenfados tem de toda a sorte;
mas aqui com sossego
10 tudo achamos nos campos do Mondego;
vós à vista do Tejo
sacrificais nas aras do desejo
a doce liberdade do alvedrio.
Eu, que nas margens deste manso rio,
15 sem vítima fazer da liberdade,
logro o gosto à medida da vontade,
canto, ouço cantar, como e descanso,
e tudo quanto emprendo, tudo alcanço.
Com Dom Luís na grade, a tarde inteira
20 fazemos vir a uma e outra freira;
também de quando em quando
Cristóvão para a grade vem chegando;
e se à guitarra ambos lhe cantamos,
as vozes nos gasnates lhe empatamos.
25 As moças de folgar carapichosas,
prezadas de formosas,
de músicas discretas e galantes,
como fez o Reitor aos estudantes,
o último com as férias lhe puseram
30 e todas para nós se converteram.
E eu, que tudo mando e tudo ordeno,
se Rei Chico não sou, sou Rei pequeno.
Vede que vida esta;

quem esta vida tem não quer mais festa.
 35 Vós na *visitação* sempre metido
 e sempre compreendido
 amante incorregível e obstinado,
 tendes cá opinião de amancebado;
 tanto que a mim me disse um dia destes
 40 certa muchacha, que de amores morre:
 “É Dom Rodrigo já conde da *Torre*.
 Temo-lhe, na verdade, um grão perigo
 ao Senhor Dom Rodrigo,
 que como é mercador, o seu cuidado
 45 pode quebrar co’ cabedal gastado.”
 Juro-vos pela cruz de Jesus Cristo
 que quando lhe ouvi isto
 dito com tanta graça e tal juízo,
 perdi o meu, mordendo-me de riso.
 50 Porém agora é bem que vos despache,
 entro com Guzmanilha de Alfarache.
 É toda flor, Rodrigo, a vossa filha;
 não é amor-perfeito, é maravilha;
 infel de maneira
 55 que dorme com Lutero à cabeceira.
 Se no canto é Sereia,
 no encanto é outra Circe, outra Medeia;
 mas nas transformações da natureza
 não é maior a arte que a beleza.
 60 Dom *Vasco*, que era *Lobo* antigamente,
 depois que à sua vista
 ardeu de amor o pobre porcionista,
 ela o tornou Carneiro ingratamente,
 com outros infinitos,
 65 que fez veados, touros e cabritos.
 A semana passada
 fizemos uma alegre cavalgada
 àquele de Lorvão célebre vale,
 que não tem Vénus outro que o igale;
 70 ali vos digo eu que às bofetadas
 com uma e com outras às punhadas,
 Rodrigo se gastara
 cem mil vezes melhor que em Santa Clara.
 Como eu me vi buscado desta sorte
 75 pela hora da morte,

como quem não gostava do que via,
a todas me vendia.
Vem senão quando entre esta cerimónia
entra mui descuidada Dona Antónia,
80 a filha do Coelho,
cujos fermosos olhos são de espelho,
em que eu me vi perdido de maneira
que inda não sinto cousa que mais queira.
Enfim naquele dia
85 ela fez seus pecados de Heresia,
porque apesar do Inquisidor Andrade,
a fé humana ali se foi na grade.
Aqui vos diz deveras Rui Fernandes
que dizeis, Dom Rodrigo,
90 aí não há mais Flandes
do que estas aventuras que vos digo;
eu me vi como em casa de meu sogro,
mas à *Madre de Deus* tanto lhe quero
que muito mais que o logro
95 a *Esperança* venero
em firme e respeitosa idolatria,
que enfim é o meu pão de cada dia.
Adeus, que vou à cama como um raio;
segunda-feira, dezasseis de Maio.

19.

Testemunho: P, ff. 20r-22v

Romance

que o Autor fez ao Padre João de Santo Agostinho, mandando-lho de Braga

Reverendo Frade Loio,
diz-me o Cónigo Gondim¹
que neste breve Romance,
vos corte bem de vestir.

5 Porque dando em ser poeta,
entre obreiro e aprendiz,
sois 'treito a dar saboletas,
useiro a fazer Pasquins.

10 Fora-vos muito melhor
chatinar para o Brasil,
co'as bonecas que pintais,
c'os paus velhos que tingis.

15 Mais dissera o prebendado
se soubera do rocim,
cuja desgraçada pele
também quisestes curtir.

20 Mas eu por guardar a minha,
não quero passar daqui,
e por ser vosso, a quem sempre
tratei de honrar e servir.

Melhor é que vos refira,
sem primeiro vos ferir,
a ventura de um cuidado
que alcancei depois que vim.

¹ António Velho Gondim, Cónigo de Braga.

- 25 Rematou-me uma freirinha,
de quinze até vinte Abris,
franguinha do galinheiro,
bom retiro para mim.
- 30 Os olhos são dous marmelos
mais brilhantes que o Sol cris,
das almas que levam presas
aleivosos Beleguins.
- 35 Belo sem comparação,
mostrar-se deixa o nariz,
na confusão das bochechas,
reto e cândido Juiz.
- 40 A boca de comedida
nem zelos sabe pedir,
e de medida é tão breve
que a taparam c'um ceitil.
- 45 Donde seciosa a fala,
entre alentos de âmbar gris,
tão sutil sai que parece
que sai por algum funil.
- 50 O mais daqui para baixo
que se costuma encobrir,
o alto da chã de dentro,
até à ponta do pernil,
- 55 obrou nele a natureza,
maravilhas mil a mil,
mas são miudezas que guardo
só para quando vos vir.
- Iam-me esquecendo as mãos,
que têm dedos de jasmins,

60 nascidos sobre açucenas,
escumadeiras dos rins.

A moça é muito corrente,
dá também muito de si,
que para o tempo que corre,
é mais que anjo e sarafim.

65 É verdade que receio
que venha inda a parir,
em lugar de corpo humano,
algum par de chambaris.

70 Porém quando me aconteça
este sucesso infeliz,
assim tem entrado o mundo
e assim há já de sair.

Entretanto alegremente
ando feito um machachim
75 e com grão réquie e folgança
como e bebo e faço assi.

20.

Testemunho: P, ff. 22v-24r

Outro

Escrito de Coimbra a Pantaleão da Silva

A vós, Pantaleão da Silva,
médico capitular,
de quem tão grandes histórias
conta o Licenciado Vaz;

5 aquele, Doutor amigo,
confidente e figadal,
que foi no Porto e Coimbra,
vosso grande capataz;

10 com muitos anos de vida,
deseja saúde e paz,
bom vinho para beber,
dinheiro para gastar.

15 Dias há que me escreveram
que vos fostes caldear,
e dar-vos então não pude
pêsame do vosso mal.

20 Mas sempre a carta do amigo
vem a tempo e tem lugar,
só na garatusa perde
quem deixou a carta atrás.

As humidades de um olho
dizem fostes remediar,
e por ver se de caminho
se emendava o radical.

25 Permita Nosso Senhor
que quando esta vos achar
estejais rijo e valente,

assi como desejais.

30 Rijo mas não de maneira
que vos mateis por ser pai,
que isto de fazer mininos
não é arte liberal.

Fazei vós por beber bem,
mais à ceia que ao jantar;
35 comei carne, andai em carne,
vereis como vos achais.

Se sobre carne dormirdes
seja ao romper da manhã,
que a carne que se não coze
40 não tem sopas para dar.

Assi no-lo diz Galeno
na arte medicinal,
Tomás da Veiga, Argentino,
Vales e trezentos mais.

45 Vós sois Doutor, bem sabeis,
o que melhor vos está;
assi que nisto não tenho
mais que vos encomendar.

Mandai-me novas da terra,
50 avisai-me se há por lá
quem minta na Rua Nova,
quem beba na Rua Chã.

21.

Testemunho: **P**, ff. 24v-26r

Décimas

Escrevendo de Lisboa a Domingos de Figueiredo, estando os Ingleses na Barra

Senhor, quem paga o que deve
à obrigação de ausente
reparte as mágoas que sente
c'os amigos quando escreve;
5 perdoai-me se for breve,
porque nesta ocasião
tudo é tão param tam,
trus trus, tarára tarára,
meter o arcabuz à cara
10 marchar co'a pica na mão.

Eu vi no terreiro um dia
certo capitão guerreiro
que nos tirava a terreiro
com a sua infantaria;
15 e todo o mundo dizia,
entre dentes murmurando,
“Lá vai fulano marchando;
valha o Diabo o mangaz,
que co'a pica por detrás
20 no cu do paje vai dando.”

Estes cá jogam de manos,
fazem flores c'o arcabuz,
uns dão c'os canos nos cus,
outros c'os cus dão nos canos;
25 se cá vem os Castelhanos,
não hão-de ir muito contentes,
porque estes nossos valentes
cometem tudo o que vem,
e há muito tempo que tem
30 a mão destra, as costas quentes.

Porque os cachopos no mar
senhoreia o Parlamento,
vão zelosos cento a cento
com tenção de os abrasar;
35 se se houver de executar
este castigo fatal,
lá vai todo Portugal,
haverá mui brevemente
de hereges e desta gente
40 um cadafalso naval.

Fortefica-se entretanto
a terra em tamanho risco,
com que não vemos de cisco
monturos a cada canto;
45 nem eu, amigo, me espanto
faltar cisco junto aos muros,
que estando tão mal seguros
estes nossos valentões,
como cagam nos calções
50 falta a merda nos monturos.

Eis aqui senhor cabaça
tudo o que passa de novo
e o mais disto ao pobre povo
por mãos e narizes passa;
55 tende-me na vossa graça
e tereis da minha mão
as novas que vem e vão,
que em tudo quanto puder
a vossa Índia hei-de ser
60 e o vosso Preste João.

22.

Testemunho:: P, ff. 26r-29r

Romance

Ao Doutor Santos de Sousa, indo ao Alentejo na ocasião que lá foi a Universidade

Foi Sílvio para Alentejo,
sabe Deus se tornará,
e se será tão ditoso
na guerra como na paz.

5 Oh, que suspiros que lança
sem remédio para trás,
onde deixa Francelisa,
em quem todos vão parar.

10 Conversando c’o seu Lima,
assi começa a falar:
“Só vós fostes nesta vida
sempre fâmulos leigais.

15 “Confidente a meus cuidados,
segredo de pedra e cal,
fechai-me a porta da rua,
deixai-me desabafar.

20 “Que dirá agora Vilhena?
Que discursos que fará,
vendo que se parte Sílvio,
sem que o possa acompanhar?

“Vilhena, aquele portento,
maravilha singular,
nas graças e nas notícias
tão sabida e tão geral.

25 “Aquele primor do Mundo
que estava sempre a mandar,

hoje o prato de ovos moles,
o de arroz doce amanhã.

30 “A que deu para os alforjes
caixa de manjar real,
que inda que ganhou bafio
não nos há cá de ficar.

35 “Por Deus, Lima, que vos juro
que em todo o mundo não há
mulher que à minha Vilhena
lhe dê pelo calcanhar.

40 “Vá-se pôr ao sol mil vezes
Dona Mariana de Sá,
que Francelisa dormindo
lhe pode dar seis e ás.

“Olhai que largo me escreve,
vede que bem sabe dar
as ternuras ao entendido,
as mágoas ao figadal.”

45 Responde o Lima mui sengo,
começando-se a coçar:
“Você diz suas virtudes,
a honra é de quem a dá.

50 “Mas se hei de falar verdade,
sempre ouvi dizer por lá
que era a senhora Diosa,
não quero dizer Deidad.

55 “Freira por freira a Abadessa
da Viela do Ferraz;
beijo mão, dá cá vintém,
fazer fresco e caminhar.

60 “Eu era de parecer
que a mandemos bugiar,
porque dá cem mil desgostos,
por quatro doces que dá.

- “A mulher zomba zombando,
quando mais prendada está;
hoje se roça c’um frade,
amanhã c’um secular.
- 65 “Pois nos conceitos não acho
cousa em que se possa atar
nem quatro reis de mostarda
nem duas pedras de sal.
- 70 “Isto você bem me entende
que não é pela gabar,
mas se não for o que soa,
lo que fuere sonará.
- 75 “Finalmente se se enfada,
por pouco nos citarás,
e por escusar demandas,
eu tocara a retirar.”
- 80 Ia o Lima descosendo,
quando Sílvio disse: “Tá,
quem tais cousas vos contou,
mentiu para grão mangaz.”
- Tocou neste tempo a caixa,
começa o pobre a gritar:
“Dá cá botas de Bronsuik,
dá cá chapéu de Bredá.”
- 85 E enfronhado num capote,
às três depois de jantar,
se foi (suspirando ainda)
na volta do Rabaçal.

23.

Testemunho: P, ff. 29r-30r

Romance

que o Autor fez a Domingos Vieira, por responder ao romance atrás com umas ignorâncias, era filho de um alfaiate que chamavam o Orelha

Dizeis-me, Senhor Dom Pedro,
que me cortou de vestir
certo poeta de Orelha,
entre obreiro e aprendiz.

5 Que pondo as linhas de casa,
 porque o mais furtou de mim,
 dos retalhos de um romance
 fora cirgindo um pasquim.

10 Esta malícia é de sastre
 que eu não posso prevenir,
 são bom homem foi um só,
 são maus homens trinta mil.

15 Não errou ele de todo
 a medida, o corte sim,
 segundo mostra o feitio
 mal polido e bem ruim.

20 Não fez a obra ao costume,
 tendo um molde tão gentil,
 e assim nenhum caprichoso
 ousou com ela a sair.

Ele si, porque faz gala
de imitar sem conseguir,
que os trovantes desta idade
são Macacos do Brasil.

25 Mas não vamos por diante,
 Musa, paremos aqui,

que este nosso oficial
preza-se de espadachim.

30 E da volta de Alentejo,
blasonando mais que um Cid,
veio¹ co'as tripas na mão
sem castelhano o ferir.

¹ Era quebrado.

24.

Testemunho: **P**, ff. 30v-31r

Soneto

A João Rebelo Pegas, que fazia um livro ridículo que intitulava “Política amorosa em frase culta”

Esta vil poluição do entendimento,
política amorosa em frase culta,
em que o Destino avaro hoje tumultua,
por obra, por palavra e pensamento;

5 caso sempre será de esquentamento,
memória sempre torpe, sempre estulta,
pois quanto em labirintos deficulta
merece em maldições o sofrimento.

10 Ó Pegas!, pego, inundação, tormenta,
aonde deu à costa infaustamente
essa alma bruta que teu corpo alenta.

Ludíbrio vivirás perpetuamente
por quanto o mar abraça, o sol aquece,
pois começaste fábula da gente.

25.

Testemunho: **P**, ff. 31r-31v

Soneto

À Morte de D. Serafina, Dama de Coimbra

Aqui debaixo desta pedra fria
jaz Serafina, moça mal lograda,
que de jazer debaixo enfim cansada,
repouso dá aos membros que estendia.

5 Serafina, que a todos se vendia
mais amarela quando mais curada,
até que dos pavios destilada,
morreu daquilo de que já vivia.

10 Vós, maganas que andais co'a mão na massa,
Harpas da algibeira do estudante,
vede-vos bem nesta fatal desgraça;

vós quero que sejais o caminhante
deste soneto, e nesta pedra escassa
desenganos aprenda a vida errante.

26.

Testemunho: **P**, ff. 31v-32r

Soneto

A um Frade que fazendo os versos sem medida, dizia mal dos do Autor

Padre Girão, se a Vossa Reverência
lhe deu licença o louro Patriarca
para fazer os versos mais de marca,
foi mui bem dada em minha consciência.

5 Porém se lha não deu, mostre Vossência,
em Camões, Lope, Góngora ou Petrarca,
algum exemplo; e não me roce a alparca,
porque me dá c'um pau na paciência.

10 Se a Musa de Vossência é centopeia,
sevandilha dos charcos do Pegaso,
faça os versos, com Deus, de légua e meia.

Mas se algum dos coimeiros do Parnaso
os levar por compridos à cadeia,
que há de fazer Vossência neste caso?

27.

Testemunho: P, ff. 32r-34r

Romance

Escrito de Lisboa ao Porto, a Manuel Pinto Leão

Senhor soldado da armada,
que andais por várias derrotas
de Lisboa para o Porto,
do Porto para Lisboa;

5 vós, que prezado de guapo,
vestindo sempre a la moda,
andais agora à Francesa,
por dentro como por fora;

10 vós, que sendo homem tão destro
em todos os idiomas,
nos países baixos destes
miseravelmente à costa;

15 agora que estais em férias,
freirando a toda a hora,
em São Bento co'a Menezes
e com Mariana da Rocha;

20 matando a puras *saudades*,
as freiras de Vilalonga
que por *gloriosas* merecem
ser de gloriosa memória;

vinde ouvir de Constantina
as queixas velhas e as novas,
dos ciúmes que lhe destes,
dos amores que hoje logra.

25 Ali passou três semanas,
ou de fina ou de teimosa,
sem chegar em nenhum caso,

nem à grade nem à roda.

30 Tantos dias estiveram
aquelas mãos pecadoras
sem desperdiçarem almas,
piedosamente ociosas.

Até que um frade Bernardo,
com mais potência que a vossa,
35 malhando no ferro frio
fez vir a pobreta a molha.

Dela se soube depois
que, porque a vergonha à força
lhe atava as mãos nos afectos,
40 tinha ela mão na vergonha.

Até que à força de braço,
toda banhada d'aljôfar,
trocara a alma em miúdos,
de ai em ai, de gota em gota.

45 Do que na mão lhe meteram
deu Constantina tal conta
que é já mulher de enche mão,
com grande enveja das outras.

Saudades está viúva,
50 Paula tem dado em fanchona,
Dona Caterina é simples,
Gerarda é comendadora.

Ana, com fome canina
dada a perros, corre agora
55 c'um Judeu por mercancia,
fazendo o que fazem todas.

Se quiser[d]es de Palácio
ouvir cousas prodigiosas,
de candeas às avessas
60 Dona Alcantra e Dona Solfa;

vinde-me ver e deixai
de andar tirando às gaivotas,
de estar sobre ferro à vela
entre manopla e manopla.

28.

Testemunho: P, ff. 34r-34v

Décimas

que fez o Autor em Coimbra aos partidos dos Médicos que não pagava o Reitor Manuel de Saldanha, sendo Tesoureiro da arca um Colegial de S. Paulo, Médico que se chamava fulano Peres. Fala um Estudante c'os Partidos

- Est.* Partidos desesperados,
pode ser que aborrecidos,
pois há tanto sois partidos,
inda agora sois chegados:
5 que tais vindes? *Part.* Mui gastados.
Est. Depressa vos cobrareis.
Part. Atentai no que dizeis
porque há piratas de marca.
Est. Noé salvou-se na arca;
10 também vós vos salvareis.
- Part.* Furta-se hoje seca e meca,
olivais de Santarém;
muito há que o rifão diz bem:
na arca aberta o justo peca.
15 *Est.* Quem a abriu? *Part.* Foi-se da beca.
Mas no que dela pilhou
São Paulo não dispensou.
Est. Si, mas eu sei que não medro.
Part. Dem as chaves a São Pedro,
20 que sempre abriu e fechou.

29.

Testemunho: P, ff. 41r-43r

Romance

Manda o Senhor Dom Miguel,
Segundo de Portugal,
que lhe faça este romance,
à luz deste castiçal.

5 Foi conforme neste voto
também Gervásio do Sal,
um Bacharel importuno
que anda muito e pouco val.

10 Obedeceu-lhe o poeta
porque é muito figadal
e porque com seus amigos
foi sempre mui cordial.

15 Vá com Deus, entre o Romance
sobre o pecado mortal;
antes que chegue a quaresma,
logremo-nos do carnal;

20 com condição que no cabo,
arrezando a final,
diga no último verso
“et cetra Martim Pascoal”.

Oh, que de putas cochambres
há no mundo, e cada qual
é flegelo da luxúria,
e fogo de São Marçal.

25 Que de moças melindrosas
vemos vir ao Hospital,
cuja saúde e beleza
parecia pedra e cal.

30 Por mais que o membro pespegue
duro como um mangual,
ou por mais grosso e redondo
do que é uma mão de gral;

se lhe chega o mal Francês,
logo se rende a este mal,
35 senão seja testemunha
o membro do Marichal.

Maldito seja o cabrão
que metendo tal por tal,
fornicações multiplica
40 com potência de pardal.

Todo o vaso é sanguessuga
gulosa do radical,
e não há membro que ature
um cricalhão sensual.

45 Leve o Diabo o madraço
que faz picado três val,
sugando c'o vaso o trunfo,
sendo de paus o metal.

Estes Padres Reverendos,
50 franciscanos do saial,
fornicando a tutiplé,
sempre dão salva real.

E talvez se se enfastiam,
remetem c'o Rabaçal,
55 de sorte que não lhe escapa
nada ao membro genital.

Perca-se embora a semente
pelo vaso natural,
ut fecerunt Patres nostri,
60 como faz todo o animal.

Seja uma vez na semana,
que como diz Marcial:

“O caldo dos grãos dos Homens
é muito sustancial”.

65 Este romance cantava
 Gil Vicente, o Sarrabal,
 tangendo-lhe Antão Temudo
 e mais Victório Zagal.

70 Depois de terem bebido,
 já fora da lei mental,
 disse o Temudo: “Esto es hecho,
 et coetra Martim Pascoal”.

30.

Testemunho: **P**, ff. 43r-43v

Soneto

Contra outro que fez António Barbosa Bacelar que começa “Este nasce, este morre, acolá soa”

Acolá e acolá e acolá soa
quem com tanto acolá crê que é suave;
no Rossio um cavalo rincha grave,
zurrando um asno a Alvalade atroa.

5 Aqui, aqui e aqui vemos que voa
algum que foi raposa e hoje é Ave;
um abaixa a madeira, outro ergue a trave,
que nem sempre de um modo está a pessoa.

10 Um pisa as uvas, outro faz pindura,
o que aquele aborrece estoutro adora,
e é mais do que a beleza a prata amada.

Este Rocim respinga, aquele atura,
os fidalgos se rim e o povo chora,
e quem não tem dinheiro é nécio e nada.

31.

Testemunho: **P**, ff. 43v-44r

Exagerações a uma Dama fermosa

Rubim, concha de perlas peregrina,
animado cristal, viva escarlata,
duas safiras sobre lisa prata,
ouro encrespado sobre prata fina;

- 5 este o rostinho é de Caterina,
que porque docemente obriga e mata,
não livra o ser divina em ser ingrata,
e raio a raio os corações fulmina.

- 10 Viu[-a] Fábio uma tarde, e transportado,
bebendo admirações e galhardias,
a quem já tanto amor levantou aras,

disse, igualmente amante e magoado:
“– Oh, muchacha gentil, que tal serias,
se sendo tão fermosa não cagaras!”

32.

Testemunho: P, ff. 44r-46r

Romance

Feito em Coimbra no ano de 1645, pregando em Santa Ana Frei Jerónimo de Moura, homem de extravagante génio

Reverendo Estagirita,
peripatético Mico,
Anticristo que pregais
giringonças ao divino;

5 Lutero dos idiomas,
 com provérbios esquisitos,
 enigma, tudo conceitos,
 prosa, tudo labirintos;

10 enquanto vos poupa um raio
 e vos perdoa um corisco,
 ou vos não parte um badalo
 d'algum dos celestes sinos;

15 fazei confissão geral
 de todos vossos delírios,
 e será a primeira acção
 vossa feita com juízo.

20 Recolhei-vos a vós mesmo,
 e quiçá que arrependido
 venhais a estado de graça
 com que pregueis sem fastio.

Aquele conhecimento
que chamastes compreensivo,
nunca pude compreender
para que fora trazido.

25 Nem levar em paciência
 chamar[d]es a São Francisco

Cristo feito de burel,
por se parecer com Cristo.

30 Na questão que levantastes,
esbabacando os ouvidos,
ficou-vos um pé no ar,
outro fora do estribo.

35 Não me há de passar por alto
aquele passo do livro;
vós perdestes-vos no passo,
nós perdemo-nos de riso.

40 Alegar mal os latins,
dar erros, dar solecismos,
isso é galantaria
no Doutor de São Martinho.

Mas em vós que o sabeis todo,
é desconcerto, é delírio,
digno de ser relaxado
à censura dos mininos.

45 Não sabeis que estais na Terra
onde o mais breve mosquito
da luz tira residência
ao sol no seu Epiciclo.

50 Pois se o sabeis, que vos move
a chamardes-vos altivo,
Evangélico Orador,
tendo tão infame estilo?

55 Mas com tanta confusão,
bem hajam vossos amigos
que receitar-vos souberam
de uma retirada o fio.

60 Onde em mais pios sujeitos
podeis, brilhante Narciso,
clarins espalhar à Fama,
em aplausos repetidos.

Porque esta terra não sofre
(será de pequena indício)
nem cómicos de baeta
nem pregadores de chispos.

33.

Testemunho: **P**, ff. 46r-46v

Redondilha

Indo Martim Peixoto, Médico do Porto, que era doudo, a Guimarães, teve umas disputas co'o Médico António Meireles de Guimarães, que lhe deu por isso com um pau

Foi Peixoto a Guimarães;
fez progressos, mas sobre eles
deu-lhe o Médico Meireles
daquelas que dão aos cães.

34.

Testemunho: **P**, f. 46v

Outra

Mandando pedir a Nuno Barreto um frasco de vinho, em tempo que andava Manuel Pinto Leão ameaçando ao Autor

Mandai vinho tinto
para me alentar,
que anda Manuel Pinto
para me matar.

35.

Testemunho: **P**, f. 47r

Soneto

A Grácia da Costa, uma mulher Cortesã do Porto, que andava com um homem que chamavam Manuel de Sousa o Galhardo

Aqui de costas jaz Grácia da Costa;
acharam-lhe duzentos mil em prata,
porque nunca foi gratia gratis data,
sendo sempre galharda e bem disposta.

5 Mulher que nunca dava má resposta
por não ser tida por patifa ingrata;
não se vendia cara nem barata,
senão em meio de que o Mundo gosta.

10 Lá vai bem pesarosa a criatura
dar conta ao Criador de seus pecados,
que cometeu com tanta simonia^I.

Deixou por seu herdeiro ao Padre Cura^{II},
deixando-lhe à razão de dous cruzados
uma missa e memento cada dia.

^I Porque vendia a graça.

^{II} Gonçalo Gomes, que era Cura de São Nicolau.

36.

Testemunho: P, ff. 47v-49r.

Resposta do Autor

a uma carta de Duarte Ribeiro, que estava em Coimbra com uma deligência

Coçaste-me a borbulha,
 meu Duarte Ribeiro,
 e como se estes versos foram pulha,
 ficou-lhe ardendo à Musa o parrameiro;
 5 diz que há de fazer versos de repente,
 ainda que arrebente;
 e quando ela arrebenta é tal o estouro
 que a termos passa que suspende o Douro.
 As novas que me deste da jornada
 10 e dessa celebrada
 alma Universidade estimei tanto
 que deixara o meu canto
 e os gigotes que faz a mãe Luísa,
 por lograr esta nossa Academia.
 15 Que ainda que dos já passados anos
 e daquela florida Primavera
 vedes só desenganos
 da vida, que não é qual dantes era,
 lá tem a saudade
 20 a sua complacência na memória,
 do gosto que logrou em outra idade.
 E porque se ruma aquela glória,
 do já passado (vão contentamento),
 me diz aqui Padre Bento
 25 que peço mortalmente;
 o Padre o sabe, o Sucarelo o sente.
 Dizeis que Mariana
 está feita estropalho
 do célebre Mosteiro de Santa Ana;
 30 pois é porque cansada do trabalho,
 faz vida penitente e arrependida;
 desgostos de velha e creca
 de fazer tantos quebros de munheca

35 quantos fez nesta vida;
 por isso é bom Duarte
 fazer por ter saúde,
para lograr da vida aquela parte
 em que é força se mude
 a vida na esperança,
40 que há de dar melhor vida esta mudança.
 Comei franga e carneiro,
 não comais camoesa ou capandua;
 e se acaso o Diabo aventureiro
 tentar com carne crua,
45 dizei-lhe que se vá para valhaco,
 aos frades de Grijó pisar tabaco.

37.

Testemunho: P, ff. 49r-51v

Romance

ao Doutor Manuel Maio de Macedo, em que lhe dá conta de uma jornada que fez com
D. Álvaro de Abranches

Os olhos com pranto amargo,
cheio o coração de dor,
desfeito o alento em suspiros,
triste o peito e rouca a voz;

5 embravecidos os ventos,
 o Céu coberto de horror,
 tudo confusão e pena,
 negro o dia, ausente o Sol;

10 manco o meu macho castanho,
 vestido Estêvão de dó,
 com saudades de Luísa,
 que é Tisbe da mesma cor;

15 se são circunstâncias tristes,
 amantíssimo Doutor,
 e a quem se vai mais lastima,
 já sabereis qual me vou.

20 Atrás da incerta esperança,
 de sua Excelência após,
 chegamos noite não noite
 ao Mosteiro de Grijó.

Fez-nos fidalga hospedagem
liberalmente o Prior,
veio o Padre Dom Fulano
e o Padre Dom Golondron.

25 Logo as cisternas do Céu
 ao outro dia, Senhor,

se abriram e se vazaram
impiamente sobre nós.

30 Cheguei a Fermelainha,
a casa de um lavrador,
ensopado qual se eu fora
fatia de pão-de-ló.

35 Finalmente vim a Esgueira,
onde o meu macho me pôs
manquejando de uma perna,
feito em cinza e feito em pó.

40 Falei ao nosso Fidalgo,
fez-me muito mais favor
do que a Inácio de Azevedo
quando era seu girassol.

Chegámos a Cantanhede
e aí se nos agregou
Luís Gomes de Loureiro,
digníssimo Senador.

45 Viemos a Santa Cruz,
onde nos agasalhou
o Vigairo Dom Bernardo
com grandeza e com primor.

50 Ali veio dar connosco
um Bacharel¹ que morou
mais acima do Serrão
e mais abaixo de vós.

55 Se ele faz bem a justiça,
inda a rezão faz melhor,
das saúdes dos Amigos
grande Solicitador.

Enfim bebeu de maneira
que lhe fez logo o licor

¹ O Desembargador Luís Teixeira.

60 dous grãos de milho zaburro,
os olhos ambos de dous.

Viemo-nos finalmente
a Leiria, aonde estou
escrevendo este Romance
que é bem trabalhoso em ó.

65 Pela estrada me chamavam
os vilãos Comendador,
e talvez se a cruz não fora,
fora de mal em peor.

70 Também me chamava o Negro,
em voz alta e de bom som,
para mais autoridade,
Senhor Desembargador.

75 Enfim, que eu nesta jornada
talvez sou, talvez não sou,
Comen[da]dor, Capitão,
Fidalgo e Senhor Doutor.

80 Melhor fora que andar nisto
ser Bispo de Meliapor;
não digo eu Bispo senão
Cura de São João da Foz.

Do que mais for sucedendo
iremos fazendo o rol;
dezassete de Setembro,
vosso Amigo e Servidor.

38.

Testemunho: **P**, ff. 51v-52r

Tendo Clóri um coração e uma chave e Nise outra chave e outro coração, deu Clóri a Nise a chave e ficou com o seu coração, e Nise deu a Clóri o coração e ficou com a chave; a este assunto académico fez um Poeta¹ um Soneto e o mandou ao Autor que o revisse, e ele respondeu com esta

Décima

Veio à revista nossa
este Soneto, e parece
nos triquestroques que tece
o Tio da Avó da moça.
5 É possível que não possa
cá pela minha vitola
dar nesta alcarracachola
deste mútuo coração:
ou ele é Signo-Samão
10 ou vós sois negro d'Angola.

¹ Era Francisco de Sá de Meneses, o de Coimbra.

39.

Testemunho: P, ff. 52v-54v

Silva

A Duarte Ribeiro de Macedo

Meu Duarte Ribeiro,
meu Bacharel barbinhas de sedeiro,
donde assedam as belas raparigas
as faces e as guedelhas como estrigas;
5 depois que vos safastes
e deste Tejo às praias vos negastes,
se nos safou também da vista aquela
primeira luz, madrugada estrela,
que emprestando esplendor ao pai do dia,
10 pelos balcões do Paço amanhecia
 tão brilhante luzeiro
que nos tirava as almas a terreiro;
aquela que de linda e graciosa
punha a boca à orelha a mais fermosa,
15 em cujo peito, sempre aos olhos franco,
víamos animado o manjar branco;
 e no pescoço belo,
vivo o nevado e doce caramelo,
onde os dous tufos, como cem mil ouros,
20 ovos de fio são, crespos e louros.
Moça tão fresca, bela e comezinha
em minha vida a vi por vida minha.
Mas como isto me falta em vossa ausência,
vou tendo muito santa paciência,
25 pondo embargos à morte,
que já me traz de espreita nesta corte,
onde se lança ao vinho de mor preço
e à cara melhor, almagre e gesso;
onde por enganar maridos tontos,
30 ao vaso natural dão quatro pontos;
arremendando a rota humanidade,
fazem artificiosa a virgindade,
de sorte que os remendos da desonra,

- sem serem pundonor, são pontos d'honra.
- 35 Onde não val, Duarte,
sobre ter boa verga, engenho e arte,
porque nenhuma quer que homem lhe diga
conceitos que não lhe encham a barriga;
e dizem que lhe falem pela boca
- 40 de João da Cruz, que em seis vinténs se troca.
E porque murmurei estoutro dia
de quanto a carne humana aqui valia,
respondeu-me uma moça como um brinco:
“Também val o carneiro a trinta e cinco;
- 45 e com pouca razão você se espanta,
que a carne val conforme se levanta.”
Cruzei-lhe as mãos, ainda que tomara
naquela ocasião cruzar-lhe a cara,
quando vi que vendia a gentileza
- 50 o que deu para dar-se a natureza.
Oh venturoso vós, que alegremente
à vista da corrente
das saudosas águas do Mondego,
gozais vosso conchego,
- 55 fornicando de graça
as duas Margaridas da Couraça;
e se acaso vos dá fome canina,
tendes à destra Andreza e Catarina.
Vivei em doce paz, requie e folgança,
- 60 e de terçãs de França
fazei por ter segura sempre a pele;
e Deus vos faça aquele
que a boa viúva vos deseja,
sem à dita de Aquiles ter inveja.
- 65 A tantos de tal mês, um dia a mais que onte{m},
vosso João Sucarelo Claramonte.

40.

Testemunho: **P**, ff. 54v-55r

Soneto

A um estudante que andava com D. Mariana de Luna, que fazia versos

Aónio, que de Délia namorado
doce vítima sois de Amor tirano;
e com verdes a cara ao Desengano,
ainda não estais desenganado;

5 Délia não presta já para cuidado,
já não é Sarafim nem Anjo humano;
é Câncer que dormiu qualquer magano
que teve uma moeda de cruzado.

10 É escabeche o ouro do cabelo,
almagre e gesso a púrpura da rosa
do rosto que parece alegre e terso.

O mais, como sabeis, tudo é farelo;
fornicai como nós, Aónio, em prosa,
durma-se Délia muito embora em verso.

41.

Testemunho: **P**, ff. 55r-56r

Carta

A Dom Rodrigo de Meneses

Se com saudades partistes,
se triste vos ausentastes
do sol que chorando vistes;
a mim também me deixastes
5 lágrimas nos olhos tristes.

Quanto nesta vossa ausência
tantas vezes magoado
à custa da paciência
abonais vosso cuidado
10 e a vossa correspondência.

Mas que quereis que vos faça,
se Amor nesta ocasião
pôs vossos erros na praça,
culpando-vos na devassa
15 mais que na Visitação¹.

Ó Rodrigo, ó Rodrigo,
quanto vos fora melhor
não ser[d]es governador
do que ver posto em perigo
20 empenhos de tanto Amor.

Deu-se aqui para entre nós,
como é estilo e costume,
um libelo em caso atroz:
o Autor era o Ciúme,
25 o Réu dizem que sois vós.

¹ A dita era Maria da Visitação, freira de Santa Clara de Lisboa, com quem falava D. Rodrigo

O que os artigos contém
sumariamente isto é:
delitos de querer bem
contra os artigos da Fé,
30 que o são da Morte também.

São testemunhas contestes
para mais dobradas mágoas
um não sei quê que fizestes,
item mais certas enéguas^{II}
35 que à Souto^{III} em prenda lhe destes.

Entre Maria e Maria
toda esta pendência topa;
quem tal imaginaria!
Foste-vos com calma,ia,
40 parastes com vento em popa.

^{II} Indo D. Rodrigo a Lisboa, foi falar com a freira em traje de menor.

^{III} Dona Maria de Soutomaior, Freira em Santa Clara de Coimbra.

42.

Testemunho: P, ff. 56r-57r

Carta

A uma Freira

Isto sim, boto a Cristo;
isto é juízo, tenho-me eu com isto
e jurado a Santo Álvaro da graça
que tinha por desgraça.
5 Mariana querida,
disseram-me que estáveis ofendida
de um doce galanteio;
tenho o papel na mão, inda o não creio.
Isto é ser discretaça por estrela,
10 guapa, corrente, campanuda e bela.
Não há de ser Amor, se em Amor começa,
violência ou quebradeiro de cabeça;
há de ser nos princípios elegante,
no brando, no amoroso, no galante,
15 que os verbos cultos de um fingido trato
chamam-lhe locuções de esfolo-gato.
Quem assi me quiser brandinho e mole
não dirá que lhe vendo gato em fole;
com condição que quando me requebre,
20 me não venda também gato por lebre.
Com este desengano,
venero e adoro ufano
um grande favor vosso;
e do modo que posso
25 a vossos pés dedico
quanto tenho de meu, ou pobre ou rico.
E inda que a candidez de Amor me abona,
meu quarto de azeitona,
de fruta o meu cortiço,
30 o meu chouriço,
o meu queijinho fresco,
o soneto burlesco,

há de ser sempre vosso a qualquer hora;
guarde Deus a belíssima Senhora.

43.

Testemunho: **P**, ff. 57r-57v

Décima

A um amigo do Autor que andava mui ufano por uma Dama que tinha

Cuidará Você, Senhor,
que só venturoso há sido,
pois logra favorecido
de Luisica o primor;
5 engana-se no melhor,
que eu tenho quem mais me ama;
e sem respeitar a fama
nem o que a Sorte reprova,
Maria da Venda Nova
10 morre por ser minha Dama.

44.

Testemunho: P, ff. 57v-59r

Romance

A uma Freira de Monchique

Deixai, Senhora Amaríles,
deixai de zombar de mim,
de fazer tanta moganga
com esses belos jasmins.

5 Não me faleis por trejeitos,
como mudo ou Muchachim,
que não sou negro de Angola
nem Bujamé do Brasil.

10 Nunca me paguei de acenos
nem por momos me perdi;
mais depressa vos tomara
papagaio que saguim.

15 Para que havemos, Senhora,
de andar daqui para ali,
espreitando garatusas
nem pontinhos de Mariz?

20 Melhor fora responder-me
a dous que vos escrevi,
que o não responder-me é parte
só nas moças de servir.

Mas em vós, que sois tão guapa,
tão galante e tão gentil,
moça mais que campanuda
do toutiço mais sutil;

25 não vejo por vida de ambos
a quem o possa atribuir,
senão a ser eu um homem

mais que todos infeliz.

30 Já sabem as moças todas
que me vem para cá vir;
não falo em Maria Benta,
amiga dos meus ceitis;

mas na Ana e mais na sogra,
que publicam por aí
35 que porque sois muito minha,
sou muito vosso Amadis.

Vinde ao ralo, falaremos
cousas muito para rir,
e se houver de ser na grade
40 faremos nosso alfenim.

Daremos figas ao Demo,
mau grado a vilãos ruins,
porque assi entrou o mundo,
assi há já de sair.

45 Amor que no coração
saía de me ferir,
despois que zombo convosco
deu-me quenturas nos rins.

Consumemos matrimónio,
50 não me queirais consumir,
porque vos quero Amaríles
mais do que nunca vos quis.

45.

Testemunho: P, ff. 59r-60r

Romance

A uma Freira que lhe mandou uma palma seca

Sabe Deus, Senhora minha,
se me custa o ser poeta,
e à conta daquela palma,
se dei palmadas na testa;

5 se roí todas as unhas
desta pobre mão direita,
se fiz mil cruces na boca,
dizendo mal das estrelas.

10 Tão palmaz com meu cuidado
que parecer bem pudera,
se não Palmeirim de Oliva,
Palmeirim de Ingalaterra.

15 Para quem vos traz nas palmas,
mandar-lhe uma palma seca,
se não fora confiança,
fora o favor ceboleta.

20 Dizerdes que era retrato
de meu Amor, só me pesa,
posto que por menos verde
pudera arder mais depressa.

Eu sou um moço mui fresco,
tenho bastantes bochechas,
e val mais um palmo meu
que cinco de qualquer freira.

25 Se me víreis em camisa
das ancas até à cabeça,
víreis nua a ferrosura,

com mil roscas de manteiga.

30 Se quereis fazer favores,
mandai-me uma palma fresca,
palma que seja vitória
de esperanças e firmezas.

35 Respondei-me favorável,
que pela Santa Sé d’Elvas
e pela alma generosa
de Madalena Pinheira¹;

40 que vos hei-de querer muito,
mas que o mundo se subverta,
se apaixone o senhor Tio
e a vossa velha não queira.

¹ Era uma criada das Freiras de Celas.

46.

Testemunho: P, ff. 61r-63v

Romance

Feito na ocasião em que o nosso Exército sitiou a Badajoz no ano de 1658. Escrito a D. Brázia de Sá, freira em São Bento do Porto

Dona Brázia dos meus olhos,
olhai que grande requebro
e que pequena lisonja
para os vossos olhos belos.

5 A vós, porque sois Madama
dos Países do Alentejo,
Clóris de Vila Viçosa,
Tisbe de meus rendimentos;

10 a vós só quero escrever
as novas do nosso exército,
e pois vos não mando a planta
irão plantadas em verso.

15 Investiu-se a São Cristóvão
à escala vista, e foi erro,
porque o santo é forte e duro,
prezado de teso e crespo.

20 Estava junto do rio,
no espinhaço de um outeiro,
peleijando no seu bairro,
e assim fez grandes progressos.

Arrimam-se a Badajoz
as linhas, e para o cerco
se fez delas um cordão
alinhado e mui bem feito.

25 Quero-me explicar convosco,
que aclara muito um exemplo,

e dizer-vos que é cordão
pouco mais ou pouco menos.

30 Cordão é como um Rosário:
os fortins são os extremos,
as contas são os soldados
repartidos pelos terços.

35 Pelos quais todos os dias
se reza em todo este Reino
porque não morram alguns
e outros pelos que morreram.

40 Atendaram-se os quartéis,
e vem isto a ser o mesmo
que de uma teia de estopa
fazer vários aposentos.

Os pobretes dos soldados
por este chão se estenderam,
sereníssimos infantes
dormindo sempre ao sereno.

45 Calor para peleijar
não faltou todo este tempo,
que o Sol teve esse cuidado
em Julho, Agosto e Setembro.

50 Agora de febre e frio
estão chorando e tremendo
e com cursos, salva pace,
uns de sangue, outros de medo.

55 Plantaram-se as baterias,
os trabucos e morteiro,
deitam balas, lançam bombas,
com estrondo e sem efeito.

60 De dar à bomba esalfados,
os Vilões dos Artilheiros
não se hão de acusar no quinto
como eu me acuso no sexto.

Conta-se que os Castelhanos
estão em mui grande aperto,
que não há em Badajoz
achar perdiz nem coelho.

65 Que lhes falta água de neve,
 alfaces e peixe fresco,
 e que não têm lá galinhas,
 que é o pior que nós temos.

70 Comem somente os coitados
 pão, vaca, porco e carneiro,
 e legumes com azeite
 e bebem-lhe vinho anejo.

75 Ninguém acha neste sítio
 sítio de nós os rendermos,
 e dando várias razões
 por diversos fundamentos.

80 Resolvem que a razão é
 porque estão junto do Inverno,
 os Portugueses de fora,
 os Castelhanos de dentro.

A gente grande adoece,
os cabos estão enfermos;
que faremos nós sem cabos
e sem punhos que faremos?

85 Se lhe o socorro chegar,
 que se espera por momentos,
 ou nós voltaremos todos
 ou todos nos perderemos.

90 Finalmente, Soror Brázia,
 as cousas estão em termos
 de não termos Badajoz
 nem mui tarde nem mui cedo.

Adeus, mana, que vos livre

95 de olheiras e corrimentos,
vosso grande desperdiçado,
o Capitão Dom Gaiferos.

47.

Testemunho: BGUC, 338, f. 430v

Soneto de Sucarelo

Às Justiças e unhas do Porto

Ó muito nobre e sempre leal cidade,
Meirinhos, Escrivães de serventia,
escudeiros de Sua Senhoria,
que são ladrões por carta de ametade;

5 muito Moiro, Judeu, clérigo e frade,
muito fanchono, muita sodomia;
e o galego a fazer ãa cada dia
com Martinho, Escrivão da puridade;

10 a unha e pena de águia do Mesquita,
do Destribuidor a arte e manha,
as ladroíces do famoso Pita;

com as trapaças de Francisco Aranha,
são os clamores com que o povo grita,
sem haver um remédio a dor tamanha.

Nota: a versão de **BPMP, 755, ff. 63v-64r** não está terminada, pelo que se optou pela versão de **BGUC, 338, f. 430v**.

48.

Testemunho: **P**, ff. 64r-64v

Quarteto

Feito de repente a uma freira de Celas chamada Sarafina, a quem galanteava um
estudante que namorava umas cerieiras

É muito grande mofina,
é muito grande mazela,
que arda em cera amarela
quem não arde em Serafina.

49.

Testemunho: P, ff. 64v-65v

Romance

que fez no Porto a uma moça chamada a Corcôs, indo à Fonte das Virtudes

Fui amar por meus pecados
a velhaca da Corcôs,
e por mais que fiz por ela,
nunca me fez um favor.

5 Bem lhe armei as esparrelas,
mas nenhuma aproveitou,
porque a Puta era cadima
nas mecânicas de amor.

10 Fiz-lhe mil pontes de prata,
entendeu-me logo a flor;
o Diabo lhe dizia
que era eu pobre como Job.

15 Prometi-lhe muitas vezes
uma peça de valor,
mas ela viu que eram peças
e nenhuma lhe acertou.

20 Encontrei-a nas Virtudes
uma tarde c'um tenor;
disse-lhe quatro palavras,
isso que Amor me ensinou:

“—Maria, pois dos meus lombos
és a corcova maior,
porque sem alma e sem vida
perdido de todo estou;

25 “não queiras pagar, ingrata,
por levar a tua a nós;
quantos suspiros me custas,

quantos passeios te dou.

30 “Hei-te de ir escudeirando,
e enquanto contigo for,
dize-me só que me queres,
porém que me queres só.”

Respondeu-me mui tirana,
muito atiplada de voz:
35 “–Tanta honra a João Fernandes,
pague-lho Nosso Senhor.

“Dessa cor fora o meu pano
se ele tomara essa cor;
hei de ser mulher honrada,
40 viva Deus, viva o Senhor.”

Quis-lhe dar um beliscão,
ela andou-me derredor,
mas inda lhe descosi
três passamanes do cós.

45 E vim por ali dizendo
quanto me fora melhor
não tomar esta porfia
que ir morrendo como eu vou.

50.

Testemunho: **P**, ff. 65v-66r

Epitáfio

Na sepultura de um Bedel da Universidade, grande bêbado

Aqui neste posto escuro
jaz um bêbado que tinha
por beber sobre sardinha
ofício de beber puro;
5 mas caindo de maduro,
sua sepultura inventa
junto à pia de água benta;
porque assi quer desta sorte
ter por regalo na morte
10 quem vivo lhe discontenta.

51.

Testemunho: P, ff. 66r-67v

Romance

que fez o Autor em nome de Paio Ferreira Pinto a D. Leonor de Magalhães, a Baida, freira de S. Bento do Porto, por amor da qual o dito Paio Ferreira teve uma pendência no terreiro do dito convento com João do Amaral de Albuquerque, que se caíava e punha posturas no rosto por ser mui negro de cara

Madrepérola algum dia
de quem se logrou convosco,
não só das conchas saído,
mas mui tredo e muito concho;

5 das peças que me fizestes,
ouvi murmurar um pouco,
nos versos deste Romance,
que em bom Romance vos mostro.

10 Quis-vos bem, fostes meu tudo,
agora sois já de todos;
glória dos olhos daquele
que soube encher-vos o olho.

Vi-me convosco na grande,
como em casa de meu sogro;
15 então pude o que queria,
hoje quero o que não posso.

Eu liberal, vós ingrata,
fazendo por vários modos,
eu a vós pontas de prata,
20 vós a mim pontas de corno.

Nas vossas contas não falo,
porque isso são largos contos,
vós cuidáveis de meus gastos,
eu tratava de meus gostos.

25 Não vos toco em ceguedades,
que era melindre forçoso,
sendo vós minha de meias,
por[d]es-vos comigo em pontos.

30 Mas já Amor a quem o serve
não dá bocado sem osso;
estes meus são de comer,
pois tanto deles me corro.

35 Lá vos entendei embora
com vosso Amante crioulo,
que por suas moças de pau
é bem entendido moço.

40 Porque se em outra hora já
armado, horrendo e custoso
o vistes de ponto em branco,
hoje vem de branco em ponto.

Mas isto foram desejos
de vos parecer fermoso;
o mal é que o tem por simples,
andando ele tão composto.

45 Deus lhe dê alva ventura,
porque eu, madre, me resolvo
que heis mister para estas cargas
cada mês um burro novo.

50 De quem eu já solto e livre,
darei, lambendo-me todo¹,
a Deus cem contos de graças
in sæcula sæculorum.

¹ Chamava-se Paio Ferreira, de alcunha Cabeça de Vaca.

52.

Testemunho: **P**, ff. 67v-68r

Soneto

Quando a fermosa mão Fílis movia,
quando a sonora voz Fílis soltava,
como rendia as almas que enlevava,
tudo era alma na métrica harmonia.

- 5 E porque namorado do que ouvia,
o Céu, o ar, o vento se parava,
o coração que apenas respirava,
segunda vez de amores se acendia.

- 10 Em duplicado fogo Amor procura
sacrificar a presa liberdade,
falsas a voz, donaire a fermosura.

Oh poder superior da Divindade!,
Oh singular desconto da ventura!,
achar junto à beleza a falsidade.

53.

Testemunho: P, ff. 68r-68v

Décima

Estando o Autor em casa de Francisco Ferreira de Valdevezo, por ocasião de uma briga deu um desmaio a ãa sua cunhada, que vendo outra irmã sua mais moça e mais fermosa, se desmaiou também à vista da irmã, acudindo-lhe

Fílis um desmaio teve;
como era neve caiu;
de Célia o Sol lhe acudiu
e desmaiou junto à neve.
5 Mais Fílis a Célia deve
em a imitar nos desmaios
do que florecendo Maiores
se ela Sol a socorrera,
pelo risco que correria
10 Fílis, neve junto aos raios.

Quando o Autor fez esta décima pediu aos circunstantes que nenhum dissesse que era sua porque foram os primeiros versos sérios que fizera.

54.

Testemunho: **P**, ff. 68v-69r

Soneto

A Francisco de N[oronha], estando o Autor preso. De consoantes forçados

Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco,
teve a Musa de mim tal nojo e asco
que nunca me quis já meter no casco
métricas influências por São Pisco.

5 Por mais que lhe brindei sobre um lambisco,
fazendo-lhe Turíbulo de um frasco,
mais fria está, mais dura que um penhasco,
aquela que foi raio e foi corisco.

10 Pobre do entendimento rude e tosco;
vede como estará galante e fresco
para entrar a medir versos convosco;

convosco que bebeis como um Tudesco
e tendes granjeado já connosco
opinião de espírito burlesco.

55.

Testemunho: P, f. 70v

Décima

Contra os Sodomitas

Como Autor libelo dá
o bom vaso natural
contra o membro genital;
e se cumprir provará
5 que é de condição tão má
e que tão más contas faz
que por um torpe rapaz
deixa uma moça galante;
não dá nela por diante,
10 mas dá nele por detrás.

56.

Testemunho: P, [ff. 71r-73r]

Romance

A João de Santo Agostinho, Frade Lóio, estando em guerra sua Pátria e o Autor
na Cidade do Porto

Que fazeis na vossa Terra,
Frade de cacaracá,
fora do vosso convento,
em caz de vossas irmãs?

5 Já se acabaram as festas,
e mais inda por sinal
que disse o Pero vendeiro
que foram elas bem más.

10 Houve comédias de réquie,
gente muito principal,
albardeiros da Arrifana,
almocreves de Baltar.

15 Caretas muito sisudos,
sem nenhum deles falar,
gentilmente disfarçados,
os narizes c'um sendal.

20 Deixo os Touros de cavalo,
porque para cavalgar
não há terra como essa
tão galante em Portugal.

Porém, Padre da minha alma,
tudo isto se acabou já;
e vós não acabais nunca
de partir nem de chegar.

25 Se acaso não tomais banhos
nas caldas de Pero Vaz,

não sinto cousa que possa
deter-vos nesse lugar.

30 Perdestes cá peixe fresco,
sardinha viva sem sal,
muita soma de cabrinhas
e muito infindo goraz.

35 Vieram naus do Brasil,
trouxeram muito ananás,
um Francês de Bacalhau,
três caravelas de sal.

40 Prenderam Gaspar de Anaia
por se querer reformar,
ele e mais o seu cavalo,
sem ordem do general.

Proveram mais a João Dias
em Cónigo Magistral,
e mais não leu como Escoto
nem como Santo Tomás.

45 Fizeram nova Abadessa
as Madres do Codeçal,
mas houve de parte a parte
chabinadas a rachar.

50 Eu tenho Freira em Monchique
por ter em que me ocupar,
mulher de grandes primores,
muito honrada e figadal.

55 Não é muito sabichona
que digamos, porém faz
ricas ameixas de calda,
fermoso manjar real.

60 A moça zomba zombando,
bota patacas ao mar
e faz vanglória de ser
grandiosa e liberal.

Livre-vos Deus, Frade Lóio,
d'umas que dão seis e ás,
amigas de falar culto,
mortas por discretear;

65 que entre jogo e zombaria,
vos põe, salvo tal lugar,
um par de cornos na testa,
como tentos de três val.

70 Mas a minha não é destas,
é mulher mui cortesã,
e agora manda um bilhete,
pede-me que chegue lá.

57.

Testemunho: P, [f. 74r]

Redondilha

Fazendo Pontifical Frei Jacinto †, Abade de S. Bento no Convento da Avé-Maria, na profissão de D. Joana Bandeira, pregou o Prior de Águeda e não lhe tomou vénia, e fazendo depois outro o dito Abade na Meã pregou o Prior de Cedofeita Nicolau Monteiro e lhe tomou vénia, dilatando-se muito em seu louvor

Fervem os Pontificais
e ferverão se assi for,
que o que não fez um Prior
fez outro de mais a mais.

D. POEMAS DO MS. 30767

DA COLEÇÃO ADDITIONAL DA BRITISH LIBRARY

Testemunho: L, p. 4

À morte da Condessa de Vilanova

Soneto

Faleceu a Senhora Vilanova;
o Céu o haja por bem, pois que a logrou;
com desejos e fome nos deixou,
e ela se meteu farta na cova.

5 Ūa Senhora foi de grande prova,
e tão clara que nunca se turbou;
de ruins línguas ela só zombou,
com que a sua vida urdiu por arte nova.

10 Muita gente chorou na sua morte,
porque a muitos deu gosto cá na vida;
que assim se paga tudo desta sorte.

Mau grado tenha a Morte fementida!
Que Dama tão corrente e tão de Corte
bem merecia vida mais comprida.

59.

Testemunho: L, pp. 64-68

A um Amante que prometeu, dando Deus saúde à sua Freira, Fulana de Salazar,
casar seis Órfãs e vestir as Serventes da Casa

Décimas

Seis Órfãs, e muito honradas,
e não sei quantas Serventes
se queixam a Deus e às gentes
que ficam desamparadas;
5 com seus homens concertadas,
de muito boa estatura,
estão a Deus e à ventura;
e fica a pobre Beleza
com dotes da natureza
10 e com arras de natura.

As Serventes que com saias
muito luzidas e belas,
se não queriam ser Pélas,
trataram já de ser Maías;
15 porque todos lhes dão vaias,
não querem já sair fora;
cada qual se queixa e chora,
dizendo publicamente
que suposto que é Servente,
20 não é vossa Servidora.

Pedem juntas elas todas
à formosa Salazar
lhe queira fazer pagar
saias e dotes das vodas;
25 ou chamarão pelas rodas
que em Santa Clara tiveram,
onde à Virgem ofereceram
e saúde lhe alcançaram;
fazendo, se não choraram,
30 a pior cara que puderam.

Para as Serventes trazer,
mandareis um pano forte;
nele Amor pintado e a Morte,
que ambos têm igual poder;
35 juntamente recolher
as Órfãs em Santo António,
porque é sutil o demónio;
e fareis feito de um Fúcar;
isto até que venha o açúcar,
40 será doce o matrimónio.

Porém seja de maneira
que às Órfãs se lhe socorra,
que o dito açúcar não corra
pela mão de alguma Freira;
45 que açúcar em conserveira
nunca lhe saiu da mão;
e se ela for Freira então
tereis certa uma demanda,
por fazer do que se manda,
50 por fazer negociação.

As Órfãs enfim casadas
e as tais Serventes vestidas,
em forma de agradecidas
ante Salazar prostradas,
55 em lágrimas desatadas,
dirão em vosso louvor
mil sanchonetas de Amor;
e enfim sereis celebrado,
o Pai das Órfãs chamado
60 e das Serventes Senhor.

60.

Testemunho: L, pp. 69-72

A um Amigo cuja Freira sua desmanchou um braço, a qual tinha dado ao Autor um pouco de pão-de-ló

Décimas

Por vida de El-rei Dom Sancho,
que por razões infinitas
podeis receber visitas
por nojo desse desmancho.
5 Eu, que também tinha gancho,
tenho, Amigo, tanta mágoa
que continuamente frágua
agua meu peito a meus olhos
e em cada um deles a molhos
10 choro dous almudes de água.

É meu sentimento tanto
que só jantando me esqueço,
porque eu nunca me entristeço
naquele tempo que janto.
15 Não fica Santa nem Santo
que eu não tome por terceiro;
a alguns, Padre Nosso inteiro;
a outros, rezo ametade;
enfim, Senhor, em verdade
20 ando feito um rezadeiro.

Queira Deus (mas sinto em mim
quantos meus pecados são)
que diga o Senhor que não,
só porque eu digo que sim;
25 queira Deus pôr cedo fim
a este mal que em tanto aperto
vos tem, que tenho por certo
que sendo por descuidada
a Madre a desconcertada,
30 vós sentis o desconcerto.

Dizei-lhe que digo eu
que tenha tento em seus braços,
já para vossos abraços,
já para regalo meu;
35 meu regalo, pois me deu
pão-de-ló daquela mão,
e assim tal pena é razão,
qual por meu Pai, me descarne,
que se é meu Pai minha carne,
40 esta Senhora é meu pão.

61.

Testemunho: L, pp. 73-75

A uma Freira que enquanto falou com um Frade, falo[u] também com um Estudante

Décimas

Engenho agudo mostrastes
quando na traça em que destes
dous amantes ofendestes
e ambos também obrigastes;
5 de modo a coisa ordenastes
que os Amantes ofendidos
fizestes favorecidos;
e por ardis estremados,
ofendidos e obrigados,
10 cornudos e agradecidos.

Podendo um Frade ocupar
a já destinada grade,
deu a tardança do Frade
vagantes ao secular;
15 quisestes pois despachar
papéis de um e de outro estado
com tão zeloso cuidado,
fazendo em tempos perdidos
que fossem dous escolhidos,
20 sendo um somente o chamado.

Com igual destribuição
o tempo assim repartistes
que os prendestes e os ouvistes,
dando a cada qual ação;
25 assim, com muita razão,
pertendem os despachados
que nos casos reservados
ao Tribunal eminente,
de Amor sejais Presidente
30 na Junta dos Três Estados.

62.

Testemunho: L, p. 79

A uma Freira, Luísa da Vesitação

Décima

Pois que vos fostes, traidora,
da Vesitação chamar,
ou deixai-vos visitar
ou me vesitai, Senhora;
5 que se vesitais agora
quem vos ama, com razão
não temo a vesita, não;
que inda que nos achem sós
quero, por ficar em vós,
10 ficar na Vesitação.

63.

Testemunho: L, p. 80

[A] Um homem que se fazia parente de outro e o estafava cortesmente

Décima

Silva, aqui para entre nós,
não quero que isto se note,
o pé do pobre Filhote
é pé de altar para vós;
5 e como estivermos sós,
vos direi o que isto é,
sabendo primeiro que
cá se murmura entre a gente
que sendo vós seu parente,
10 sois frieira do seu pé.

64.

Testemunho: L, pp. 133-144

A uma freira com quem o Autor se correspondia e que não tendo gostado de outro Romance antes deste, só lhe agradou outro de um ruim Poeta

Romance

Minha Anarda, cuja voz
é como a de um pintassilgo
ou como a de uma frautinha
de órgão que não tem registo;

5 dai-me atenção, que convosco
pretendo alterar o estilo
neste que, em tom de romance,
vos remete o meu capricho;

10 pois que outro que a minha Musa
vos fez, por claro destino,
perdeu em vosso conceito
os aplausos de polido.

15 E só os logrou ditoso
o de um Poeta vadio,
que ao porto dessa Beleza,
passou o vau sem perigo;

20 porque a limitou de sorte,
no epíteto ou no apelido
de que usou, chamando monstro
de beleza a vossos lírios;

dando a entender entre os logros
da aceitação, como digo,
que a pé enxuto passar pode
vosso mar qualquer mosquito;

25 exceto se a vossos lábios
for mergulhar no humor tinto,

que das Províncias da parra
se converte em gargarismos;

30 porque nunca falta neles
este licor, que imagino
lhe pondes, para arremesso
da cor flamante de Tiro.

35 Confesso, primeiramente,
que sois aquele Prodígio,
com quem o céu traz demanda,
como outro Poeta há dito.

40 Mas fora melhor não ser,
porque em tão alto letígio
não há de haver Advogado
que vos dê seu patrocínio;

maiormente sendo Autor
o Céu (como eu vos afirmo),
que é sempre em todas as causas
de superior juízo;

45 e quando vos pôs embargos
(seja por qualquer motivo),
porque embargada não fôsseis
ao depósito do Limbo.

50 Confesso mais que açucenas
são vossas mãos, e epiciclo
do Sol a cela que tendes
para vosso domicílio;

55 porque de estar[d]es sujeita
a seus raios e a seus giros,
que a neve do vosso rosto
se deixou estar, infiro.

60 E finalmente confesso,
de muitas razões vencido,
que esse Convento é um sumário
do Céu, não entrando o Empíreo;

cujos planetas brilhantes,
cujos astros cristalinos,
com o diáfano globo,
fabricado de Zafiros;

65 apostas de raio a raio,
em perenes desafios,
fazem de modo que nunca
deixam de estar competindo.

70 Mas que doidice vos deu,
ó Musa minha! Que é isto?
Não adianteis tanto o passo,
porque vo-lo não permito.

75 Deixai perífrases cultas
para assunto mais altivo,
aonde os voos da pena
se empenham mais presumidos.

80 E continuai o Romance
como lhe destes princípio,
porque se escusam agora
estar com tantos prantinhos.

Qualquer iguaria basta
para Anarda e seus Amigos,
maiormente quando broa
gastam por falta de trigo.

85 Dize pois que este Convento
em tudo é tão parecido
aos Céus que, como se sabe,
até lhe não faltam signos.

90 E quando não tenha os doze
de que dão notícia os livros,
não lhe devem de faltar,
segundo o que entendo, cinco.

E por não encobrir faltas,

95 uma e mil vezes publico
 que lhe falta Aquário Céu,
 Escorpião e mais Virgo.

 Os mais todos tem; e Pisces
 é o primeiro, pois seu mimo
 é peixe o mesmo que nada
100 entre dous pratos metido.

 O segundo Áries, mas cuido
 que em latim me não explico,
 e assim falarei na língua
 em que falam meus vezinhos.

105 É pois Carneiro o segundo
 de que este Céu tem domínio,
 bem que o interesse não pode
 consentir que esteja vivo.

 E por andar arriscado
110 à morte entre alguns ministros,
 sucede achar-se talvez
 a cada quarto vendido.

 E tanto que contra a ordem
 do[s] Signos, a tem por isso,
115 como de Líbera, que havia
 de estar mais distante, unido.

 Porque as Leis lhe não dispensam
 no supérfluo e excessivo,
 e assim todos seus contratos
120 tem a peso reduzidos.

 Segue-se logo o de Tauro,
 que se mandou em concílio
 geral que ajuntasse a casa
 com o Capricórnio frio.

125 Porém são tão semelhantes
 nos efeitos, como visto
 se tem, que fora imprudência

conservá-los desunidos.

130 E neles lhe ampliaram
seu privilégio e destino,
dando-lhe ralos e grades
em que fazer exercício.

135 Gémines tange dobrado;
junto deles se está rindo
de quantas burlas se fazem
ao homem singelo e liso.

140 De tal sorte que aos Planetas
se pegou logo este vício,
de ruim exemplo, que viram
lhes dava seu mau ensino.

A par dele está o de Cancro,
tão ambicioso e faminto
que a todos quartos se pega
como dentro no entestino.

145 Sagitário, ultimamente,
está, como outro Cupido,
tirando com duas setas
a quanto encontra a tiro.

150 Por ver, dos muitos que fere
por sua arte e seu feitio,
se tira algum de proveito
com que vá sendo mais rico.

155 E com isto à confissão
ponho fim, porque os ouvidos
se me quebram, com os grandes
repiques de tantos Signos.

160 Porém, não confesso, Anarda,
que o Poeta vosso amigo
sabe fazer um quarteto
de versos ou um quartilho.

Porque além de não fazer
conclusão em seu sentido,
erra neles, como vós
de o ter[d]es por momozinho.

165 Nesta terra todos dizem
que sois amiga de vinho,
que o Deus que levam as trovas
é um muito seu amigo.

Dizei-lhe que digo eu
170 que vá aprender com Rengifo
para fazer versos certos,
e terá melhor juízo.

E se vos disser que falo
mui soberbo ou atrevido,
175 respondi-lhe que de Torres
assim se fala a Inemigos.

65.

Testemunho: L, pp. 150-152

Aos formosos olhos pretos de uma engraçada Dama

Romance

Olhos pretos matadores,
que nessa bela carinha,
os azuis e mais os verdes,
deixais a perder de vista;

5 que têm os Príncipes negros,
Reis de Congo e de Mandinga,
que fazer com o vosso Império,
que ver co'as vossas Meninas?

10 Sois tão guapos, tão correntes,
tendes tanta valentia
que de rasgados e crudos,
passais escritos de vida.

15 Também tendes de fanchonos,
meus olhos, qualquer coisinha,
pois enganando as vontades,
vos meteis pelas braguilhas.

20 Sois negros, mas sois mui livres,
e desprezando as conquistas,
triunfais das liberdades
de tantas almas cativas.

Sois gentis, não sois gentios;
com graça e com tirania,
nenhuma Lei vos governa,
nenhuma fé vos obriga.

25 Cego Amor das vossas sombras,
nos raios com que fulmina,
em competência das cores,

al blanco del alma tiran.

30 Nos vossos belos escuros
a minha alma anda perdida:
achou-se em serra morena,
não vê por onde caminha.

35 Olhos, vós sois feiticeiros,
porque todo o Mundo afirma
que o Sol vos pede emprestada
a luz com que nasce o dia.

66.

Testemunho: C, pp. 119-122

Romance

Pois que dos meus disbarates
tanta estimação fazeis,
ouvi minhas desventuras
e meus pesares também.

5 Nesses bem-aventurados
campos onde amor vos tem,
apesar do sofrimento,
feito guardador da fé;

10 depois que vos ausentastes,
fui-me entregando a Isabel,
aquele belo feitiço,
de quantos olhos a vem.

15 Achei-a um dia na fonte,
caiu-me a sopa no mel;
era fora Maria Alves,
segundo meu parecer.

20 Disse-lhe amorosamente
dous verbos em Português,
claro, brando e derretido,
tudo quanto pode ser.

Dei suspiros, fiz mugangas,
mais que um negro de Guiné,
que nos princípios amor
ensina muito a querer.

25 Prometi-lhe Seca e Meca,
olivais de Santarém,
mais anos do que serviu
Jacob a bela Raquel.

30 Finalmente abriu-se a Moça,
entre vergonha e prazer,
honesta liberalmente,
piedosamente cortês.

35 Fez-me seu{s} par de favores,
se não foram mais de três,
de que a fonte murmurava,
envejosa de me ver.

40 Mas depressa se engana
quem ligeiramente crê
o toutiço do Verão,
as mentiras da mulher.

Tem outro amor Zabelinha,
outro amante em que me pês,
um sastre da nossa Rua,
que é desastre o querer bem.

45 O Moço é magano e feio,
na fegura é fraca rês,
e atravessou-mo a ventura,
sem que lhe possa valer.

50 Achei-o junto à parede,
posto nas pontas dos pés,
fazendo vários trejeitos,
campando por Bacharel.

55 Eu fiquei tão agravado
que fui para me perder,
mas não me achei em mim mesmo
e susti-me outra vez.

60 Foi-se, deixou-me com ela;
fiz-lhe quatro mil porquês,
não houve fome nem sede,
de traïdora e cruel.

Neste estado nos ficámos
desavindos, até a que

sare amor as mataduras
que dentro n'alma me fez

Nota: A versão de **L**, pp. 156-160 apresenta menos credibilidade, pois é mais tardia e revela interferências do compilador, pelo que se optou pela versão de. **C**, pp. 119-122.

67.

Testemunho: L, pp. 172-176

A uma certa Freira, que se chamava Úrsula da Trindade, correspondendo-se com três Amantes

Romance

Soror Úrsula, que sois
da trindade da Beleza,
uma para três Madraços,
de natureza diversa;

5 Sobre milagres de Amor,
são as palavras do tema,
o que o rifão diz: que o Demo
a dança de três fizera.

10 Fez este jogo o Diabo
quando com Adão e Eva,
o pecado original
caiu na face da terra.

15 Fez a célebre discórdia
das três Deusas lambareiras,
que Páris julgou peitado
pelas promessas de Helena.

20 Fez três Fúrias ou três Parcas
da tesoura ferrugenta,
que as maçarocas da vida
fiam, cortam tão depressa.

Finalmente de três caras
fez Diana, a casta e bela;
que há muito tempo, Senhora,
que já corre esta moeda.

25 Já Pedro de malas artes,

- vindo um dia de uma feira,
enfadado de três Burros,
amantes de uma jumenta;
- 30 depois de cortar aos três
os narizes e as orelhas,
os lançou da ponte abaixo
ao rio que vai por Leça;
- 35 dizendo: “Já que o Diabo
vos fez três, ele vos reja,
pois vos meteu nesta dança,
depois de nacerdes bestas”.
- Só o Diabo quis ser
Patriarca das terceiras;
assim o canta o Lizipo
40 da grã Constância de crê-las.
- Assim o Fénix de Espanha,
o nosso Lope da Vega,
o diz da grande Gerarda,
finíssima alcoviteira.
- 45 Deixo outros bravos exemplos
e sentenças verdadeiras
do grande Amaro da Lage,
expositor desta letra;
- 50 como nota Gil Vicente
em o número setenta,
sobre Maria Castanha
da antiguidade das velhas.
- Porquanto o intento, Senhora,
de toda a minha contenda
55 é tratar de fazer quarto
nesta espadilha imperfeita.
- Entraí pois para os abonos
com três ou com quatro pedras,
quando não forem de linho,

60 serão de panela velha.

E assim, Madre da minha alma,
pois vos prezais de discreta,
da parte de Amor vos peço
que ameis a quatro de meias;

65 que sou, para derreter-me,
brando como umas manteigas;
no mais terei, como os outros,
muito santa paciência.

68.

Testemunho: L, pp. 184-187

Notícia que dá o Autor de sua prisão

Romance

Tem-me Sua Senhoria
metido em ferros d'El-Rei,
e por dizer o que corre,
o que corre é o que me tem.

5 Quem diz que El-Rei o mandou
 não sabe donde isto vem,
 que um só rei não me prendeu,
 cem mil sim, que eu bem o sei.

10 Quem mandou tirar o mandado
 com que me mandou prender;
 já de contado se sabe
 quando foi, como e por quem.

15 Quem lhe manda a Dom Rapia,
 manda a Dona quando quer,
 e o que bem parece à Dona
 parece ao Dono também.

20 Depois que se salvou Dimas
 na Cruz antes de morrer,
 todos nesta vida querem
 de Deus a mesma mercê.

A comodidade infame,
zelosa no que há mister,
abrindo-se à simonia,
faz seita e chama-lhe Lei.

25 Nesta nossa Idade de Ouro,
 não val ser bom Português;
 somente são estimados

os que El-Rei mandou fazer.

30 O vulgo me sentencia
sem piedade e sem quartel,
e se um me condena à morte,
respondem todos: “Amem”.

35 Este me afia o cutelo,
se não me aperta o cordel,
rezam-me todos pela alma,
subvenite sancti Dei.

40 Porém como eu estou preso
há já dous dias ou três,
entre estes votos do vulgo
vai-me rebentando o fel.

Componho-me com a desgraça,
topo-lhe a como vier,
já não há-de ser três paus
o meu azar esta vez.

45 Não foi erro do destino
este invicto padecer,
senão revés da fortuna,
que tudo faz ao revés.

69.

Testemunho: L, pp. 191-192

A um pensamento altivo, falando o autor com o seu próprio, animando-o a que siga as adorações de Nise

Romance

Atrevido pensamento,
já desde agora vos digo,
que para ser venturoso
é parte o ser atrevido.

5 Quem não despreza os temores,
atropelando os perigos,
não merece as esperanças
nem os menores alívios.

10 Amor, que vos deu as asas,
os favores e os motivos,
voará sempre convosco
seguro dos precipícios.

15 Não é culpa o querer bem;
que se amar fora delito,
criara-se a Formosura
somente para castigo.

20 Chegai aos olhos de Fílis,
confessando arrependido,
das passadas covardias
a fé com que as sacrifico.

NB. Pelas poucas coplas, entendo também que ou falta, ou não concluiu o Autor este romance.

E. POEMAS TRANSMITIDOS

POR OUTROS MANUSCRITOS

Testemunho: **BPMP, 127**, ff. 204v-208r

Décimas

Feitas pelo Assucarelo quando se proibiu falar com freiras

Corre por esta cidade,
 porque de rezões me forre,
 que ninguém com freiras corre
 já nesta Universidade;
 5 já lhe nascem pela grade
 mais ervas do que nas hortas;
 todas já estão por portas,
 as freiras estão de graça,
 que se vier[d]es à praça
 10 achareis mil praças mortas.

Pôs-se-lhe uma excomunhão
 que a nenhum secular falem;
 qualquer teme que a declarem
 se declara sua afeição;
 15 já os estudantes não são
 devotos desta Irmandade,
 porque se as freiras na grade
 só tratam frades amantes,
 já nenhum dos estudantes
 20 quer ser com frades, confrade.

Cada um consigo se forra,
 que andávamos por desgraça,
 nós a porra e mais a massa,
 elas a massa e a porra;
 25 tudo o que cá vai é borra,
 já não vem ao pensamento
 bilhete para um convento;
 ninguém quer por mais novato,
 pois se lhe acabou já o trato,
 30 dar tratos ao pensamento.

Já lá vai isto de data
que qualquer por mais demónio
tinha por seu Marco António
quem dava um marco de prata;
35 já disto cá se não trata,
só letras levam o bolo;
e qualquer em tanto dolo,
se em dar era um Júlio,
quer ser mais um Marco Túlio
40 do que ser um Marco Tolo.

Pois amar freiras sem fruto
que talvez ama Escócia
é amar em Roma a Pórcia
só pelo que tem de bruto;
45 se os meus versinhos computo,
mais quer ser varas de Holanda
que ser de uma e outra banda
uma carta; querem freiras,
mais que cartas mandadeiras,
50 cartas de quem lhe só manda.

Não estimam quem lhe assista
com sua vista ou da mais fama;
nenhuma suas letras ama,
só ama letras à vista;
55 cada qual quer ser Tomista
nestas letras por ter voto,
não de câmbio de um devoto;
e há Tomista em que se note
que só por entrar a escote
60 segue opiniões de Escoto.

Ver pôr nos cornos da lua
a sua freira o outro Célio
e por tácito Cornélio
o mande esta Dama sua;
65 vê-lo estar posto na rua
à calma, e o caramelo
adorando por cancelo
a um campanário mui fino,
isto porque tange o sino

70 Dona Cecília de Melo.

Diz ao sino mil rezões
e talvez sem que o desvele
dobrar o sino já por ele
porque lhe faltam dobrões;
75 e cuidam quatro picões
que sem dobrões tudo se obra,
e a Senhora que os cobra,
passarinho já do ar,
em que saiba bem dobrar,
80 sem eles nunca se dobra.

Ver um quando tange e canta
quando ela em breves compassos
de garganta não quer passos,
quer não ficar em garganta;
85 talvez as freiras encanta
não com lhe cantar senão
com tanger ele um rojão,
que ouvindo com cuidado,
se a postura não é cruzado,
90 tocar a la vela se vão.

Ver um com saraus de escola
uma noite toda em calças
à vista de tantas falsas
fazer falsas na viola;
95 e ela tocando-lhe a bola
diz por desdém lá da torre
que de falsos pontos morre
e quer faça um som corrido,
que o que mais retine ao ouvido
100 é o dinheiro que corre.

Ver um por contentamento
já ter as férias à beira
tendo já feito à freira
três mil férias no Convento;
105 vê-lo ir e vir num momento
e a freira que o estima rico
cantar pode ao tal burrico

tu que vás e tu que vens,
tu és o que me manténs,
110 sirolico, birolico.

Ver quanto um amante a mente
requebra à freira e a salva,
já lhe chama estrela d'alva,
tendo ele a de padecente;
115 ver ela o quanto lhe mente
em dizer que sabe amar,
não deixando de falar
com dois mil, e é tão preversa
que sem ser freira conversa
120 com todos quer conversar.

Pois ver um Frei Ambrates
junto a um muro por de fora
todo o dia, toda a hora,
por ser um perpétuo orates;
125 já diz dous mil disparates
à Senhora Dona Elvira,
estão ambos a la mira,
ele para o miradouro,
ela para a mira do ouro,
130 apostando a quem mais tira.

Dais logo à primeira vista
com uma devota da mina,
que por águia ou por rapina
se preza de Evangelista;
135 pois se dais com uma Batista
que faz festa e pregação
a um e outro São João,
tira-vos a capa e cota
e com capa de devota
140 honra a São João de Latrão.

Pois ver prezar-se de agudo
um freirático eloquente
e porque diz um repente
cuida que já venceu tudo;
145 e ela estima mais a um mudo

que dá e cala ferrenho
do que o mais discreto empenho,
e obriga mais de sansúcar
com um engenho de açúcar
150 do que ele com seu engenho.

Se o que mais discreto é
dá a comer dois pés de versos,
conceitos não come adversos,
mas come-vos por um pé;
155 só será o que mais dê
um Camões e um Garcilaso,
que se tendes veia acaso
de Poeta por má estrela,
só vos picarão na veia
160 por tirar sangue do braço.

Ver a freira no Convento
fechado como um castelo
satisfazer com um cabelo
a dez e a vinte e a cento;
165 e arma castelo de vento
o que de ser são se preza,
isto porque ela confessa
que só ele é seu regalo,
quando cuida que é galo
170 acha os galos na cabeça.

Diz-lhe a freira por fineza
“O ser firme me deveis”
e quer pague isto em anéis,
por serem também firmeza;
175 não aceita vossa terneza,
culpa-vos noutro mosteiro,
e se algum por mais patreiro
traz práticas oratórias,
quer que lhe não conte histórias
180 se pode contar dinheiro.

Já sente os agravos vossos
com queixas no ar fundadas,
que vos tiram as queixadas

e vos moem esses ossos;
185 já diz mil defeitos vossos
sem fundamento cabal,
a que quer ser mais leal
e não segue em conclusão
fundamentos de razão
190 mas fundamento real.

Ver uma freira falar
“filho d’alma” a seu galã
porque é da tribo de Dan
e ela do de Isacar;
195 pois ver-se o outro jactar
de sua freira ser gusmão,
quando por linha de Adão
procede de algum tudesco,
ali vem o parentesco,
200 não de Adão mas do que dão.

Pois ver uma aparentada
com mais comadres e avós
e todos comem de vós
sem serem a ela nada;
205 trazem-na disciplinada
a pedir e de maneira
que se o dia é o da freira
se fica o pobre coitado
mais que ela disciplinado
210 com disciplinas de freira.

Vedes uma velha em flor
gabar a freira que empara
com mais nichos em a cara
do que tem um altar-mor;
215 já vos diz que “grande amor
vos tem filho esta menina,
outra freira não há tão fina
que melhor saiba querer”;
sempre anela por vos ver
220 e por muito mais se fina.

Por vos tirar quatro anéis

vo-la põe em oferendas,
e sem freira de prendas
quer que uma prenda lhe deis;
225 faz que com ela gasteis
mil joias sua comadre
e que um não entre e quadre,
que entre amor mais reverendo,
madrepérola não sendo,
230 quer pérolas qualquer madre.

Se é música por seu mal
vos persegue e vos abrasa
por cançonetas com graça
para a noite de Natal;
235 e que sofra um pobre tal
por esta encerrada Dama
e que por mostrar que ama
lhe busca porque não falhe,
um e outro passa calhe,
240 passando calhes de lama.

Que se mate outro tanto
talvez com um vilancico
e que escreva com grão pico
letras que ela tem sem conto;
245 e que ela não forma um ponto
para baixo sem baixão
e que só dá augmentação,
mil pontos saiba formar
e nos faça a nós cantar
250 os pontos de alteração.

Dais-lhe a solfa com receio
de agradar a compostura,
que em que lhe deis por natura
não vos dão pontos do meio;
255 que esteja com este asseio
um amante tão notável
e não baste que em painel
de mil pinturas cada ano
mas que de bom quadro em pano
260 e bom quadro no papel.

Ver prezar-se de Poeta
a freira talvez na grade
e só pela quantidade
do que recebe é discreta;
265 sendo contínua esta festa,
traz dous versinhos na mão
e diz glosas com tenção
primo em décima esses pés
e nisto leva talvez
270 a décima de enche-mão.

Já vos pede com mil momos
tomos de livros que ler,
e ela não deseja e quer
os livros senão os tomos;
275 para não sofrer tais comos
e amor suas lanças vibra,
é bem que cada um se livre
dos corpos de livros quando
a tal freira que está amando
280 se fica com o corpo livre.

Entremez para folias
nos pede duzentas vezes,
e são mais os entremezes
do que são os entredias;
285 comédias e comedias
fazem sem tempo devido,
e entre esta festa e ruído
vos envestem com branduras
que vistais quatro figuras
290 inda que fiqueis despido.

Já se acaso por mau fado
foi uma Abadessa amada,
quer que lhe honreis a perlada,
inda que fiqueis pelado;
295 quer fogos e desenfado,
quer justas e quer parelhas;
“filho, dizem quatro velhas,
não façais disto se há amor

orelhas de mercador”,
300 e assim vos tiram as orelhas.

E que se como um amante
por ter freira linda e bela,
estando comendo ela
do pobre de um estudante;
305 talvez ela ama enleante
a uma certa dignidade
e ao dar lá frieldade,
diz amiga que tem cara:
“Quanto meu Doutor folgara
310 com esta ventosidade.”

De dar palavras a freira
em grade ou ralo me privo,
que é joeirá-las por um crivo
ou ralo de escumadeira;
315 amar já desta maneira
não quero, amigo, nem sei
em que fé ou em que lei
vivia com tantos erros;
já me livreí destes ferros
320 como de ferros de El-Rei.

Com freira não haja freirar,
que tudo é freirar se há freira,
e vir por freiras à feira
não é freirar mas feirar;
325 já é disparate o dar
a freiras em cujo estado
fazer não podem ao amado
nem pecado nem mercê,
e ele como bem se vê
330 faz-lhe mercês e pecado.

Que peque Adão improviso
porque se o pomo gostou
da árvore que lá achou
no meio do Paraíso;
335 mas que sem gosto precioso
eu peque será mui feio,

e assim a fugir-me estreio
para isso que em si tem
no meio o mal e o bem
340 sem dar mal nem bem do meio.

71.

Testemunho: **BGUC 338**, ff. 310r-310v

Sátira
dos Estudantes contra os Frades

De Sucarelo

São graves os estudantes e bem-nascidos,
para falar com freiras escolhidos;
os Frades, porcalhões e malcriados,
são em todos seus gostos desgraçados;
5 logo ir querem ao cabo
e fedem a bedum como o diabo.
Que cousa tão alegre e tão galante
é ver chegar à grade um Estudante;
que conceitos, que graça e que aviso!
10 Parece qualquer deles um Narciso.
 É bem-aventurada
a Freira que de Estudante é namorada,
pois já se aconteceu que entre paredes
em calções e em jubão um dia o vedes
15 bem calçado, bom jubão, meia e sapato.
Do frade em tudo é contrário o fato,
 que há de sofrer por força
sapatões e calções de Saragoça.
Ver como um Estudante ali se obriga,
20 só com tocar um dedo da sua amiga!
O frade cuida que não tem ventura
se não lhe chega logo à forçura.
 Ó lobos carniceiros,
quem sofre os Diabos nos mosteiros?
25 Um Estudante sofre seus ardores,
encobre ânsias e descobre amores;
à sua Dama faz ali mil tiros
com lágrimas ardentes e suspiros;
 e com humilde rogo
30 alívios pede, abrasado em fogo.
O Frade acha o aperto mui penoso,
com uns olhos está de cão raivoso;

não acha cousa que o satisfaça,
 tem a pena dos gatos de Alcobaça;
 35 e é possível que queira
 saltar lá dentro, engolir a Freira.
 Um Estudante, por não envergonhar-se,
 busca palavras com que explicar-se,
 e sendo às vezes a petição justa,
 40 mostra que esse pedir sempre lhe custa;
 e com discretos meios,
 para chegar ao fim busca rodeios.
 O Frade, Deus nos livre, logo atira
 ao fito, e se a freira se retira,
 45 nem discrição nem paciência tem
 para saber sofrer um só desdém;
 a fúria se provoca
 e qual a besta fera escuma pela boca.
 Diz um Estudante: “Essa mão cristalina
 50 me permiti tocar, Deusa Divina,
 para que experimente a alma em tempo breve
 que aumentam seus incêndios essa neve,
 para que com tal prenda,
 sendo já vosso, outra vez me renda.”
 55 O Frade diz: “Olá, senhora freira,
 já saberá de mim esta manqueira,
 que eu não venho aqui a dizer ditos;
 arregace essas mangas ou manguitos,
 dê-me logo essa mão,
 60 não queira ter comigo condição.”
 Um Estudante diz: “Ídolo d’alma,
 que dos sentidos meus tendes a palma,
 não me queirais matar, que vos adoro;
 havei dó destas lágrimas que choro,
 65 de minha dor indícios,
 d’amor premícias, d’alma sacrifícios.”
 Um Frade diz: “Que é isto? Faz-se grave?
 Olhe, minha Senhora, não me agrave,
 que me irei por aquela porta fora
 70 e a deixarei aqui muito em má hora.
 De quando acá com Frades
 se usam nas grades essas gravidades?”
 Um Estudante diz: “Estou penando
 por ver que vai o dia já acabando.

- 75 Ai, doce vida minha, quem pudera
deter do sol o carro em sua esfera!
 Porque glória tão alta
temo que hei-de morrer se ela me falta.”
O Frade diz: “Bofé, que quanto é isto
80 é para um doente bom apisto;
eu não me sinto inda enfermo
que me haja de pagar só deste termo,
 que esta bugiaria
é comer papas em almotolia.”
85 Isto é, minhas manas, o que passa;
se ainda achais os Frades ter mor graça,
ali os tendes, lá vo-los deixamos,
com que nos queirais a nós nos contentamos;
 acabe-se esta briga,
90 façamos pazes, cada qual sua sorte siga;
mas não cuideis perdemos nosso brio
porque dizem entrou em desafio
o rouxinol com o cuco, e não faltou
quem de músico ao cuco mais gabou.
95 Tais sereis vós agora;
são horas de jantar, ficai embora.

72.

Testemunho: **BGUC, 391**, f. 252v

Do mesmo Autor, ao jantar que o Marquês de Ar[r]onches deu aos pobres do Hospital

Soneto

Neste insigne aparato que à vaidade
pudera ser matéria na riqueza,
triunfam como sempre da avareza
os aplausos ilustres da piedade.

5 Ocupada a grandeza na humildade,
vencida a Majestade na pobreza,
alcançais na humildade mor grandeza,
desprezais com a pobreza a Majestade.

10 Descuidado o respeito em atos nobres,
por mais rico entre pobres vos publico;
entre humildes a vós vos excedestes;

pois sendo enfim jantar de humildes pobres,
não deixou entre pobres de ser rico
nem entre humildes o valor perdestes.

73.

Testemunho: **BGUC, 303**, f. 14r

De Sucarelo

Às esperanças do tempo

Soneto

Sou vivo sepulcro de esperanças[,]
pobre mortalha de um triste, vida
bem empregada, porém mal perdida
entre ingratidões, entre mudanças.

5 Um campo de batalhas e {de} vinganças[,]
sombra vã de que fui, de mim ferida[,]
Tróia abrasada e nunca consumida
na cinza de tão justas confianças.

10 Lastimo a quem me vê sepulcro e sombra[,]
campo, mortalha, Tróia; e só me estima
por fábula do mundo e passatempo.

A ti só, ingrata Lísis, não assombra,
e quando assombra, nunca te lastima
este mostro de amor, fortuna e tempo.

F. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA

Testemunho: L, pp. 45-49

[Para já, apurámos que as décimas surgem anónimas em 4 fontes e unicamente em 1 testemunho se atribui o texto a Sucarelo (BL Add. 30767), enquanto noutro surge rasurado "Asucarelo" (BN 13217). Noutros testemunhos são atribuídas bastante consensualmente a D. Tomás de Noronha.]

Décimas

- Absorto na quarta esfera
do Sol dessa Formosura,
Ícaro em tanta luz pura
me derreti como cera;
5 então culpa cometera,
indigna de desculpar,
em durezas ostentar;
e é o caso muito galante
ser eu o primeiro Amante
10 que por brando vi culpar.
- Quem condenou tal história
devera considerar
que sem primeiro purgar
não deve gozar a glória;
15 chame-lhe culpa notória
o vulgo errado e sem tento,
que eu de todas me acho isento;
porque não há lei que obrigue
que por culpa se castigue
20 o que foi merecimento.
- De tal sorte me enlevei
naquela glória que via
que em mim de mim me esquecia
quando em vós me transformei;
25 ao desatino atentei,
pois se os sentidos perdi
as potências d'alma, ali
me deixaram sem vigor;
então senti mais de amor
30 quando menos me senti.

E a quem delito parece
não deve de entender mais,
que acção de obras naturais
não merece ou desmerece;
35 antes mui bem se conhece
que pelo que fica dito,
foi merecer infinito,
pois se a parte superior
estava em vós, é louvor;
40 se estava em mim, é delito.

Que demonstração melhor
pudera justificar
quanto me fui remontar
no império do vosso amor
45 que estar a parte inferior
em tão destinto descuido
que suspenso, cego e mudo
e a vista em vós enlevada,
não dando eu fé de nada,
50 dizem que dei fé de tudo?

É tal o erro das gentes
que só por me dares pesares,
o que é mau nos calcanhares
foram tomar entre dentes;
55 triste sorte a dos ausentes!
Mas pelo que a mim me toca,
vingança não me provoca
nem defesa; porque enfim
me está defendendo a mim
o que eles tomam na boca.

75.

Testemunho: **P**, ff. 69r-70v

[Para já, apurámos que o romance é transmitido por seis testemunhos: o Ms. P, que o atribui a Sucarelo, e cinco miscelâneas, que o dão como sendo de António da Fonseca Soares, que à partida deveria ser considerado como autor mais provável.]

Romance

A uns arrufos

Não gosto, não, vida minha,
de ver vossas caravanas,
pois para ser[d]es Maltesa,
ter-me por Turco vos basta.

5 Com chamar-vos “vida minha”,
dais de sorte em maltratá-la,
que chamar-vos “minha morte”
mais é razão do que raiva.

10 Lá vos queixais em segredo,
sem ver que, apesar das traças,
quem se queixa às escondidas
não tem razão muito às claras.

15 Se ofereço às vossas queixas
as minhas pobres queixadas,
para que o vosso melindre
folgue de pôr-mas na cara;

20 fazeis gala da braveza,
e é cousa desnecessária
mostrar que sois brava moça
para ser moça bizarra.

Não me ponhais de Endoenças
esse rostinho de Páscoa,
pois para fazer-me a festa
são as paixões escusadas.

25 Vede, minha fermosura,

que perdeis na ira a graça,
pois tudo o que era bom rosto
se vai fazendo carranca.

30 Vede que a muda das iras
no rosto de Amor põe manchas,
porque quem muda de cores
de algum modo faz mudanças.

35 Se quereis, feita um Demónio,
vingar, meu Anjo, esta mágoa,
porque não só pague o corpo,
aqui estou em corpo e alma.

40 Se das Mirtas em Galiza
se vos mete a patarata,
dizei que tem cousas mortas
o regalinho das Martas.

Tá, meu Amor, não brinquemos,
que eu não sou destas trapaças,
e assaz corrida esta folha
vai das que esta me levanta.

45 Não mais co' as mãos de entrudo
me deis no amor bofetadas,
porque a razão se injuria
desse aleive que se assaca.

50 Não mais esta vossa birra
me cononize as maranhas,
que a fé será pecadora
se a cara minha for farta.

76.

Testemunho: L, pp. 122-124

[Para já, apurámos que o romance é transmitido por 1 testemunho principal que o atribui a Sucarelo; no entanto, 2 manuscritos secundários (BGUC 544 e PA, V) atribuem a autoria a Tomé Peixoto de Sá.]

A D. Luís de Sousa, que tratando com D. Joana de Sarmento, Freira de Lorvão, a deixou por saber que falava também com D. Manuel de Sá, pois que trazendo a portadora cartas para ambos as trocou &a

Romance

Que ides forro e a partir
com Dom Manuel de Sá
nos amores de Lorvão,
já ouvi articular.

5 Porque vindo a *Figueireda*,
que a todos cartinhas traz,
dizem que trocara os naipes
quando foi a descartar.

10 Porém o Doutor Figueiros,
(que é bem advertido assaz)
«– Vamo-nos (disse) à baralha»,
como viu cartas de mais.

15 Tornaram-se a dar as cartas
e tornou-se a mão atrás;
e saiu o irmão do Conde,
que a sota vos quis roubar.

20 Vós os dous de basto tendes,
por escolher o metal,
salvo se isto vai de compra,
onde ganha quem mais dá.

Se eleger[d]es, seja de ouros,
para dar[d]es a beijar
o Ás a vosso Parceiro,

pois tão desejoso está.

25 Aquele *Dona Joana*,
que de *Sarmento* foi já,
hoje Freira de Sarmento,
em sarna se tornará.

30 Isto já por cá tresanda,
que como casada está
com o irmão do *Camareiro*,
vede se tresandarás.

35 Foi-se à Câmara serrada
e vós ficastes à pá;
Dom Manuel deu a ré
e ela disse «arre lá».

40 Se por carta de ametade
casado quereis ficar,
bem podeis andar de meias,
porém de botas o Sá.

77.

Testemunho: **BPE, R, CXIV/1-14d**, ff. 203r-203v (D. Tomás de Noronha)

[Para já, sabemos que o romance é transmitido por cinco testemunhos manuscritos: o Ms. L, que o atribui a Sucarelo, e quatro miscelâneas, uma dos quais o dá como sendo de D. Tomás de Noronha, ao passo que nas restantes o texto vem sem indicação de autoria.]

De D. Tomás, a todos os fanchonos de Lisboa, acudindo pelas Damas da Corte ou queixando-se em seu nome de que lhe não assistiam por assistir a Rapazes

Sátira

Queixa-se o Mar de Sodoma
de ver que passam seu vau
o Ginete, Macho e Mula,
o Asno, Bode e Quartau.

5 A natureza se queixa
de que um Fidalgo marau
deixe peitos de perdizes
por rabos de bacalhau.

10 Queixam-se as Damas da Corte
que estando baixas de grau
e tendo as barras abertas,
não entre por elas nau.

15 E que estes Ninfos cheirosos,
navegantes de culau,
deixem o caminho direito
pelo baixo e de calhau.

20 E nas tromentas da carne,
as mãos ferradas no pau,
vão nos rumos de Cuama
a buscar porto bem mau.

Estes tais se acaso vão
a algũa festa ou sarau,
deixam de bailar com cota
por damar com birimbau.

25 E quando entram no cio
com todo o seu marramau,
fogem do Senhor Dom Mendo
pera qualquer birimbau.

30 E pela mais linda Dama
não darão um só tacau,
deixando Júlia Gonzaga,
buscando a Gil Nicolau.

Enfim deixarão na grade
a Dona Isabel Tibau,
35 sem querer falar com ela,
por falar com um Macacau.

Estas novas escrevia
Frei Valério Carapau
ao Padre Nuno Vicente,
40 que é Vigário de Macau.

78.

Testemunho: **BNP, Pb, 133**, f. 37v (D. Tomás de Noronha)

[O texto é transmitido por três miscelâneas manuscritas, uma das quais o atribui a Sucarelo, dando-o outra como sendo de D. Tomás de Noronha, ao passo que na terceira surge sem indicação de autoria.]

Soneto de D. Tomás

Não há amor que iguale ao da fragona
no termo e gentileza de seu trato,
porque além de ser sempre mui barato,
vos lava punhos, lenço e balona.

5 Ela é dama galharda e não se entona,
nem tão-pouco quer cartas de torcato;
tratai-la lhanamente e com recato,
dai-lhe e chamai-lhe [puta] velhacona.

10 Quando quereis dormi-la, diz “não quero”,
mas este é o sim que dá toda a fragona
quando tem afeição a um bocado.

Enfim, só seu amor é amor mero,
fora andais de disgosto e peleona
farto, quente e limpo e repousado.

II. RÉPLICAS AOS POEMAS DE SUCARELO

OU COM ELES RELACIONADOS

A.

Testemunho: **Obras de D. R. Macedo**, p. 323 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Vindo os Doutores Duarte Ribeiro de Macedo e João de Sucarelo buscar ao Senhor D. Rodrigo de Meneses, Regedor da Justiça e Casa da Suplicação, e não o achando por andar no cortejo da Senhora com quem havia de casar, lhe deixou cada um sua décima.

DUARTE RIBEIRO

Daqui, Senhor Regedor,
depois de largo esperar,
o tugúrio vão buscar
um Bacharel e um Doutor;
5 levam suspeitas que amor
sabiamente vos detém,
que tarde o gosto convém!
Porque em prémio da esperança,
logreis após da tardança
10 eternidades de um bem.

B.

Testemunho: **Obras de D. R. Macedo**, p. 324 (D. Rodrigo de Meneses)

Em resposta lhe mandou o dito Regedor uma torta de presente com a décima seguinte, que por pertencer à matéria se ajunta neste lugar.

DÉCIMA

De uma em outra esperança
passo as noites, passo os dias,
ocupado em fantasias
de uma futura bonança;
5 anima-me a confiança,
esperando a desejada
hora bem-aventurada
de um futuro bem somente,
que o presente não é nada
10 e nada vai no presente.

C.

Testemunho: **Obras de D. R. Macedo**, pp. 325-327 (D. Rodrigo de Meneses)

RESPOSTA COM GLOSA.

- Amor que por glória tem
ser de penas liberal,
a ventura me detém,
por dar a preço do mal
5 a posse feliz do bem;
e porque desesperado
não sinta o mal da tardança[,]
com fina razão de Estado{,}
vai-me entretendo o cuidado
10 *de uma em outra esperança.*
- Na dor que o peito sustenta[,]
no estranho de meus pesares[,]
minha sorte representa
vela que cortando os mares
15 achou no peito a tormenta;
de amor sinto as tiranias,
mas alívio ao mal me dão
prometidas alegrias,
em cuja contemplação
20 *passo as noites, passo os dias.*
- Quem sabe amar e esperar
sofra penas e rigores,
faça gala de penar
e em meu peito e minhas dores
25 aprenda a esperar e amar;
que entre rigor e porfias,
de uma tardança os enganos
as horas converte em dias,
e os dias conto por anos
30 *ocupado em fantasias.*
- Mas a causa superior
de meu sentimento é tal

que como efeitos do amor
faço estimação do mal
35 e sacrifício da dor;
de meu peito a segurança
penas e males despreza,
pois contra o mal da tardança
acho alívios na certeza
40 *de uma futura bonança.*

Não sabe o que amor ordena,
pouco sem cuidado estima
quem a esperança condena;
é alma que o mundo anima,
45 remédio que esforça a pena;
é nas tormentas bonança,
alívio no sentimento,
e nas asas da esperança
atreve-se o pensamento,
50 *anima-se a confiança.*

Da esperança afirma alguém
que não é nem bem nem mal;
mas este que espero tem
de bem privilégio tal
55 que até na esperança é bem;
e a fantasia ocupada
na contemplação ditosa
de hora tão solicitada
faz que não sinto a penosa,
60 *esperando a desejada.*

Hora aonde está cifrado
todo o bem que amor procura
e em quem rendido e prostrado
há de pôr sobre a ventura
65 troféus de amor, meu cuidado;
e posto que dilatada
pareça que os bens me negue,
de minhas ânsias buscada,
há de ser, sempre que chegue,
70 *hora bem-aventurada.*

É tal em meu coração
de meu cuidado a excelência
que otram mais em conclusão
os bens da imaginação
75 do que os males na experiência;
e assim sofrendo a tardança,
meu peito as penas não sente,
livro os males na esperança
de um futuro bem somente.

80 Padece em mar inconstante
das ondas a variedade
o mísero naufragante,
e em vendo o porto diante
se esqueceu da tempestade;
85 desta sorte independente
dos males, nos bens seguro,
tanto a causa reverente
me suspende no futuro
que nada vai no presente.

90 Quem dirá que entre o rigor
executado no peito[,]
por maravilha de amor
uma glória no conceito
desterra do peito a dor[?]
95 Mal e bem meu peito sente
na esperança dilatada,
um futuro, outro presente:
o futuro é bem somente
e o presente não é nada.

D.

Testemunho: **BGUC, 359**, ff. 162r-163v (Gregório Martins Ferrão)

[Réplica à Silva *Meu Gregório Martins, Deão do Porto*, de João Sucarelo Claramonte]

Resposta do mesmo Deão do Porto Gregório Martins Ferreira, de que são as poesias que se segue

Olá, Senhora Musa!
Sele Você o Pégaso e p{e}la posta
a Elvas vá levar esta resposta
e de água ãa infusa
5 da fonte de Monchique cristalina,
que nevada das mãos de Caterina,
por fria e por doce é caramelo[;]
refresque ao Doutor João Sucarelo,
que me pede sedento,
10 mais que o rico avarento,
quando Lázaro estou em tantas mágoas,
lhe dispense ãa gota destas águas
pera a língua eloquente
do Cisne[,] que cantando a morte sente[,]
15 do Fénis[,] que abrasado em própria chama
as asas vivifica pera a fama
levar por toda a parte
em seu nome e memória
enveja a Apolo e competência a Marte[.]
20 Bem será que logrado meu desejo
nas pirâmides altas de ãa história,
entre aqueles heroicos Portugueses
que recolhem nos campos de Alentejo
humedecido em sangue o polvo honrado
25 da rama bem ganhada duas vezes
do sagrado loureiro[,]
poeta e cavaleiro
outro século o vejo laureado.
Porém, enquanto não chega este dia,
30 ãa ajuda lhe demos de água fria[,]
um pano de água[,] um fresco lavatório
que o possa aliviar no Purgatório

donde está[,] com esperança e fé inteira
de cedo ir ver a Deus à Vedigueira[,]
35 que Baco assiste ali em forma branca
tão puramente como em Peramanca,
de cujo néctar val mais um quartinho
que as fontes todas de Entre-Douro-e-Minho[,]
que é também Líbia ardente
40 quando o suão na Golegã se sente.
Não tem esta Província coisa boa[,]
Deus me torne às abas de Lisboa[;]
de Alenquer à Ribeira ele me leve[,]
lá morto me será a terra leve.
45 E se por desventura
me enterrarem no Porto,
este Epitáfio deixo à sepultura:
[“]Aqui Gregório jaz duas vezes morto,
porque não achou gente em sua vida
50 pera a passar alegre e entretenida[.”]
Depois que me deixou o Deão de Elvas,
não gozei mais de Gaia as frescas selvas,
não me embarquei no Douro,
porque entendi que me curtia o couro
55 esse povo gentio
vendo-me de almofadas e alcatifa[;]
vivo agora à patifa,
das janelas do Paço vejo o Rio,
que sobre areias de ouro
60 de chameleto de águas veste luto
e em lágrimas ao mar paga tributo,
com sentimento natural da morte
do Príncipe[,] que agora habita a Corte
celestial e eu este deserto,
65 só por não ver tanto capuz aberto
que {a}inda mais que o Correio me molesta[.]
E por isso não sou mais largo nesta[;]
Deus vos guarde e livre desta terra,
que sempre foi desterro em paz e em guerra.

E.

Testemunho: **BGUC, 338**, ff. 420v-421v (an.)

[Réplica ao Romance *Foi Sílvia para Alentejo*, de João Sucarelo Claramonte]

Resposta do Lima ao Romance retro f. que fez Sucarelo ao Doutor Santos de Moura

Parte o medo para Aveiro,
praza a Deus não torne cá,
pois podem viver sem ele
na guerra como na paz.

5 Antes de pôr-se ao caminho
falou à velha leigal,
companheira muito antiga
na cama, mesa e no lar:

10 “Se vós sois meu escritório,
meu contador singular,
arca velha dos tesouros,
de todo o meu cabedal;

15 “sede secretária agora,
mui atenta [a] meu mal,
não para compadecer-vos,
mas para me aconselhar.

20 “Vejo vezinho Buarcos,
Coimbra sem gente está;
o Castelhana suspeito
que vem por terra e por mar.

“Vou-me recolher a Aveiro,
terra a mais firme e capaz,
mas avisai no correio
de tudo o que cá passar.”

25 “Senhor, respondia a velha,
você atente o que faz

não ande em bocas do mundo,
não lhe dê mais que falar.

30 “Nem queira que o Montearroio,
inimigo capital,
me dê varas cada dia
com a falta do jantar.”

35 “Mas isto cá não importa,
haja vida e caminhar;
seguir quero a Valdevinos
se ao bom Sílvio atura Blas.”

40 “Faça Você o seu gosto
que eu ficarei a chorar;
fique Blas de la Cabaña
sabe Dios si volverá.”

Assim se despedem tristes
dando com abraços mil ais:
“adeus, minhas carnes moles”;
“adeus, meu unto sem sal”.

45 Agora entro eu e digo
que não posso averiguar
em que fundais tantos chistes
tanta presunção voraz.

50 Nem levo em paciência
desatino sem igual
que façais rimance a Sílvio,
filando a pedra desleal.

Mas sabeis de que vos nasce
este vosso murmurar?
55 Fazeis gala do timor?
Medo vem do natural.

Meu amo se na jornada
começou de suspirar,
foi chamar-vos como amigo
60 por não ficardes na paz.

Ingrato andou vosso ingenho,
Senhor, pese a Deus com tal;
sois agudo como um ente
dais os piques por detrás.

65 Pondes ao sol Mariana;
 que rude, que tonto andais!
 Não sabeis que o sol não pode
 ser seu lacaios capaz?

70 Só Mariana por Cristo,
 apesar de quantos há,
 é assombro dos assombros
 no belo e no liberal.

75 Chamardes a Francelisa
 maravilha singular
 foi dar o seu a seu dono,
 como o mundo diz por cá.

80 Mas logo tantos desdêns
 daquele doce maná
 por real vos desagrada,
 lá disputareis o mais.

Em que tivesse bafio,
bem o podereis tragar,
que outros tragais cada dia
sem serem manjar real.

85 É intendida a Vilhena;
 nosso São João virá
 em que o norte vos ensine
 por Diosa e por Deidad.

90 Morre quem com ferro mata,
 rifão é muito geral;
 o desacertar de língua
 costuma a língua mingar.

Ainda lhe jura o Lima

95 que não há aqui de parar;
faça a mulher de couraça
que anda mui perto Gil Vaz.

100 Não despreze estes avisos,
não me tenha por leigal,
quem me avisa bem me quer,
ouvi mil vezes contar.

Também o pôr terra em meio
será remédio eficaz,
calçar plumas, vestir asas,
em vez de correr no ar.

105 Não para o reino de França,
que nos assiste leal,
mas para as partes remotas
do grã-Cairo ou grã-Pará.

110 Que a tão ligeiros temores
inda julgo que será
breve espaço o mundo todo,
cifra breve Portugal.

F.

Testemunho: **PA, I**, ff. 93r-93v (an.)

[Réplica ao Soneto *Padre Girão, se a Vossa Reverência*, de João Sucarelo Claramonte]

Soneto em resposta

Diga, assim me perdoe a Reverência,
Filho do Israelita patriarca,
que sendo tão Pigmeu, só tem de marca
vida, língua, nariz e consciência:

5 condena-se em ouvir minha ciência?
 Não sabe que Camões, Lope ou Petrarca
 não chegam com seu verso à minha alparca?
 Não me espera descarga e tem paciência.

10 Esperar o Mexias centopeia,
 que caminhando ainda qual Pegaso,
 não tem inda caminhado légua e meia?

Naso sem par e nada de Parnaso,
sabe porque o não levo à cadeia:
porque ãa Águia de moscas não faz caso.

G.

Testemunho: **BPMP, 127**, ff. 199r-199v (an.)

[Réplica ao Romance *Reverendo Estagirita*, de João Sucarelo Claramonte]

Resposta do Frade

Ó tu, médico em ditongo,
cura-portas por ofício,
meio mono, meio tolo,
mal barabado por lampino;

5 çurgião de cochichino
me pareces mui ao vivo,
Doutor só de trapos velhos,
ou senão Doutor em cisco;

10 homem chato e carilongo,
quem te vestiu de comprido?
Não murmures dos que pregam
como manda Jesus Cristo.

15 A minha prosa não pode
tragá-la qualquer cochino;
pode contudo, Senhor,
mordê-la qualquer perrinho.

20 Vilão tosco nunca soube
mais que vida a valdovinos;
como hás-de saber do culto?
Como hás-de entender do fino?

Anti-Cristo tu me chamas,
melhor fora anti-bugio,
porque qualquer que tu és
faz temer o meu latido.

25 Grandes piedades vos devo;
e como sois compassivo,
pois temeis que possa um raio

dar comigo no abismo!

30 Olhai, Douto: nunca um raio
doutro raio vi ferido;
de badalo só me temo,
que sois vós badalo fino.
Uma confissão geral
35 me mandais fazer; eu digo
e confesso geralmente
que vos tem por tramas urdido.

Quer falar na Teologia
um barbado de improviso,
a pouca broa criado,
40 ou de centeio ou de milho.

Uma questão de Apogrifos
tem Você, Sô Apogrifo,
bem que inda assim o tem,
juro ao hábito de Cristo.

45 Senão digam-no meus males
que nas mãos de tal cachimbo,
sendo achaques de discreto,
os fazia de tolhido.

50 Oh, que pontinho toquei
meu tolo, meu Senhor brinco,
ou para falar mais certo,
de Ricardo grã burrico!

Para ter barbas receite
Vossarcê qualquer trovisco,
55 por que há-de ser em mi culpa
imitar a Pravicino.

Nisto do libro já sabe,
Doutoraço ou Doutorinho,
que as cousas não as entende
60 quem no que entende é menino.

Assi lhe não dou resposta

porque toca latinismo,
que fora erro mui grande
pôr-me com um burro aos rinchos.

- 65 Só digo, Senhor fidalgo,
pelo ter a meu princípio,
que de tontos e de nécios
mal se livra um entendido.

H.

Testemunho: **BPMP S 747**, ff. 266v-267r (an.)

[Réplica à Redondilha *Mande-me Vossenhoria*, de João Sucarelo Claramonte]

Resposta

Antes que pão, muito açoute
Vossa Mercê merecia,
pois come o de cada dia
e me falta cada noute.